

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA – MESTRADO E
DOUTORADO**

MARCELO MACEDO CAZARRÉ

**Um virtuose do além-mar em terras de Santa
Cruz: a obra pianística de Arthur Napoleão
(1843-1925)**

VOLUME II

Porto Alegre

2006

ANEXO A

Resumo biográfico de Arthur Napoleão

As informações abaixo conservam o título e a redação do livro “Arthur Napoleão: Resenha comemorativa da sua vida pessoal e artística” escrito por Sanches de Frias em 1913. Como complemento do resumo biográfico de Arthur Napoleão, apresentamos uma cronologia dos anos de 1907 (último ano abordado no livro de Sanches de Frias) até 1925 (ano da morte de Arthur Napoleão).

I Ascendência e primeira meninice

Arthur Napoleão dos Santos nasce da cidade do Porto em 1843, filho de Alexandre Napoleão, italiano que trabalhava como professor de piano. Aos quatro anos de idade, o pai lhe ensina música e alfabetização.

II Iniciação em público – Primeiro Concerto – Apresentação em Lisboa

Estréia como pianista aos seis anos de idade, na casa do abastado portuense Duarte Guimarães, em 11 de novembro de 1849. Apresenta-se em dois concertos no Teatro São João (Porto) em 24 de janeiro de 1850 e em 8 de março. Concerto em Lisboa no Teatro São Carlos em 29 de maio de 1850 com presença de suas Majestades. Participa em um sarau no Paço das Necessidades.

III Regresso ao Porto – Digressão a Viana – Volta a Lisboa

Concerto Teatro São João, em 21 de fevereiro de 1851. Em 27 de maio de 1851 outro concerto em Lisboa no Teatro São Carlos. Sucesso absoluto de público e renda.

IV Emigração – primeira viagem à Inglaterra

Concerto de despedida no teatro São João, em 29 de janeiro de 1852. Executa variações para piano e orquestra de Francisco Eduardo da Costa⁶⁸. Em Londres (1852), apresenta-se em saraus na casa da Condessa de Lavradio (esposa do embaixador de Portugal).

68 Francisco Eduardo da Costa – Nasceu em Lamego em 15 de março de 1818, estudou com seu pai piano e teoria da música, fundou em 1836 aproximadamente a Sociedade Philarmonica. Foi mestre e organista da Sé Catedral do Porto, onde também ministrou aulas. Morre em 1855 (Vasconcellos, 1870).

V Na capital Francesa

1852 - Hospeda-se na mesma hospedaria onde morava o pianista Joseph Ascher, travam relações de amizade. Conhece Thalberg, Ravina, Prudent, Gorla e Marmontel. Teve lições de piano com Henri Herz, que o convida para uma apresentação em seu salão, ocorrida dia 26 de março de 1853, executa obras de Thalberg, Ascher e Herz. Antes, porém, em 10 de março deste ano participa de um Concerto nas Tulherias, dirigido por Auber com a presença de suas Majestades. Conhece Berlioz e Felicien David.

VI Segunda viagem à Inglaterra

Apresenta-se nos concertos Matiné de John Ella (diretor da *Musical Union Society*) e nos concertos matinais no Salão de concerto Willes Rooms, diversas apresentações em saraus e concertos. Tem aulas com Thorold Wood. Digressão a Manchester. Aulas com Charles Hallé. Viagem à Irlanda, apresenta-se em 7 de fevereiro de 1854 em Dublin, no repertório, composições de Thalberg, Herz, Chopin e Liszt. No Music – Hall do Sr. Mackintosh (empresário de pianos e músicas), apresenta-se por cerca de quarenta vezes. Recebe homenagens do *Lord Mayor* da cidade. Apresenta-se também em Belfort na *Belfort Harmony Society*.

VII Digressão na Bélgica e na Alemanha volta a Londres e a Paris

Em dezembro de 1854, apresenta-se em Bruxelas. Conhece Henrique Vieuxtemps e Henrique Litolff. Em janeiro de 1855, viaja à Alemanha para série de concertos em Berlim, Bonn e Colônia. Conhece Mayerbeer. Tem aulas com Ferdinand Hiller, volta à Londres, apresenta-se no Palácio de Cristal de Sydenham.

VIII Nova ida à Inglaterra, França e Alemanha.

Dois últimos meses de 1855: concertos na Inglaterra, Escócia e Irlanda. Em 1856, volta à Paris, apresenta-se em dois concertos em Nancy, na casa de pianos Mangeot. Digressão à Alemanha: concertos em Metz, Strasbourg, Darmstadt (Palácio dos Grão-duques de Hesse), Emms, Koblenz, Mannheim e Frankfurt.

IX Quinta estada em Londres e segunda na Alemanha

Em agosto de 1856, toca para a Princesa da Prússia em Aix-la-chapelle e num sarau na residência do Barão de Rotttschild. Conhece Rossini, Yradier. Apresenta-se em Wiesbaden, Eberfeldt e Barmen, onde recebe aulas de Carl Reinecke. Em Weimar, visita Liszt. Toca em

Hamburgo e novamente em Berlim em um concerto da corte em Charlottenburg. Concerto em Königsberg. Início do ano de 1857, concerto na corte de Berlim.

X Na Polônia e Áustria - Sexta passagem por Londres

Concertos em Posen [Poznan, cidade que pertenceu em diferentes períodos cronológicos a Polônia, Prússia e Alemanha] e Breslau [antiga Prússia]. Dois meses de apresentações em salões aristocráticos de Varsóvia. Na Cracóvia [atual Polônia], aulas de interpretação de Chopin com Wieniawski. Em Leipzig, aulas com Moscheles. Em Viena, toca para professores do Conservatório. Em retorno a Londres, toca para Anton Rubinstein (junho de 1857).

XI Partida para o Brasil

Aporta ao Rio de Janeiro em primeiro de agosto de 1857. Concerto no Teatro Provisório em 25 de agosto, seguem-se mais dois concertos. Quarto concerto no Teatro São Pedro. Frequenta jantares e saraus na sociedade. Conhece Guilherme Weiss, Isidoro Bevilacqua e Narciso.

XII Viagem a províncias brasileiras e às repúblicas do Rio da Prata

Realiza concertos em Santa Catarina, no Rio Grande do Sul nas cidades de Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre. Digressão as capitais do Uruguai e Argentina.

XIII Volta ao Rio – Na Bahia - Em Pernambuco – Regresso ao Porto

Fevereiro de 1858, concertos na Bahia e em Pernambuco. Na volta ao Porto (Portugal), realiza concertos em junho de 1858.

XIV Breve e sétima digressão pela Inglaterra – Viagem à América do Norte

Visita Londres, concertos em Liverpool (1858). Chega em Nova York em 21 de outubro de 1858. Concertos no Salão Dodworsth e no Palace Garden em Nova York. Em 1859, na Casa Descombes, organiza-se o primeiro concerto de Arthur (16) e da cantora Adelina Patti (17). Viagem ao sul dos EUA com pouco sucesso, situação melhor em Nova Orleans, retorno a Nova York. Concertos no norte do país. Fim do ano de 1859, concertos em Washington, Filadélfia e na Sociedade Filarmônica de Boston.

XV Partida para Cuba

Em 12 de janeiro de 1860, parte para Havana. Torna-se amigo de Gottschalk, Nicolas Ruiz Espadero e do violinista cubano José White. Realiza concertos no Liceu de Havana.

XVI De Cuba a Porto Rico

Concerto em um hotel na ilha de São Thomaz. Apresentação em São João de Porto Rico. Visitas as cidades de Arrecibo, Mayaguez, Ponce e Guayama [Porto Rico, nesta época colônia espanhola] onde permanece por um ano de 01 de abril de 1860 a abril de 1861.

XVII Embarque para Liverpool – oitava digressão a Londres

Chega em Liverpool em junho de 1861, parte para Londres.

XVIII Nova estada em Paris – volta a Londres

Visita Rossini em Paris, toca a transcrição de Liszt da abertura de Guilherme Tell. Em Janeiro de 1862, parte para Londres. Apresenta a Fantasia de Liszt sobre Norma no *St. James Hall*. Apresenta-se também no *Hannover Square Rooms*. Digressão pela Grã-bretanha que compreendeu todas as principais cidades da Inglaterra, Escócia e Irlanda. Conheceu Mcfarren e Ernest Paner, músicos deste país.

XIX Segunda viagem ao Brasil e às Republicas do Rio da Prata.

Em 1862, concertos no Teatro Provisório. Freqüenta saraus na rua das Laranjeiras e na rua da Quitanda [ciclo de literatos do Rio de Janeiro Imperial, entre eles Machado de Assis], onde freqüentavam Arnaud e Schramm - pianista, Muniz Barreto – violinista, Reichert – flautista. No final do ano, Napoleão e seu pai partem para o Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina. Retorna ao Rio de Janeiro, realiza concertos em Campos. Deixa o Rio de Janeiro em 22 de novembro.

XX Digressão à Bahia, Pernambuco, Ceará, Maranhão e Pará

Dezembro de 1863 – Bahia; janeiro de 1864 - Pernambuco; no Ceará, o artista faz-se ouvir na casa de Victoriano Borges, diretor do Porto. No Maranhão, é promovido um baile exclusivamente em sua homenagem. Concertos no Pará. Hospedou-se na casa de Joaquim França (professor de piano), no retorno a Pernambuco recebe de sua Majestade El Rei de Portugal, o Grau de Cavaleiro de São Thiago.

XXI Regresso a Portugal – Arthur emancipado

Em junho de 1864 junto com seu pai partem para Lisboa. Recebe de seu pai sua parte nos negócios e a sua emancipação. Entra para a maçonaria, recebendo a ordem de príncipe Rosa Cruz [informação dúbia]. Concerto no Teatro São Carlos de Lisboa em dezembro.

XXII Viagem à Espanha – passeio breve a Paris e Londres

Visitas cidades na região da Andaluzia. Faz-se ouvir no Palácio Real de Madrid perante D. Isabel II e o Rei. Sarau no Palácio da Marquesa de Montijo. Concertos no Teatro de Zarzuela. Segue viagem a Paris e Londres, volta a Portugal.

XXIII Volta a Portugal e nova ida ao Brasil

1865 - Rege o concerto de inauguração do Palácio de Cristal do Porto. Em 1866, parte para o Brasil. Concertos no Teatro Lírico. Em outubro, digressão a São Paulo, concertos em Campinas.

XXIV Regresso a Portugal – passeio à França

Em 1867 está em Lisboa, onde realiza concertos. Segue para a cidade do Porto onde realiza concertos no Teatro Baquet. Visita a exposição universal de 1867 em Paris.

XXV Quarta viagem ao Brasil – o artista feito negociante – os seus amores

Regressa a Lisboa, onde se apresenta no Teatro da Trindade. Em Coimbra, organiza um sarau. No Porto novo concerto no Teatro Baquet. Partida para o Brasil em maio de 1868, fixando residência no Brasil aos 25 anos de idade. Em janeiro de 1869, contrai sociedade com Narciso, constituindo a firma “Narciso, Arthur Napoleão & Cia”. Casa-se com Lúvia Avelar em 25 de fevereiro de 1871. Por pedido do Imperador, organiza e apresenta o Réquiem de Verdi em 1873.

XXVI Passeio marital pela Europa

Assiste à Tetralogia de Wagner em Bayreuth, reencontra Liszt e Charles Hallé e Henri Herz. Visita Carlos Gomes. Edita algumas obras suas em Milão (Casa Lucca).

XXVII Regresso ao Rio – Alterações comerciais – ida a Paris e volta breve – Comendas da Rosa e de Izabel a Católica

Por suas participações em obras de caridade, recebe o oficialato da Ordem da Rosa em 1877. Termina contrato com Narciso, associa-se a Leopoldo Miguez, estabelecendo a firma

“Arthur Napoleão & Miguez”. Em 1878, viaja para a Europa a fim de cimentar novas relações com fornecedores de instrumentos e músicas. Volta ao Rio de Janeiro. Na nova empresa há um salão para concertos no primeiro andar e oficinas de impressão no segundo. Em 1879, funda a Revista Musical e de Belas Artes [RMBA]. Em 1880, organiza a parte musical dos festejos do centenário de Camões. Em 1880, Narciso alia-se a sociedade de Napoleão e Miguez.

Em 1882, Miguez sai da sociedade devido à crise do café. Em 1883, inauguram-se os concertos clássicos de música de câmara sob os auspícios de Sua Alteza Imperial, Arthur ao piano e José White ao violino. Participa de eventos em prol dos necessitados no sul França, Itália e Espanha. Recebe a Comenda de Isabel a Católica do El Rei de Espanha.

XXVIII Nova estada em Lisboa e Paris – Volta precipitada ao Rio

Em 1884, participa de concertos e saraus no Rio de Janeiro no Clube Botafogo. Parte para Lisboa em 1889. Faz-se ouvir por várias vezes no Teatro São Carlos e no Orpheon Portuense na cidade do Porto. Em Paris, ouve composições suas no Conservatório, editadas pela Casa Hamelle. Narciso morre, volta ao Rio de Janeiro, tornando-se a firma Arthur Napoleão & Cia.

XXIX Mudanças – Viagens - Nova comenda – Gravidade – Viuvez

Remodela a firma tornando-se Sociedade Anônima. Parte para Paris apresenta-se em saraus privados da aristocracia parisiense. Volta ao Rio de Janeiro. Na casa do Conde de Sebastião Pinho, toca em trinta e duas noites consecutivas as sonatas de Beethoven para piano solo [primeira audição completa no Brasil]. De 1894-96, organiza concertos no Palácio de Cristal de Petrópolis. Retorna a Paris para consulta médica a respeito de problemas em uma das mãos, cura-se completamente. Em 1899, recebe do El Rei D.Carlos de Portugal a comenda de Santiago. Parte para Paris, sua esposa morre. Cumpre contrato de concertos em São Paulo e faz-se ouvir em concertos no Rio de Janeiro.

XXX Três anos depois - Segundas Núpcias – Apoteose

Casa-se com Rita de Cássia Carneiro Leão. Em 26 de agosto de 1907, o Instituto Nacional de Música comemora o quinquagésimo aniversário do primeiro concerto de Napoleão, tendo a frente da homenagem, o diretor do Instituto Alberto Nepomuceno. Recebe as mais altas homenagens que a sociedade brasileira poderia lhe oferecer, pergaminhos em cromo-litografia, medalha de ouro gravada especialmente para a ocasião, presença das

maiores autoridades nacionais e internacionais do país. Crônicas em diversos jornais do Brasil e exterior.

Cronologia complementar (1907-1925)

1907 – Arthur Napoleão participa da turnê brasileira do pianista português José Vianna da Motta, apresentam-se em duos para dois pianos no Rio de Janeiro e em Campinas.

1908 – esteve presente nos 26 concertos alusivos à Exposição Nacional, cujos programas eram formados por composições modernas ainda não conhecidas do público fluminense. É solista do poema sinfônico “Djinus” de César Franck. Ainda neste ano, um grupo de amigos organiza um grande concerto para a comemoração do 51º aniversário do seu primeiro concerto no Rio de Janeiro. Esta comemoração tem lugar no Salão do Instituto Nacional de Música.

1909 – apresenta-se a partir deste ano em vários espetáculos no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, na época recentemente fundado.

1910 (circa) – compõem o Hino oficial do Estado do Espírito Santo e o Hino do Acre. Têm os seus *Etudes pour virtuoses op.90* publicados pela editora B. Schott's com distribuição em Mayennce, Paris, Bruxelas e Londres.

1911 – organiza o “Grande Festival Liszt” em comemoração ao centenário de Franz Liszt, atuando também como pianista. O Festival ocorrido no Teatro Municipal contou com a presença do presidente da República Hermes da Fonseca.

1912 – seus *84 Nouvelles Etudes Cramer-Napoleão op.84* para dois pianos ou piano solo são publicados pela Casa editorial Bosworth em Londres.

1917 – um grupo de admiradores organiza um concerto no Teatro Municipal, em comemoração do 60º aniversário do primeiro concerto de Arthur Napoleão no Rio de Janeiro.

1925 – Arthur Napoleão falece dia 12 de maio deste ano. A imprensa da época noticia sua morte com reportagens de primeira capa, dentre os periódicos: jornal A Noite (Rio de Janeiro), O Paiz (Rio de Janeiro), Jornal do Brasil (Rio de Janeiro), dentre outros. A partir de setembro deste ano o jornal Correio da Manhã publica integralmente, através de uma coluna periódica, as “Memórias de Arthur Napoleão”.

ANEXO B

CATÁLOGO DE OBRAS PARA PIANO DE ARTHUR NAPOLEÃO

Desenvolvemos um catálogo das obras de Arthur Napoleão para piano. Para tal empreendimento, consultamos todo o material de fonte primária obtido. As obras foram ordenadas de acordo com o seu número de opus, obras que não possuíam esta informação foram citadas ao final do catálogo. A grafia do nome das obras foi toda modernizada, a fim de padronizar os títulos e referências sobre as obras. As informações entre colchetes foram por nós atribuídas. A datação que atribuímos as obras refere-se ao ano de sua edição e não de sua composição, uma vez que esse dado, com raras exceções, não foi possível encontrar.

Abreviaturas:

SMT – Sem material tipográfico, obras que possuímos a informação de estarem editadas, mas que apesar dos esforços empreendidos em diversos espaços de pesquisa não localizamos.

PSF – Obras que segundo a listagem de Sanches de Frias de 1913 encontravam-se perdidas e inéditas.

OBRAS COM NÚMERO DE OPUS

OBRA	ANO	EDITORA	DEDICATÓRIA	OBSERVAÇÕES
Paráfrase sobre a ópera <i>Bohemian Girl (La Zingara)</i> de Balfe OP.1	Ca.1859	Editada por Jones na cidade de Troy, Estado de Nova York		SMT
<i>Lucia de Lammermoor</i> , «Andante final» op.2	Ca.1862	London: Cramer, Beale & Wood		
«Grand Caprice de Concert» sur l'opera <i>Les Huguenotes</i> de G. Meyerbeer op.3	Ca. 1862	London: Cramer, Beale & Wood Casa Bevilacqua & Narciso		
<i>Souvenir de Porto Rico</i> op.4	Ca. 1860-61			PSF
<i>La Perle du Bal</i> op.5 <i>Suites des Valses</i>	Ca. 1862	London: Ed. Metzler & C°.	To Mils Fanny Culvermell	
<i>Fantaisie Vénétienne sur le Carnaval de Venise</i> op.6	Ca.1862-65	Mayennce, B.Schott's Söhne. Paris, Editions Schott Bruxelles, Schott Frères London, Schott & C°	À son ami Joseph Ascher	Introdução composta por Mr.Henrich Wilhem Ernest (1814-1865)
«Brindisi» de <i>Lucrecia Borgia</i> op.8				PSF
«Final» de <i>Marco Visconti</i> de Petrella op. 9				PSF

<i>Toujours</i> (agora e sempre) <i>Rêverie op. 10</i>	Ca. 1862-62	Ed. Narciso		SMT
« <i>Un Ballo in Maschera</i> » de Verdi, Transcrição do quinteto <i>op.11</i>	1865	Porto: Ed. de Villa Nova		SMT
<i>Grand Galop de Concert op.12</i>	Ca. 1857-60	Ed. Sucessores de P. Laforge Ed.Narciso e Napoleão		
<i>Fantaisie-Caprice sur«Un Ballo in Maschera» op.13 de Verdi</i>	Ca.1862-65	Casa Bevilacqua & Narciso		
<i>Il Trovatore Grande Fantaisie op.14</i>	Ca. 1867-68	Paris: Casa Léon Escudier Ed. Narciso Casa Narciso & Napoleão	A Madame Arabela Godard	
A Fluminense, Valsa <i>op.15</i>	Ca. 1862-65	Casa Bevilacqua & Narciso		SMT
Elvira, Linda Valsa original <i>op. 16</i>	Ca. 1862-1865	Casa Bevilacqua & Narciso		SMT
A Caprichosa, Polca de Concerto <i>op.17</i>	Ca.1862-65	Lisboa: Casa Sassetti Ed. Narciso Editora Bevilacqua & C ^{ia} .	A W. Vicent Wallace	
<i>La Traviata, Grand Fantaisie op.18</i>	Ca.1867-68	Ed. Narciso	<i>A son ami</i> Adolphe Quesada (de Madrid)	

A Brasileira, Grande Marcha Triunfal op.19	Ca. 1857-65	Editora Bevilacqua & Narciso	A S.M.I. O Senhor D. Pedro II.	A partitura encontra-se incompleta faltam páginas ao final.
<i>Trois Valses de salon op.20</i>				PSF
<i>Turbillon</i> , Segundo Grande Galope de Concerto op.21	Ca.1860 Ca.1863-65 Ca.1869-75	Ed.V.Sydow e C ^{ia} , Sucessores de H.V.Frion Ed. Bevilacqua & Narciso Casa Arthur Napoleão	A M ^r . James de Pery	
« <i>Miserere</i> », Transcrição da ópera <i>Il Trovatore</i> op.22		Edição Narciso		SMT
<i>Sur les bords du Plata</i> Morceau de Salon op.23	Ca.1867-69	Edição Narciso	À Madame de Castellanos (de Montevideo)	
<i>Atlanta, Souvenir de Maranhão, Caprice de Concert</i> opus 24	Ca.1867-69	Edição Narciso		
<i>Luiza Miller</i> , Grande Fantasia de Concerto op.25	Ca. 1867-69	Edição Narciso	A Sigismund Thalberg	
<i>Caprice</i> sobre a Valsa do « <i>Faust</i> » de Gounod op.26	Ca.1869	Lisboa: Edição Sasseti & C ^{ie} .	À <i>Sa Majesté Isabelle II Reine d'Espagne</i>	
<i>Pensées Poétiques</i> op.27	Ca. 1875-1877	Edição Narciso	<i>A son ami M. le Dr. Martins Pinheiro</i> (a Rio de Janeiro)	

<i>L'Africaine</i> , Grande Fantasia para piano e Orquestra op.28	Ca.1864-65	Edição Narciso	<i>A son ami Oscar Pffeiffer</i>	Partitura para piano com orientação de solos de orquestra.
Palácio de Cristal – Marcha para 2 pianos op.29	Ca.1865			PSF
<i>Il Arco de Sant'anna</i> , Fantasia de Concerto op.30	Ca. 1867-69	Edição Narciso	<i>A son ami A. Moutinho de Souza</i> (de Oporto)	
<i>Feu Follet</i> , <i>Mazurka de Concert</i> op.31	Ca.1864-69 Ca. 1867-69	Lisboa: Edição Sasseti Casa Arthur Napoleão		
Fantasia sobre a opereta de <i>Offenbach</i> « <i>Le Barbe Bleu</i> » op.33	Ca. 1867	Edição Narciso	M ^{lle} Fleury	
Fantasia sobre a opereta de <i>Offenbach</i> « <i>La Belle Hélène</i> » op.34	Ca.1867-69	Edição Narciso Casa Arthur Napoleão	A Madame A. M. Pinto Braga	
Overtura de Remorso Vivo op.35	Ca.1867	Edição Narciso		Transcrita para piano por Alfredo Napoleão
Fantasia sobre a opereta de <i>Offenbach</i> « <i>Les Bavards</i> » op.36	Ca.1867	Edição Narciso		
Reminiscência do « <i>Faust</i> » de <i>Gounod</i> op.36				PSF

<i>Murmures du Taje</i> op.37 Caprice Etude de Concert	Ca.1867-69	Edição Narciso	<i>A Madame Louise de Sampaio (de Lisbonne)</i>	
<i>Ancienne Étude</i> op.38	Ca. 1915-1925	Casa Arthur Napoleão S.A.	<i>A son ami César de Sampaio Araújo</i>	
<i>Guillaume Tell</i> Grande Fantasia op.40	Ca.1868	Edição Narciso	<i>A son ami Eugene Mazzoni</i>	
<i>Douse Etudes Artistiques</i> op.43	Ca.1870	Edição Narciso		Obtivemos: n.6 <i>Mouvement perpetuel</i> n.7 <i>Souvenir</i>
<i>Dis-moi, Morceau de Salon pour piano</i> op.46	Ca.1870	Paris: Edição de Choudens	A L. ***	
Teus olhos Polca op.47 e Teus Lindos olhos a 4 mãos op.47bis	Ca. 1866-69	Edição Narciso		
Recordações de Petrópolis, Polca Op.48 Arranjada para 4 mãos por Lucien Lambert op.48 bis	Ca.1869-75 Ca.1882-89	Edição Narciso Edição Narciso & Arthur Napoleão	<i>A sés élèves M^{lles} Julia et Isabel de Labourdonnaie Gonçalves Roque</i>	Pertence a coleção Bouquet dos Bailes – Jornal de Dança
A Carinhosa, Polca op.49	Ca.1877	Edição Arthur Napoleão & C ^{ia}	Oferecida ao Centro abolicionista Ferreira de Menezes	

<i>Il Guarany</i> , Grande Fantasia de Concerto sobre ópera de Carlos Gomes op.50 e 50 bis versão 2 pianos	Ca.1870	Edição Narciso & Napoleão.		Obtivemos a partitura para piano solo.
<i>Les Jongleurs</i> , <i>Caprice Etude de Genre</i> , op.51	Ca. 1869-75 Ca. 1910	Edição Narciso & Napoleão Casa Sampaio Araújo & C ^{ie}	<i>A son ami N. Ruiz y Espadero (de la Havane)</i>	
<i>Polonaise de Concert</i> op.53	Ca.1878	Edição Arthur Napoleão & C ^{ia}	<i>A son cher ami George Sproule (à Dublin)</i>	
<i>Rêve de Bonheur</i> , <i>Caprice-Mazurka</i> op.54	Ca. 1877-80	Edição Narciso & Napoleão		
<i>Grand Scherzo</i> op.56	Ca. 1877-80	Paris: Edição Choudens Milan: Ed. F. Lucca	<i>A son eminent ami Henri Litolff</i>	
<i>La Charmeuse</i> , <i>Caprice Impromptu</i> op.57	Ca. 1880	Edição Narciso & Napoleão	<i>A Madame la Viscomtesse de Sistello (a Rio de Janeiro)</i>	
<i>Ricordo de Nápoles</i> , <i>Balada</i> op.58	Ca.1880	Edição Lucca, Milão, Revista e corrigida pelo autor na Casa Arthur Napoleão & C ^{ia}		SMT
<i>Soirées Intimes</i> , 12 <i>morceaux pour piano</i> op.59 <i>Ma pensée, Romance sans paroles</i> <i>Pressentiment</i> ,	Ca.1885	Paris: Edição J.Hamalle	<i>A Madame C. Alvim Corrêa (de Rio de Janeiro)</i>	

<i>Nocturne</i> <i>Tarantelle</i> <i>Confidence</i> <i>Rêverie</i> <i>Menuet</i> <i>Aveu, Nocturne</i> <i>Marche de Nuit</i> <i>Tendresse</i> <i>Mazurka</i> <i>Barcarole</i> <i>Légende</i>				
<i>Souvenir de</i> <i>Jeunesse, Pensée</i> <i>Poétique pour piano</i> <i>op.60</i>	Ca.1878	Paris: Ed. Choudens, Père et Fils Ed. Arthur Napoleão & Miguez	<i>A Monsieur Stéphen</i> <i>Heller</i>	
A Camões Marcha Heróica Piano a 4 mãos op.61	1880	Edição Narciso, Napoleão & Miguez		Festa homenagem em 10/06/1880
<i>Suite d'Orchestre</i> <i>op.62 – redução para</i> <i>piano solo</i>		Paris: Ed. Choudens, Fils		Composta para os festejos em homenagem ao Marquês de Pombal SMT
<i>Ballade Romantique</i> <i>pour piano à quatre</i> <i>mains op.63</i>	Ca.1885	Paris: Edição Choudens, Fils	A Madame A.M. Cavalcanti d'Albuquerque	
<i>Les Étincelles,</i> <i>Impromptu scherzo</i> <i>op.64</i>	Ca. 1887 Ca. 1893	Paris: Edição Choudens, Fils Casa Arhur Napoleão	A Madame Paul de Choudens	
Formosa, Valsa de Concerto op.65	Ca. 1913-15	Casa Arthur Napoleão	<i>A son éminent ami</i> <i>F.Planté</i>	

<i>Ricordati, Romance Varié</i>	Ca. 1885	Paris: Edição Choudens, Père et Fils	<i>À Leopold Miguez</i>	
<i>Soirées de Rio op.67</i> <i>Chant d'adieu</i> <i>Une Fleur!...</i> <i>Gavotte impériale</i> <i>Nocturne dramatique</i> <i>Tarantelle</i> <i>Le rêve</i> <i>Héroïde</i> <i>Berceuse</i> <i>La Fougère, Caprice</i>	Ca.1887	Manuscrito Paris: Edição Choudens, Père et Fils Ed. Narciso & Arthur Napoleão	<i>À Madame A. M. C. d'Albuquerque (de Rio de Janeiro) – somente a Gavota na edição Brasileira.</i>	Manuscrito obtido na Fundação Biblioteca Nacional RJ
<i>Idéale, Caprice-Valse Op.68</i>	Ca. 1869-75	Paris: Edições J. Hamelle Casa Arthur Napoleão	<i>A son ami</i> Godofredo Leão Velloso	Ed. Arthur Napoleão – <i>Nouvelle édition revue par l'auteur</i>
<i>Nuit à Séville (Recordações de Fafe) Sérénade op.69</i>	Ca. 1890	Paris: Edição Choudens, Père et Fils		
Recordações de Fafe (<i>Souvenir de Fafe</i>) – Capricho característico op.69	Ca. 1882-89	Ed. Narciso & Arthur Napoleão	Ex ^{mo} Sr. Comendador Albino de Oliveira Guimarães	
<i>Fantaisie Melancolique op.70</i>	Ca. 1890	Paris: Edição Choudens, Père et Fils	<i>A son ami</i> Alfred Camarate	

<i>Romance et Havanera op.71</i> <i>Romance Adieu, Je pars!</i> (versão facilitada pelo compositor)	Ca. 1893-1913 Ca.1913-15	Casa Arthur Napoleão & C ^{ie} Casa Sampaio Araújo & C ^{ie}	A Madame R. de C. Carneiro Leão Ribeiro (de Rio de Janeiro)	Adaptado para canto pelo autor com letra de M ^{me} Rose Méryss (ca.1914), também adaptado para violino e piano e violoncelo e piano sob o nome de Romance em MiM (ca.1914)
<i>Lo Schiavo</i> , Transcrição para piano sobre a ópera de Carlos Gomes op.72	Ca. 1889	Casa Arthur Napoleão	A meu eminente amigo Visconde de Taunay	
Estrela Chilena, Valsa a 4 mãos op.73	Ca. 1880-93	Casa Arthur Napoleão & C ^{ie}		
<i>Rêveuse</i> , Valsa melódica op.74	Ca.1893-1913	Casa Arthur Napoleão & C ^{ie}	A M ^{elle} Nicolina de Oliveira Rôxo	
<i>Enchantement, Valse Impromptu op.75</i>	Ca.1893-1913	Casa Arthur Napoleão & C ^{ie}	A M ^{elle} Corina Leuzinger	
Hino da Lavoura e Comércio (somente piano) op.76		Casa Arthur Napoleão & C ^{ie}		SMT

<i>Les sylphes</i> , dois trechos para piano op.78 1) <i>Fragment de Ballet</i> 2) <i>Caprice Féérique</i>	Ca.1890	Casa Arthur Napoleão & C ^{ie}	A madame Elvira Bello Lôbo	Obtivemos somente a segunda peça.
Sinfonia de Leopoldo Miguez, redução p/piano op.79				PSF
Hino Espírito Santo op.80	Ca.1910	Casa Arthur Napoleão & C ^{ie}		
Hino do Acre op.81	Ca.1910	Casa Arthur Napoleão & C ^{ie}		SMT
<i>Les Bersagliers à Naples, Tarantelle à deux pianos</i> op.83	Ca. 1911-25	Manuscrito Ed. Vieira Machado & C ^{ie}	<i>A M^{elles} Suzanne et Hélène Figueiredo</i> (a Rio de Janeiro)	Manuscrito obtido na Fundação Biblioteca Nacional RJ
<i>84 Nouvelles Etudes Cramer-Napoleão</i> para 2 pianos ou piano solo op.84	Ca. 1912	Edição Bosworth		
Valsas Humorísticas de Alberto Nepomuceno, redução para dois pianos, op.87	1903	Casa Arthur Napoleão		
« <i>Sérénade</i> » de Ch. Sinding, opus 33 <i>Variée pour piano</i> op.88	Ca. 1908	Edição Vieira Machado & C ^{ie}	<i>A M^{elle} Louise M. De Pinho</i> (de Rio de Janeiro)	

<p><i>(Mendeslsohnianna)</i> <i>XVII - Une nuit sur le Taje</i> <i>XVIII - Cavalcade</i></p>			<p>XV – à Alfred Bevilacqua (RJ) XVI – à Louis Lévy (São Paulo) XVII – à Itiberé da Cunha XVIII – à Luigi Chiaffarelli (S.Paulo)</p>	
---	--	--	---	--

OBRAS SEM NÚMERO DE OPUS

OBRA	ANO	EDITORA	DEDICATÓRIA	OBSERVAÇÕES
Recordações do Palácio de Cristal, Célebre Galope de Bravura	Ca.1855 Ca.1857	Bevilacqua (1ª Ed. No Brasil) Ed. Narciso		Executado em 1855 no Palácio de Cristal de Sydenham
Amazona Valsa Brilhante	Ca. 1857	Ed. Bevilacqua & Narciso		SMT
<i>Le Ruisseau</i> , Mazurca Elegante	Ca. 1857	Casa Bevilacqua & Narciso		
Londres – Mazurka elegante – <i>Le Ruisseau</i> op.7	Ca. 1855	Berlim: Chez Ed. Bote & G.Bock	<i>À Madame La Comtesse de Lavradio Abassadrice de Portugal</i>	
<i>The St. Germans Polka</i>	Ca. 1854	Dublin: Mackintosh & Cº	<i>Dedicated to The Countess of St. Germans</i>	
<i>Souvenir de Posen Mazourka- Polonaise</i> op.11	Ca.1860	Berlin et Posen: Chez Ed. Bote & G.Bock	<i>À son ami Monsieur Szuzewski</i>	
<i>Souvenir de Berlin Polka-Mazurka</i>	Ca.1855	Berlin: Chez Ed. Bote & G.Bock Marchand Editeur de Musique de S..Maj. le Roi et de S.A.R. le Prince Albert de Prusse		

<i>Overture de Concert</i> arranjada para dois pianos pelo autor		Manuscrito		Provavelmente Abertura de O Holandês Errante, escrita para orquestra. Manuscrito obtido na Fundação Biblioteca Nacional RJ
<i>Valse Mignonne (en trois tons; sans dièzes ni bémols)</i>		Manuscrito		Manuscrito obtido na Fundação Biblioteca Nacional RJ
Fantasia sobre motivos de « <i>Il Trovatore</i> » para 4 pianos	Ca.1862			SMT
Fantasia sobre motivos de « <i>La Traviata</i> » para 4 pianos	Ca.1863			SMT
Fantasia sobre motivos de « <i>La Favorita</i> » para 4 pianos	Ca. 1865	Manuscrita	Dedicada A S.M. o Senhor D. Luis I	Manuscrito depositado na Biblioteca Nacional da Ajuda em Lisboa.
« <i>Andante</i> » de la <i>Symphonie Romantique Nuit des Tropiques de Gottschalk,</i> Transcrição para piano	Ca. 1869-75	Edição Narciso, Napoleão e C ^{ia} .		
<i>Célèbre Tarantelle pour piano et orchestre par L. M. Gottschalk (Ouvre</i>	Ca.1869	Casa Arthur Napoleão		

<i>posthume</i>), redução para piano solo por Arthur Napoleão				
<i>Ojos Criolos</i> de Gottschalk arranjo para piano 4 mãos	Ca.1869	Casa Arthur Napoleão		SMT
Grande Marcha Solene de Gottschalk, redução para piano solo	Ca.1870	Casa Arthur Napoleão	Dedicada a D. Pedro II	SMT
<i>Ses Yeux, Polka de Concert</i> op.66 de Gottschalk para 2 pianos, arranjo para piano solo por Arthur Napoleão	Ca.1869	Ed. Mayance – Schott’s Söhne		
Variações de Concerto sobre o Hino Português op.91 de Gottschalk, arranjo para piano solo de Arthur Napoleão	1869	Casa Arthur Napoleão		SMT
A Coroa de Carlos Magno – Bailado das quatro nações de H. Alves de Mesquita, arranjada para piano a quatro mãos por Arthur Napoleão	Ca. 1869	Edição Narciso & Napoleão		Faz parte da coleção de Peças Brilhantes para piano a quatro mãos intitulada ‘As duas Pianistas’. SMT

Capricho sobre o Hino Nacional Brasileiro	Ca. 1913 reimpressão	Casa Bevilacqua		
Uma primeira impressão do Brasil Polca-mazurka	Ca.1890 reimpressão	Ed. Arthur Napoleão & C ^{ia}		SMT
<i>Sérènade</i> de Widor arranjada para piano 4 mãos		Casa Arthur Napoleão		SMT
<i>Toccata Sphinge</i>	1904	Casa Bevilacqua		Suplemento da Revista Renascença n.5
<i>Sphinge n.2</i> Sonatina	Ca. 1907	Casa Bevilacqua		Suplemento da Revista Renascença n.16
<i>Cadence por la 2^{me} Rhapsodie</i> de Liszt	Ca.1915- 1925	Casa Arthur Napoleão	<i>A son eminent élève le Dr. Leopoldo Duque Estrada</i> (de Rio de Janeiro)	Abaixo do nome do compositor está escrito <i>executée dans ses concerts</i>
Hino do Alto Juruá		Casa Arthur Napoleão		SMT
<i>Fragment de Ballet (à la schottisch)</i>	15 de dezembro de 1904	Ed. Bevilacqua & C ^{ia}	Ao Caro Amigo João do Rego Barros	Publicada no interior da revista Renascença em forma de carta.

ANEXO C

LISTAGEM DE CONCERTOS DE ARTHUR NAPOLEÃO

Neste anexo apresentamos uma lista dos recitais de Arthur Napoleão e dos concertos em que são apresentadas obras suas (por outros intérpretes) no Brasil e exterior. Esta lista de forma alguma pretende ser exaustiva e completa, uma vez que os espetáculos citados referem-se somente aos arquivos e materiais de pesquisa que tivemos acesso. Somente citamos as obras de autoria de Arthur Napoleão ou por ele executadas, salvo algumas exceções, onde a informação adicional foi considerada importante no contexto da tese. Partimos da premissa, verificando *in locu* nos arquivos consultados, que grande parte dos eventos públicos ocorridos nos Teatros na segunda metade do século XIX até o início da I Grande Guerra abarcavam a participação de diversos artistas, tais como: companhias de teatro, declamações, trechos de óperas, virtuosos, números para orquestra, danças típicas coreografadas, balés, palestras, dentre outros. Portanto, na tabela que segue citamos apenas os números musicais, os quais já compreendem uma variedade de repertórios e de executantes.

DATA	LOCAL CIDADE	REPERTÓRIO	INTÉRPRETES	OBSERVAÇÕES
1849 - 11 de novembro	Porto, Casa de Duarte Guimarães	Variações para piano a quatro mãos - Alexandre Napoleão	Arthur e Alexandre Napoleão.	1º concerto de Napoleão que se tem registro pela imprensa (“O Nacional” – 12/11/1849 Porto, Folhetim do Nacional - A Infância Artista).
1849 – 03 de dezembro	Porto, Sociedade Filarmônica Portuense	Ária da ópera – <i>Machbeth</i> – Verdi (canto e piano); Fantasia para piano a quatro mãos sobre motivos da ópera <i>I due Foscari</i> - Kumer	Arthur e Alexandre Napoleão; Sr. João Nepomuceno Medina de Paiva (canto).	
1850 – 24 de janeiro e 8 de março	Porto, Teatro São João	Fantasia para piano e violoncelo, Abertura para orquestra – Alexandre Napoleão; Rondó de Paganini - Herz	Arthur Napoleão, Sr. Ezequiel Fernandes de Miranda (violoncelo).	
1850 – 25 de fevereiro	Sociedade Filarmônica Portuense	Fantasia para piano e violoncelo sobre temas da ópera Joana de Calais	Arthur Napoleão, Sr. Ezequiel Fernandes de Miranda (violoncelo).	
1850 – 07 de março	Porto, Real Teatro São João	<i>Phantazia obrigada</i> a Piano e violoncello de Kumes; Romance de <i>I Due Foscari</i> ; <i>Symphonia</i> da ópera Zampa (4 mãos)	Arthur Napoleão, Sr. Ezequiel Fernandes de Miranda (violoncelo), Sr. Geraldoni (canto), Alexandre Napoleão (nas obras a 4 mãos)	
1850 – 12 de março	Porto, Sociedade Filarmônica Portuense	Fantasia para piano - Herz	Arthur Napoleão	
1850 – 11 de maio	Lisboa, Teatro Real São Carlos	Variações para piano sobre temas da ópera “O Pirata”; Fantasia para piano e violoncelo - Kumer	Arthur Napoleão e G. Cossoul	Concerto da Assembléia Filarmônica

1850 – 27 de maio	Lisboa, Teatro Real São Carlos	Variações sobre <i>La violetta</i> de Caraffa – H. Herz para piano solo; Variações sobre um tema da ópera <i>Guillaume Tell</i> para piano a 4 mãos - H. Herz , Fantasia sobre temas da ópera <i>Belisario</i> para piano e orquestra - Rossellen	Arthur Napoleão (solista), Alexandre Napoleão (obras a 4 mãos).	Récita em benefício de Napoleão, tomam parte a Companhia de Teatro de D.Fernando.
1850 – 29 de maio	Lisboa, Teatro Real São Carlos	Fantasia para violoncelo e piano, Rondó para piano – Arthur Napoleão, Abertura da ópera <i>Zampa</i> para piano a 4 mãos de L.J.F.Hérold	Arthur Napoleão, Alexandre Napoleão, Guillerme Cossoul (violoncelo).	Récita em benefício de Arthur Napoleão. Presença de suas Majestades.
1850 – 31 de maio	Lisboa, Teatro D.Fernando	Fantasia para piano a quatro mãos sobre motivos da ópera <i>I due Foscari</i>	Arthur e Alexandre Napoleão.	Em benefício do Montepio Filarmônico.
1850 – 20 de junho	Lisboa, Teatro D.Maria II		Arthur Napoleão	Tocou em todos os intervalos da comédia em dois atos – O duende; e da comédia – Um duelo em Campolide.
1850 – 11 de agosto	Lisboa, Teatro Real São Carlos		Arthur Napoleão	
1850	Viana, Portugal	<i>Cavatina de Linda de Chamounix</i>	Arthur Napoleão e a cantora Grimaldi	Participação da companhia Lírica Italiana.
1851 – 21 de fevereiro	Porto, Teatro São João		Arthur Napoleão	
1851- 27 de maio	Lisboa, Teatro São Carlos	Variações sobre <i>La violetta</i> de Caraffa – H. Herz para piano solo, Variações sobre um tema da ópera <i>Guillaume Tell</i> para piano a 4 mãos - H. Herz , Fantasia sobre temas da ópera <i>Belisario</i> para piano e orquestra - Rossellen	Arthur Napoleão (solista), Alexandre Napoleão (obras a 4 mãos)	Participação da Companhia de Teatro do Ginásio com uma comédia de quatro atos. [divergência de informações sobre este concerto].

1851 – 10 de junho	Lisboa, Teatro D.Maria II	<i>Divertissement</i> para piano solo sobre motivos <i>I due Foscari</i> – F.Beyer; Fantasia sobre temas da ópera <i>Belisario</i> para piano e orquestra – Rossellen; Variações sobre <i>La violetta</i> de Caraffa – H. Herz para piano solo; Variações sobre motivos de <i>I due Foscari</i> com acompanhamento de orquestra – Francisco Eduardo da Costa.	Arthur Napoleão e Orquestra.	Tocou nos intervalos do drama “ <i>Ghygi</i> ” em 5 atos de Francisco Gomes de Amorim.
1852 – 29 de janeiro	Porto, Teatro São João	Variações sobre motivos de <i>I due Foscari</i> com acompanhamento de orquestra – Francisco Eduardo da Costa.	Arthur Napoleão	
1852 – 01 de setembro	Londres, Embaixada Portuguesa	Variações para piano	Arthur Napoleão	Concerto da Companhia Lírica Italiana
1853 – 10 de março	Paris, Palácio das Tulherias	Concerto privado onde apresenta dois solos.	Arthur Napoleão	
1853 – 26 de março	Paris, Salão Herz	Obras de Thalberg, Ascher, Herz e Bord, Trio para piano, oboé e baixo	Arthur Napoleão e irmãos Verroust.	Debute oficial de Arthur Napoleão em Paris.
1853	Paris, Salão Herz	Duo para piano e violino sobre motivos do <i>Conde Ory</i> - Massart	Arthur Napoleão e o violinista Lotto.	
1853 – 28 de junho, 06 de julho	Londres, Matinês do <i>Musical Union</i> e Concertos Matinais ambos no <i>Willis's Rooms</i>	Noturno – Dohler, composições próprias de Napoleão, composições de Herz e de Thalberg.	Arthur Napoleão, Piatti, Vieuxtemps, Bottesini, Jules Leford, Madame Clara Novello, Gardoni, Herr Graf, dentre outros.	

1853 – 29 de julho	Londres, Sadler's Wells Theatre		Arthur Napoleão, Signor Pilotti, Calzi, Herr Ganz (regente), Bottesini, Signor e M ^{dme} . F. Lablache (canto), dentre outros.	Em benefício dos cantores de coros desempregados do <i>Majesty's Theatre</i>
1854 – 7 de fevereiro	Dublin, Salão de Música	Obras de Thalberg, Herz, Chopin e Liszt	Arthur Napoleão	Apresenta-se por cerca de 40 vezes neste local.
1854 – 12 de maio	Leeds, <i>Music Hall</i> (Inglaterra)	Mendelssohn – Rondó Caprichoso; H. Herz – Variações sobre Carnaval de Veneza e obras de Arthur Napoleão	Arthur Napoleão	
1854 – 06 de junho	Londres, Matinê do <i>Musical Union</i> no <i>Willis's Rooms</i>	Composições de Arthur Napoleão	Arthur Napoleão	No <i>The Illustrated London News</i> é anunciado como “O prodígio português”.
1854 – 27 de junho	Londres, Matinê do <i>Musical Union</i> na <i>Willis's Rooms</i>	Noturno em Réb M – Dohler; Fantasia ‘Mosè’[sic] - Thalberg	Arthur Napoleão	
1854	Belfort, <i>Belfort Harmonic Society</i>		Arthur Napoleão	
1854	Leeds, <i>Music Hall</i> (Inglaterra)		Arthur Napoleão e o violinista F. de Sá Noronha.	
1854 - dezembro	Bruxelas		Arthur Napoleão	
1855	Berlim, <i>Kroll's Theatre</i>		Arthur Napoleão	Norman Neruda (pianista) toma parte em algumas das apresentações
1855	Bonn e Colônia		Arthur Napoleão	
1855	Londres, Palácio de Cristal de Sydenham	Recordações do Palácio de Cristal, Galope, dentre outras composições suas.	Arthur Napoleão	

1855	Paris, <i>Theatre Vaudeville</i>		Arthur Napoleão	Festa matinal da Filarmônica de Colônia
1855 – Novembro e dezembro	Inglaterra, Escócia e Irlanda		Arthur Napoleão	
1856	Nancy, Casa de Pianos Mangeot		Arthur Napoleão	Dois concertos são apresentados neste local.
1856	Alemanha, Metz, Strasburgo, Darmstadt (Palácio dos Grão-duques de Hesse), Emms, Koblenz, Manheim e Frankfurt.		Arthur Napoleão	Série de concertos que toma parte, associado a uma companhia de ópera ou a um agente musical.
1856 - Agosto	Aix-la-chapelle		Arthur Napoleão	Presença da Princesa da Prússia.
1856	Alemanha, Wiesbaden, Eberfeldt, Barmen, Hamburgo, Berlim, Königsberg, Corte de Charlottenburg		Arthur Napoleão	
1857	Corte de Berlim		Arthur Napoleão	
1857	Polônia, Posen, Breslau, Varsóvia (salões aristocráticos)		Arthur Napoleão	Provavelmente demora-se cerca de quase um ano nesta região e em suas proximidades.
1857 – 25 de agosto	Rio de Janeiro, Teatro Provisório	Dentre outras obras a Fantasia Norma de Thalberg para dois pianos	Guilherme Weiss e Arthur Napoleão.	

1857 – 9 e 14, de setembro	Rio de Janeiro, Teatro Provisório	5º Concerto para piano de H. Herz, Grande Fantasia e Variações sobre motivos de <i>Norma</i> de Bellini de Thalberg, Introdução e Variações sobre <i>Barcarole</i> de <i>L'elisir d'Amore</i> de Thalberg, Fantasia sobre motivos de <i>Lucia de Lamemmoor</i> de Prudent		
1857	Rio de Janeiro, Teatro São Pedro		Arthur Napoleão	
1857	Santa Catarina, Palacete do Governador		Arthur Napoleão	
1857 - Outubro	Porto Alegre, Teatro	Fantasia de Thalberg, Wallace, Kuhe, Schulhoff, sobre motivos de <i>L'elisir d' Amore</i> , da <i>La Traviata</i> , de <i>La Sonambula</i> , <i>Cracovienne</i> , Carnaval de Veneza	Arthur Napoleão	
1857 – 17 de novembro	Cidade do Rio Grande, Teatro		Arthur Napoleão	Benefício da Santa Casa de Misericórdia.
1857- 20 de novembro	Pelotas, Teatro Sete de Abril		Arthur Napoleão	Benefício da atriz, S ^{ra} . Thereza Elysa
1857	Montevideú e Buenos Aires		Arthur Napoleão	
1858 - fevereiro	Bahia e Pernambuco		Arthur Napoleão	
1858 – 22 de junho	Lisboa, Teatro D. Maria II	Abertura para Orquestra composta por Arthur e instrumentada por Alexandre Napoleão	Arthur Napoleão	Tocou nos intervalos da peça “O Cego”.

1858 – 13 de julho	Lisboa, Teatro D. Maria II		Arthur Napoleão	Tocou nos intervalos das comédias: “A mulher que detesta o seu marido”; “Amor virgem de uma pecadora”; “Última descoberta de um químico”.
1858 – 22 de setembro	Liverpool		Arthur Napoleão	Participação da Sociedade Filarmônica
1858	Nova York, Concertos Salão <i>Dodworsth</i> e <i>Palace Garden</i>		Arthur Napoleão	
1859	Nova York, Casa Descombes		Arthur Napoleão e Adelina Patti (canto)	
1859	EUA, cidades do Norte e do Sul do País em especial New Orleans		Arthur Napoleão	
1859	Washington, Filadélfia e Casa Filarmônica de Boston		Arthur Napoleão	
1860	Cuba, Liceu de Havana		Arthur Napoleão	
1860	Ilha de São Thomaz, São João- Porto Rico		Arthur Napoleão	
1862 – 26 de junho	Londres, Queen’s Concert Rooms		Arthur Napoleão, assistido por outros músicos.	

1862 - janeiro	Londres, <i>St. James Hall</i> e Hannover, <i>Square Rooms</i>	Liszt, Fantasia sobre <i>Norma</i>	Arthur Napoleão, dentre outros.	Conjunto de performers dirigidos por Mr.Land, dentre os quais estavam Arthur Napoleão, Vieuxtemps (violino), as irmãs Carlota e Bárbara Marchisio (canto).
1862 – janeiro em diante	Escócia, Inglaterra e Irlanda		Arthur Napoleão	Turnê de concertos organizada por Mr. Land
1862 – 11 de outubro, 10 de novembro	Rio de Janeiro, Teatro Provisório	Fantasia sobre <i>Il Trovatore</i> , para 4 pianos de Arthur Napoleão	Arthur Napoleão, Miguel Ângelo Pereira, Achille Arnaud, Carlos Schramm	
1862 – 22 de novembro	Rio de Janeiro, Palacete na Rua da Quitanda		Arthur Napoleão, Achille Arnaud, Carlos Schramm, dentre outros.	Série de sete saraus literários e artísticos dados nesta residência. Para este em específico Machado de Assis escreve a Comédia “Quase Ministro” na qual Napoleão toma parte também como ator.
1862	Rio de Janeiro, Cidade de Campos		Arthur Napoleão	
1862	Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina		Arthur Napoleão	
1863 – 14 de novembro	Rio de Janeiro – Teatro Lírico	Fantasia sobre “ <i>La Traviata</i> ” para quatro pianos de Arthur Napoleão.	Arthur Napoleão, M. Angelo Pereira, Achille Arnaud, Carlos Schramm	
1863 - Dezembro	Bahia		Arthur Napoleão	

1864 – Janeiro em diante	Pernambuco, Ceará, Maranhão, Pará.		Arthur Napoleão	
1864 – 26 de março	Lisboa – Teatro D.Maria II	Fantasia sobre temas de <i>Il Trovatore</i> de Verdi – Arthur Napoleão	Arthur Napoleão	
1864 – 21 de novembro	Lisboa – Teatro São Carlos	Fantasia sobre temas de <i>Il Trovatore</i> de Verdi – Arthur Napoleão	Arthur Napoleão	Presença de suas Majestades
1864 – 12, 13, 16 e 19 de Dezembro	Lisboa, Teatro São Carlos	Fantasia sobre <i>La Traviata</i> – Napoleão; Paráfrase sobre a valsa de <i>Faust</i> de Gounod; <i>Norma</i> de Thalberg para dois pianos	Arthur Napoleão e seu irmão Aníbal.	
1865 - maio	Madrid – Paço Real	Obras de sua autoria	Arthur Napoleão	A convite de Sua Majestade Rainha de Espanha Isabel II
1865 – 08 de maio	Madri, Teatro de Zarzuela	Fantasia sobre motivos da ópera <i>Il Trovatore</i> de Verdi; Fantasia sobre o Carnaval de Veneza; Grande <i>Gallope Tourbillon</i> – todas de autoria de Arthur Napoleão.	Arthur Napoleão	
1865 – 21 de maio	Porto, Teatro São João	Grande <i>Gallope Tourbillon</i> – Arthur Napoleão	Hernani Braga	
1865 - junho	Madri, Teatro de Zarzuela		Arthur Napoleão	
1865 – 09 de setembro	Porto, Palacete do Corpo da guarda – Sarau artístico literário	Diversas obras para piano solo, ou solista e acompanhamento de piano.	Pereira da Costa (violino), Sr. Wagner (piano), Sr. Paccini (canto), Taborda (ator e cantor), Arthur Napoleão, dentre outros	

1865 – 13 de setembro	Porto, Teatro São João	Fantasia sobre motivos da ópera “ <i>L’ Africaine</i> ” de Meyerbeer – Arthur Napoleão	Arthur Napoleão	
1865 – 18 de setembro	Porto, Palácio de Cristal	Hino da Exposição, composto e regido por Sá Noronha; Grande Fantasia para Grande órgão e orquestra composta por Widor; Grande Marcha composta por Daddi.	Orquestra, Órgão e Banda, Regência Arthur Napoleão.	Presença de suas Majestades, inauguração do Palácio de Cristal do Porto.
1865 – 24 de outubro	Porto, Teatro Baquet	Fantasia sobre motivos da ópera o “Arco de Sant’ Anna (dedicada aos portuenses pelo seu autor)” - F.Sá Noronha – composta por A. Napoleão	Arthur Napoleão, F. Sá Noronha, Banda Militar, participação da Companhia de Teatro do Ginásio.	Concerto de Sá Noronha com participação de diversos artistas.
1865 – 04 de novembro	Porto, Teatro São João	Fantasia para piano - Napoleão	Arthur Napoleão, Casella (violoncelo), Companhia Lírica.	Concerto do violoncelista Casella (violoncelista particular da câmara de sua Majestade El-Rei da Itália)
1865 – 07 de novembro	Porto – Teatro Baquet		Arthur Napoleão, Sr. Santos e S ^{ra} . Troublon, Sr. Taborda (atores), Sá Noronha, Casella e C.M.Widor	

1865 – 11 de novembro	Porto, Teatro Baquet	Grande Fantasia a quatro pianos sobre motivos da ópera <i>La Favorita</i> de Donizetti, composta por A. Napoleão; Marcha a dois pianos “Homenagem ao Palácio de Crystal” – A. Napoleão; Variações para piano sobre o Elixir de Amor de Donizetti-Thalberg, Variações sobre o Carnaval de Veneza - Napoleão	Arthur Napoleão, S ^{rs} . Taborda, José Carlos dos Santos, Francisco de Sá Noronha, César Casella, Ch. Widor, Antônio Moreira, Soller, Germano Lopes e S ^{ra} . D. Emilia Letroublon.	Concerto de Arthur Napoleão com a participação de diversos músicos e atores convidados.
1865 – 13 de novembro	Porto, Palácio de Cristal – 1 ^o Concerto Popular.	Fantasia para grande órgão – Widor; Trio sobre motivos do <i>Rigoletto</i> para piano, harmônio e violoncelo; Solo de Rabeca – Noronha; <i>Duetto</i> para dois pianos – Napoleão; solo de violoncelo – Casella; Solo de Piano – Napoleão; Fantasia para grande órgão – Widor.	Arthur Napoleão, Widor, Noronha e Casella	Série de “Concertos Populares” que ocorreram no Palácio de Cristal no Porto.
1865 – 16 de novembro	Porto, Teatro Baquet	Peças teatrais; Fantasia sobre motivos da ópera <i>La Favorita</i> ; Fantasia sobre motivos da <i>Traviata</i> – Napoleão; Ai Jesus! Fantasia para rabeca - Noronha	Arthur Napoleão, Noronha.	Companhia de Teatro do Ginásio, récita em benefício do senhor Manoel Machado.
1865 – 19 e 22 de novembro	Porto, Palácio de Cristal – 2 ^o e 3 ^o Concertos Populares.		S ^{rs} Arthur Napoleão, Francisco de Sá Noronha, César Casella, Ch. Widor, Germano Lopes e Dupuis.	
1865 – 02 de dezembro	Porto, Teatro São João		Arthur Napoleão, dentre outros	Concerto de Pereira da Costa (violino).

1865 – 05 de dezembro	Porto, Sociedade Filarmônica.		Arthur Napoleão, dentre outros	Reunião de famílias da Sociedade Filarmônica, dividida em duas partes: música e dança.
1865 – 09 de dezembro	Porto, Teatro São João	Fantasia sobre motivos da ópera “Um baile de Máscaras” de Verdi - Napoleão; Legenda <i>Valacca</i> – Braga para canto, violoncelo e piano; A caprichosa, Polca de Concerto - Napoleão	Arthur Napoleão, Noronha, Casella e S ^{ra} . Demi (canto).	Récita em benefício do ator Marcolino.
1865 – 10 de dezembro	Porto, Palácio de Cristal		S ^{rs} Arthur Napoleão, Francisco de Sá Noronha, César Casella, Ch. Widor, Germano Lopes.	7º Concerto Popular
1865 – 14 de dezembro	Porto, Teatro Baquet	Terceto do “Hernani” de Verdi– Napoleão/Noronha/Casella; Fantasia sobre <i>Norma</i> - Napoleão	S ^{rs} Arthur Napoleão, Francisco de Sá Noronha, César Casella.	Espectáculo da Companhia de Teatro do Ginásio.
1865 – 15 de dezembro	Porto, Palácio de Cristal	Terceto sobre “Os Puritanos” para piano, harmônio e violoncelo – Perny; Dueto de “ <i>La Sonambula</i> ” para piano e rabeça – Osborne e Beriot; Quinteto “Serenata” para piano, flauta, rabeça, violoncelo e grande órgão – Widor; Grande Fantasia sobre motivos de <i>Norma</i> – Arthur Napoleão/F.Liszt (versão solo)	Arthur Napoleão, Charles Widor, Casella, Dupuis e F.Sá Noronha	8º Concerto Popular
1865 – 17 de dezembro	Porto, Palácio de Cristal		S ^{rs} Arthur Napoleão, Francisco de Sá Noronha, César Casella, Ch. Widor, Germano Lopes.	9º Concerto Popular

1865 – 18 de dezembro	Porto, Teatro Baquet	Grande Fantasia para 4 pianos sobre motivos da <i>Norma</i> – A. Napoleão	Arthur Napoleão	Obra dedicada a S.M. D. Luiz I
1865 – 20 de dezembro	Porto, Teatro Baquet		S ^{rs.} Arthur Napoleão, F.Sá Noronha, Casella e Taborda, além de Hernani Braga (piano).	Concerto em benefício do jovem pianista Hernani Braga, que continuará estudos em Paris.
1865 – 21 de dezembro	Porto, Teatro Baquet	Dueto para piano e rabeca sobre motivos da ópera <i>Sonambula</i> – Napoleão/Noronha; A Caprichosa – Polca de Concerto - Napoleão	Arthur Napoleão, F.Sá Noronha	Benefício dos atores Abel e Braz Martins.
1865 – 26 de dezembro	Porto, Teatro Baquet	Grande Fantasia para 4 pianos sobre motivos da <i>Norma</i> – Arthur Napoleão	Arthur Napoleão	
1865 – 31 de dezembro	Porto, Palácio de Cristal	Terceto para órgão, piano e violino – Widor, Andante e Rondó	Arthur Napoleão, Ch.Widor e F.Sá Noronha	11º Concerto Popular
1866 – 04 e 06 de janeiro	Porto, Palácio de Cristal		Arthur Napoleão, S ^{ras.} Demi e Cazalloni, S ^{rs.} Noronha, Widor, Casella Dupuis, dentre outros	Benefício à construção do monumento ao Sr. D. Pedro V, na Batalha. Assistem aos concertos cerca de 5000 pessoas.
1866 – 09 de janeiro	Porto, Teatro São João	Fantasia original para piano (recém composta) - Napoleão	Arthur Napoleão, S ^{ras.} Demi e Cazalloni, S ^{rs.} Noronha, Widor, Casella Dupuis, Bernardo Moreira de Sá (menino), Canedo, Soller e Benedicto Correia.	Concerto em Benefício de Benedicto Correia.
1866 – 21 de janeiro	Coimbra – Teatro Acadêmico	Obras de Arthur Napoleão e outros compositores	Arthur Napoleão, César Casella e Francisco Sá Noronha.	

1866 – 01 de fevereiro	Porto, Palácio de Cristal		S ^{ras} . Demi e Cazalloni e os S ^{rs} . Ribas, Arthur Napoleão, Casella e Ch. Widor	Último concerto da Série de Concertos Populares. Presença de sua Majestade El-Rei.
1866 – 11 de abril	Lisboa, Cassino Lisbonense	Obras de autoria de Napoleão, dentre elas a Grande Fantasia para 4 pianos sobre motivos de <i>La Favorita</i>	Arthur e Aníbal Napoleão, Daddi e Masoni	
1866	Rio de Janeiro, Concertos Teatro Lírico		Arthur Napoleão	
1866 - outubro	Campinas, São Paulo		Arthur Napoleão	
1867 – 29 de janeiro	Porto, Teatro Baquet	Grande Galope de Concerto <i>Le Tourbillon</i> – Arthur Napoleão; Fantasia sobre <i>Il Trovatore</i> de Khue, <i>Konzertstücke</i> de Weber com orquestra.	Aníbal Napoleão e Arthur Napoleão (solista orquestra)	Concerto em benefício de Aníbal Napoleão, participação de vários artistas.
1867 – 06 de fevereiro	Rio de Janeiro, Teatro Lírico.	Fantasia sobre motivos de “ <i>L’Africaine</i> ” de Meyerbeer para piano e orquestra, Marcha a Brasileira, Fantasia para dois pianos, todas obras de Arthur Napoleão.	Arthur Napoleão, Bernardo Wagner (piano)	
1867 – 25 de março e 17 de abril	Lisboa, Teatro Real São Carlos	Programa não anunciado	Arthur Napoleão	
1867 cerca de maio a novembro	Paris, Salões Privados		Arthur Napoleão	
1867 – 14 de maio	Lisboa, Teatro da Trindade	Fantasia para 2 pianos sob motivos da ópera <i>Lucrezia Borgia</i> – Liszt	Arthur Napoleão, Eugênio Masoni, J.G.Daddi, entre outros	

1867- maio	Porto, Teatro Baquet		Arthur Napoleão	
1868 – 30 de janeiro	Porto, Teatro São João	Obras de Arthur Napoleão e outros compositores	Arthur Napoleão e S ^{ra} Catharina Lebouys (violino)	
1868 – 05 de fevereiro	Porto, Teatro São João	Fantasia sobre motivos do “Trovador” - Arthur Napoleão; Grande Fantasia sobre motivos da “Sonâmbula” – C.Lebouys; Fantasia sobre motivos de “Linda de Chamounix” – Lebouys; Grande Fantasia sobre motivos da “Africana” – Napoleão, Polca de Concerto ‘A caprichosa’ – Napoleão; <i>La ronde des Lutins</i> - Lebouys	Arthur Napoleão e S ^{ra} Catharina Lebouys (violino)	Anunciado como segundo e último concerto do pianista e da violinista. Eles apresentaram-se em várias cidades, ao que indica com este programa ou parte dele.
1868 – 12 de fevereiro	Porto, Teatro São João	Fantasia da “Luiza Miller”, Agora e Sempre, Fantasia sobre a valsa do Fausto –Napoleão; também obras de Lebouys e a Zarzuela “ <i>El nino</i> ”.	Arthur Napoleão e S ^{ra} Catharina Lebouys (violino), dentre outros.	Espectáculo em benefício do ator Marcollino.
1868 – 13 de fevereiro	Porto, Teatro São João	Fantasia sobre “Guilherme Tell” – Napoleão; <i>Duetto</i> para dois pianos de Belizário.	Arthur Napoleão e S ^{ra} Catharina Lebouys (violino), Sr.Antonio Soller (pianista e compositor) dentre outros.	Espectáculo em benefício do pianista Sr. Soller

1868 – 21 de fevereiro	Porto, Teatro São João.	Obras de Arthur Napoleão e outros compositores	Arthur Napoleão e S ^{ra} Catharian Lebouys (violino), S ^{rs.} Soller, Moreira, Caldas e o corpo de baile da Companhia <i>dos Buffos Madrilenos</i>	Anunciado como último concerto da rabequista Catharina Lebouys.
1868 – 22 de fevereiro	Porto, Salão da Sociedade Filarmônica.	Fantasia dramática sobre motivos de Fausto – Napoleão; Grande Fantasia para violino sobre motivos de <i>La Favorita</i> – Lebouys; <i>Duetto</i> para piano e violino sobre motivos dos Huguenotes – Thalberg/Beriot	Arthur Napoleão e S ^{ra} Catharina Lebouys (violino)	Primeiramente um concerto, seguido de um Baile.
1868 – fevereiro e março	Vila Real Braga, Teatro São Geraldo.	Obras de Arthur Napoleão e outros compositores	Arthur Napoleão e S ^{ra} Catharina Lebouys (violino).	
1868 – 03 de abril	Lisboa – Teatro da Trindade	Fantasia sobre temas da ópera O Arco de Sant’Anna de Noronha, Fantasia sobre temas da ópera “A Africana” de Meyerbeer – Arthur Napoleão. <i>Konzertstücke</i> para piano e orquestra - Weber	Arthur Napoleão, orquestra regida pelo maestro Cossoul, demais solistas cantores.	
1868 – 25 de abril	Porto, Teatro São João	Fantasia sobre “O Trovador”, Fantasia sobre “O Arco de Sant’Anna” – Napoleão.	Arthur Napoleão, Nicolau Ribas, Miguel Ângelo, dentre outros.	Em benefício do cofre da Sociedade de Socorros dos Tipógrafos portuenses.
1868 – 25 de março	Lisboa, Teatro Real São Carlos	Obras de Arthur Napoleão e outros compositores	Arthur e Aníbal Napoleão	
1868 - outubro	Rio de Janeiro – Teatro Lírico	Obras de Arthur Napoleão e outros compositores	Arthur Napoleão	

1869 – 11 de Junho	Rio de Janeiro – Teatro Ginásio Dramático		Arthur e Aníbal Napoleão, Gottschalk.	Concerto de Aníbal Napoleão
1869 – 21 e 26 de Setembro	Teatro Lírico Fluminense	<i>La Gallina, Tremolo, Pasquinade Pensée Poétique, Banjo</i> - de Gottschalk, dentre outras.	Gottschalk, Arthur Napoleão, Ricardo de Carvalho, dentre outros.	Festivais Gottschalk
1869 – 29 de Setembro	Teatro Lírico Fluminense	Obras de Gottschalk, Teus Lindos Olhos, Polka de Arthur Napoleão	Gottschalk, Alfredo Napoleão e Ricardo Ferreira de Carvalho	Há uma nota no programa: “Narciso, Arthur Napoleão e Cia., tendo resolvido, por meio de uma assinatura, imprimir as obras inéditas do programa abaixo especificado, conseguirão, contratar o Sr. Gottschalk para dae este concerto, com o fim de as fazer mais uma vez apreciar pelos numerosos admiradores”.
1869 – 05 de Outubro	Teatro Lírico Fluminense	Obras de Gottschalk para dois ou mais pianos	Gottschalk, Arthur Napoleão, Ricardo de Carvalho, Lucien Lambert, dentre outros.	Festivais Gottschalk
1869- 12 de novembro	Teatro Lírico Fluminense	Obras de Gottschalk para dois ou mais pianos	Gottschalk, Bernardo Wagner, Ricardo Ferreira de Carvalho, Arthur Napoleão. Duas orquestras e ao todo 31 pianistas.	Concerto em benefício da Sociedade Asilo dos Inválidos da Pátria.

1869- 15 de novembro	Teatro Lírico Fluminense		Gottschalk, Luigi Elena, Furtado Coelho Achille Arnaud, Arthur Napoleão, dentre outros.	Concerto em benefício da Sociedade Portuguesa de Beneficência.
1870 a 1875	Rio de Janeiro		Beaumont (violoncelista francês) junto com Arthur Napoleão e Leopoldo Miguez	Segundo Cernicchiaro (1926) o violoncelista apresentou-se várias vezes como solista e camerista.
1870 – 27 de junho	Rio de Janeiro, Clube Fluminense	Grande Marcha Solene de Gottschalk arranjada por Arthur Napoleão para 4 pianos a 16 mãos	S ^{ras.} Miranda Lemos, Leite Bastos e Mello, S ^{rs.} Bevilacqua, Napoleão, Germano Lopes e A .Lebetron	Presença de suas Altezas Imperiais
1873	Rio de Janeiro	Réquiem de Verdi	Orquestra com regência de Arthur Napoleão	Presença de suas Majestades. Talvez a estréia Brasileira desta Obra.
1877	São Paulo, Campinas	Fantasia sobre motivos de <i>L'Africaine</i> de Meyerbeer para piano e orquestra de Arthur Napoleão	Maria Isabel Gomide (piano)	Concerto com 150 músicos, renda revertida para as vítimas da seca no norte do país.
1879 – 14 de Janeiro	São Paulo – Casa Editorial Levy	<i>Souvenir de Jeunesse</i> – Arthur Napoleão	Sr. Henrique Luiz Levy (piano)	Concerto para alunos da Escola Politécnica
1879 – 28 de Abril	Rio de Janeiro – Sociedade Filarmônica Fluminense	<i>Danse Macabre</i> – Saint-Säens	Arthur Napoleão e Alfredo Bevilacqua	Presença de suas Majestades Imperiais. Concerto inaugural da Sociedade.
1879- Maio	Cassino Fluminense		Arthur Napoleão	Presença de suas Majestades Imperiais. Benefício do Asilo dos meninos desvalidos.

1879 – 26 de Maio	Sociedade Filarmônica Fluminense	<i>Roi de Aulnes</i> – Schubert.	Leopoldina Fragoso (canto) e Arthur Napoleão	Presença de suas Majestades Imperiais
1879 – 16 de Junho	Sociedade Filarmônica Fluminense	Fantasia para dois pianos sobre a ópera “ <i>Norma</i> ” de Thalberg	Arthur Napoleão e Alfredo Bevilacqua	Presença de suas Majestades Imperiais
1879 – 30 de Junho	Sociedade Filarmônica Fluminense	<i>Souvenir de Jeunesse e Scherzo</i> ambos de Arthur Napoleão	Arthur Napoleão	Presença de suas Majestades Imperiais
1879 - Julho	Rio de Janeiro, Clube Mozart	<i>Duetto</i> para piano sobre a ópera O Profeta de Meyerbeer - Liszt	Arthur Napoleão e Alfredo Bevilacqua	Presença de suas Majestades Imperiais
1879 - Julho	São Paulo, Campinas	<i>Souvenir de Jeunesse</i> de Arthur Napoleão	Sr. Luiz Levy	
1879 – 8 de Agosto	Rio de Janeiro, Sociedade Filarmônica Fluminense	<i>Duetto</i> para piano sobre a ópera O Profeta de Meyerbeer - Liszt	Arthur Napoleão e Alfredo Bevilacqua	Presença de suas Majestades Imperiais
1879 – 04 de setembro	Rio de Janeiro Sociedade Filarmônica Fluminense	Quinteto de Schumann para piano e cordas	Arthur Napoleão, Leopoldo Miguez, Benjamin Tramaglia e Marengo	Presença de suas Majestades Imperiais
1879 – 15 de setembro	Rio de Janeiro Sociedade <i>Skating Rink</i>	<i>Grand Scherzo</i> de Arthur Napoleão	Sr. J. Fluminense	
1879 – 15 de Dezembro	Rio de Janeiro, Sociedade Rio Thespians	Trio para piano violino e violoncelo em Ré menor de Mendelssohn.	Artur Napoleão, Leopoldo Miguez e Cerrone	
1879 – 19 de Dezembro	Rio de Janeiro, Sociedade Filarmônica Fluminense	Ruínas de Athenas para dois pianos de F. Liszt. (executada como último número)	Arthur e Alfredo Napoleão	Presença de suas Majestades Imperiais, encerramento do ano artístico desta Sociedade.

1880 – 10 de Junho	Rio de Janeiro, Teatro Imperial	C.Gomes - Hino a Camões, L.Miguez - Marcha Elegíaca, Arthur Napoleão - Marcha Heróica	Orquestra e Bandas, regência de Miguez e Napoleão.	Comemoração ao Terceiro Centenário de Camões
1880 – Inverno Europeu	Paris, Instituto Musical de Paris	Obras para piano solo de Arthur Napoleão	Alunos do Instituto	Crônica de Oscar Comettant do “ <i>Le Siècle</i> ” de Paris
1880 – 02 de setembro	Rio de Janeiro, Cassino Fluminense	Fantasia sobre <i>Il Guarany</i> – Gomes/Napoleão	Alfredo Bevilacqua e Arthur Napoleão	Festival Carlos Gomes
1883	Rio de Janeiro	Concerto N.º5 para piano e orquestra - Beethoven.	Arthur Napoleão (solista)	2º Grande concerto sinfônico do Clube Beethoven.
1883	Rio de Janeiro		Arthur Napoleão, José White	Inauguração dos Concertos Clássicos, Auspícios de sua Alteza Real.
1884	Rio de Janeiro, Clube Botafogo		Arthur Napoleão	
1886 – 27 de junho	Teatro Real São Carlos - Lisboa	<i>Ricordati, romance variée</i> – Arthur Napoleão e <i>Étincelles</i> – Arthur Napoleão	Alfredo Napoleão	
1887 – 13 de novembro	Rio de Janeiro, Cassino Fluminense	<i>Romance et Habanera</i> , Arthur Napoleão	Arthur Napoleão	Presença de SS.MM.II
1888 – 09 de maio	Rio de Janeiro, Cassino Fluminense	Fantasia sobre <i>L’Africaine</i> , de Arthur Napoleão para piano e orquestra.	Arthur Napoleão	Acompanhador F.Tavares. Presença de suas Majestades

1888 – 22 de dezembro	Lisboa, Teatro Real São Carlos	Concerto N°4 em ré menor para piano e orquestra – Rubinstein; <i>Ma penseé</i> (melodia), <i>Ideale</i> (valsas), <i>Romanza</i> em Mi Maior, <i>Polonaise</i> de Concerto, Gavota Imperial, <i>Habanera</i> – Arthur Napoleão; Mazurca – Chopin; <i>Tremolo</i> – L.M.Gottschalk	Arthur Napoleão	
1889 – 01 de março	Lisboa, Teatro Real São Carlos	Concerto N°4 para piano e orquestra - Rubinstein; <i>Nocturno</i> op.55 – Chopin; Grande Estudo Sinfônico – R.Schumann; Melodia em Fá – Rubinstein; Rapsódia Húngara N°2 – Liszt; Gavota Imperial e Formosa (valsas de concerto) – Arthur Napoleão	Arthur Napoleão	Nesta noite escreve em um autógrafo: “Depois da Rapsódia de Liszt, da Valse-Caprice, de Rubinstein e mais duas composições de minha lavra, a minha mão está tão trêmula que mal posso escrever o meu nome” In: Moreau, 1999: 439.
1889 – 18 de março	Lisboa - Teatro Real São Carlos	Romance em Mi M, <i>Souvenir de Fafe</i> ambas de Arthur Napoleão; 2ª Rapsódia Húngara de Liszt	Arthur Napoleão	Festa artística beneficente para a Associação 24 de Junho.
1889 – 22 de março	Porto – Teatro Príncipe Real	Diversas obras para piano solo e piano com orquestra	Arthur Napoleão e orquestra regida por Miguel Ângelo.	
1889 – 27 de março	Porto – Orpheon Portuense	Quarteto op.66 – Rubinstein; Quinteto op.44 - Schumann e solos de piano compostos por Arthur Napoleão, Schumann e Chopin.	Arthur Napoleão, Moreira de Sá, Cyriaco de Cardoso e J.Casella	
1889 – 30 de março	Porto – Teatro Príncipe Real	Obras para piano solo	Arthur Napoleão	
1889 – 02 de abril	Porto – Teatro D.Affonso	Obras para piano solo	Arthur Napoleão	

1889 – 09 de abril	Porto, Teatro São João		Arthur Napoleão	
1889 – maio em diante	Paris, Soirées privados (Salon de M ^{me} Herz, dentre outros). Palácio do Brasil – Exposição Universal de Paris		Arthur Napoleão	É encarregado pelo Imperador D.Pedro II, das festividades musicais da participação brasileira na Exposição universal.
1890 – 25 de março	Lisboa , Sala da Real Academia de Amadores de Música	Gavotta Imperial – Arthur Napoleão	Emílio Lami	
1893 – 20 de junho	Rio de Janeiro, Cassino Fluminense	Alfredo Napoleão, <i>Andante e Polonaise e Ode au printemps</i> (dois pianos) Wagner, Marcha do Tannhäuser (dois pianos – oito mãos)	Arthur e Alfredo Napoleão, Manoel Faulhaber e Cavallier	
1893 – 02 de setembro	Lisboa, Clube de Pedrouços	Romance – Arthur Napoleão	D.Antonia Couceiro	
1894-96	Rio de Janeiro, Palácio de Cristal de Petrópolis		Arthur Napoleão	Organiza ‘Série de concertos’.
1896 – 21 de julho	Rio de Janeiro, Teatro Lírico	Romance – Arthur Napoleão Tarantella – Arthur Napoleão	Vianna da Motta	
1896 – 26 de Julho	Rio de Janeiro	Variações sobre um tema de Beethoven de Saint-Saëns para dois pianos	Arthur Napoleão e Viana da Motta	
1896 – 08 de agosto	Salão Steinway, São Paulo	Tarantella – Arthur Napoleão	Vianna da Motta	
1896 – 16 de agosto	Rio de Janeiro, Teatro Lírico	O Holandês Voador, Abertura de Concerto – Arthur Napoleão	Orquestra com 60 membros, regência de Alberto Nepomuceno	7º Concerto da Associação de Concertos Populares

1896 – 17 de agosto	Rio de Janeiro, Teatro Lírico	Fantasia para violino e piano sobre a “ <i>Muda</i> ” de Portici - Alard, Variações para 2 pianos - Schumann	Bernardo Moreira de Sá, Vianna da Motta e Arthur Napoleão	Concerto beneficente a várias sociedades, dentre elas a Sociedade de Beneficência Portuguesa
1896 – 20 de agosto	Minas Gerais, Juiz de Fora	Tarantela - Arthur Napoleão	Vianna da Motta	
1896 – 21 de agosto	Rio de Janeiro, Teatro Lírico	Romance e Tarantela de Arthur Napoleão	Vianna da Motta	
1896 – 24 de agosto	Rio de Janeiro, Teatro Lírico	Concerto para violino (1º tempo – Allegro) – Beethoven, Fantasia a dois pianos sobre Ruínas de Atenas de Beethoven - F.Liszt; Romance – Arthur Napoleão	Bernardo Moreira de Sá, Vianna da Motta e Arthur Napoleão	
1896 – 30 de agosto	Rio de Janeiro, Teatro Lírico	O Holandês Voador, Abertura de Concerto – Arthur Napoleão	O Holandês Voador, Abertura de Concerto – Arthur Napoleão	8º Concerto Popular
1896 – 26 de setembro	Belém, Teatro da Paz	Tarantella – Arthur Napoleão	Vianna da Motta	
1896 – 27 de setembro	Belém, Teatro da Paz	Romance – Arthur Napoleão	Vianna da Motta	
1897 – 14 de fevereiro	Lisboa, Salão Sassetti	Romance – Arthur Napoleão	Ernestina Cardoso	
1897 – 21 de julho	Porto Alegre, Teatro São Pedro	Romance – Arthur Napoleão	Vianna da Motta	
1897 – 23 de julho	Pelotas, Biblioteca Pública Pelotense	Romance – Arthur Napoleão	Vianna da Motta	
1897 – 04 de agosto	São Paulo, Salão Steinway	<i>Polonaise</i> – Arthur Napoleão	Vianna da Motta	
1897 – 06 de agosto	Santos – Teatro Guarany	<i>Polonaise</i> – Arthur Napoleão	Vianna da Motta	

1897 – 26 de agosto	Rio de Janeiro, Teatro Lírico	<i>Polonaise</i> – Arthur Napoleão	Vianna da Motta	
1897 – 29 de Agosto	Rio de Janeiro, Teatro Lírico	<i>Scherzo</i> para dois pianos e orquestra – Saint-Säens	Viana da Motta e Arthur Napoleão	Associação de Concertos Populares; Estréia nacional da sinfonia “A Pátria” de Viana da Motta.
1897 – 27 de setembro	Rio de Janeiro, Teatro Lírico	Duo concertante para dois pianos e orquestra sobre “A Preciosa” de Weber – F.Mendelssohn	Arthur Napoleão, S ^{ra} . D. Elvira Bello	Grande Festival em benefício das viúvas e órfãos das praças de Pret mortas ou invalidadas em Canudos, organizado por Arthur Napoleão.
1898 – 31 de Julho	Rio de Janeiro, Instituto Nacional de Música	Sonata em Ré para dois pianos – Mozart; Segundo Concerto para piano e orquestra - Alfredo Napoleão (acompanhamento segundo piano por Arthur Napoleão); Variações a dois pianos de Mendelssohn e Moschelles	Arthur e Alfredo Napoleão	<i>Matinée</i> de Alfredo Napoleão com o concurso de Arthur.
1898	Rio de Janeiro	Sinfonia “A Pátria” de Viana da Motta	Regência de Arthur Napoleão	Festas do quarto centenário da viagem de Vasco da Gama.
1899	São Paulo		Arthur Napoleão	
1899 – 11 de Junho	Rio de Janeiro, Instituto Nacional de Música	Sonata N ^o 2 op.58 para violoncelo e piano de F.Mendelssohn; Trio em Si Bemol op.97 para piano, violino e violoncelo de Beethoven	Arthur Napoleão (piano), Benno Niederberger (cello) e R.Tatti (violino)	Intitulado Primeiro concerto de Música de Câmara.

1899 – 18 de junho	Rio de Janeiro, Teatro São Pedro de Alcântara	<i>Variations sur un thème de Beethoven pour deux pianos</i> - Camille Saint-Saëns	Saint-Saëns e Arthur Napoleão	Primeiro concerto de Camille Saint-Saëns, somente com obras de sua autoria.
1899 – 02 e 20 de julho	Rio de Janeiro, Teatro São Pedro de Alcântara	<i>Variations sur un thème de Beethoven pour deux pianos</i> e Scherzo para dois pianos - Camille Saint-Saëns	Saint-Saëns e Arthur Napoleão	Dia 20 - Concerto de Despedida de Camille Saint-Saëns
1899 – 10 de dezembro	Rio de Janeiro, Salão do Instituto Nacional de Música	<i>Polonaise</i> – Arthur Napoleão	Luísa Amábile (medalha de ouro INM)	
1900 – 07 de fevereiro	Lisboa, Salão da Trindade	<i>Les Etincelles</i> – Arthur Napoleão	Alfredo Napoleão	
1900 – 11 de março	Lisboa, Salão do Conservatório Real de Lisboa	<i>Les Etincelles</i> – Arthur Napoleão	Alfredo Napoleão	
1901 – 07 de janeiro	Porto, Orpheon Portuense	<i>Polonaise</i> – Arthur Napoleão	Virginia Suggia	51º Sarau Musical – 147º concerto
1901 – 27 de abril	Lisboa, Casa Lambertini	<i>Polonaise</i> – Arthur Napoleão	Virginia Suggia	
1901 – 11 de junho	Lisboa, Real Academia de Amadores de Música	<i>Polonaise</i> – Arthur Napoleão	Virginia Suggia	
1901 – 10 de novembro	Lisboa, Salão do Conservatório Real de Lisboa	<i>Gavotte Imperiale</i> – Arthur Napoleão	Hermínia Russell	
1901 – 24 de novembro	Rio de Janeiro, Teatro Lírico	Abertura de Concerto - Napoleão	Orquestra com 60 membros, regência de Alberto Nepomuceno.	
1902 -19 de abril	Lisboa, Casa Lambertini	<i>Gavotte Imperiale</i> – Arthur Napoleão	Bertha Lupi	

1902 -31 de maio	Lisboa, Real Academia de Amadores de Música	Romance – Arthur Napoleão	Alice de Carvalho	
1902 -24 de Junho	Minas Gerais, Juiz de Fora	Romance – Arthur Napoleão versão para violino e piano	Vianna da Motta e Moreira de Sá	
1902 -26 de junho	Rio de Janeiro, Teatro Lírico	Romance – Arthur Napoleão	Vianna da Motta	
1902 – 02 de agosto	Rio de Janeiro – Teatro Lírico	Concerto N°20 em ré menor K466 para piano e orquestra - Mozart	Solista: Arthur Napoleão	
1902 – 15 de outubro	Rio de Janeiro, Cassino Fluminense	Concerto K466 – Mozart; obras de Chopin, Liszt, Concerto N°4 em ré menor -Rubinstein; <i>Tarantelle</i> (1901) para dois pianos – Arthur Napoleão	Arthur Napoleão (solista) e Alfredo Bevilacqua	Concerto Arthur Napoleão
1902 -22 de novembro	Porto – Atheneu Comercial do Porto	Romance – Arthur Napoleão versão para violino e piano	Moreira de Sá e Leonilda Moreira de Sá (piano)	
1903 – 07 de julho	Rio de Janeiro Petrópolis, Clube dos Diários	Seis Valsas Humorísticas, arranjo para dois pianos – Nepomuceno/Napoleão	Arthur Napoleão e Alfredo Bevilacqua	Estréia da versão desta obra para dois pianos.
1903 – 11 de novembro	Rio de Janeiro, Clube dos Diários	Concerto n°4 para piano e orquestra Saint –Säens; Portugal e Brasileira (Poema Sinfônico) - Napoleão	Arthur Napoleão (solista), orquestra regida por Alberto Nepomuceno.	
1903 – 11 de dezembro	Rio de Janeiro, Cassino Fluminense	Obras de H.Oswald, Liszt, Chopin e Saint –Säens	Arthur Napoleão (solista) e Barroso Netto	Primeira audição no Brasil do Concerto em Dó menor de Saint-Säens.
1904 – 24 de Fevereiro	Rio de Janeiro, Petrópolis	<i>Les Shylphes</i> de Arthur Napoleão	Ivonne de Geslin (1885- ?).	Pianista que estudou no Conservatório de Paris, aluna de Pugno.

1904 – 17 de abril	Lisboa, Salão Sasseti	<i>Les Etincelles</i> – Arthur Napoleão	Maria Rocha Leão	
1904 – 28 de maio	Lisboa, Salão da Trindade	<i>Gavotte Imperiale</i> – Arthur Napoleão	Alexandre Rey Colaço	
1904 – 10 de Junho	Rio de Janeiro Salão do Instituto Nacional de Música	Concerto de Bach para três pianos; Variações sobre um tema de Beethoven para dois pianos - Saint-Säens	Ernest Schelling, Harold Bauer (somente no concerto de Bach) e Arthur Napoleão	
1904 – 17 de Junho	Rio de Janeiro, Teatro Lírico	Variações sobre um tema de Beethoven para dois pianos – Saint-Säens	Vianna da Motta e Arthur Napoleão	
1904 – 18 de Junho	Rio de Janeiro, Salão do Instituto Nacional de Música	Sonata opus 111 de Beethoven, Scherzo para dois pianos - C.Saint-Säens, Concerto em Fá menor com acompanhamento de segundo piano de Chopin, diversas obras de Chopin para piano solo.	Arthur Napoleão (solista) e Ernest Schelling	Festival Chopin, em benefício do Monumento de Chopin em Varsóvia.
1904 – 28 de outubro	Rio de Janeiro Salão do Instituto Nacional de Música	Concerto nº4 em ré menor - Rubinstein; Prelúdio em ré bemol e Valsa em dó#menor – Chopin; <i>Polonaise</i> , Tarantela (a dois pianos) - Napoleão	Arthur Napoleão, Alfredo Oswald (piano), Carolina Figueiredo Recha (canto), Orquestra dirigida por Francisco Braga	
1905 – 19 de Junho	Rio de Janeiro, Instituto Nacional de Música	<i>Ballade et polonaise</i> – Vieuxtemps; Tarantella, Tivador e <i>Danse Tzigane</i> de Chernicchiaro	Emilia Frassinetti [Fátima Miris] violino e Arthur Napoleão	
1907 – 17 de Junho	Rio de Janeiro, Teatro Lírico	Variações a dois pianos sob um tema de Beethoven – Saint-Säens	Arthur Napoleão e Vianna da Motta	Concerto em benefício dos tuberculosos brasileiros e portugueses.

1907 – 20 de Julho	Rio de Janeiro		Participa (convidado) de concerto de Viana da Motta	
1907 – 26 de agosto	Rio de Janeiro, Salão do Instituto Nacional de Música	Abertura de Concerto – Napoleão; Concerto em Ré menor de Rubinstein para piano e orquestra	Arthur Napoleão (solista) e orquestra	Jubileu de sua primeira apresentação no Brasil, organizado por Nepomuceno.
1907 – 20 de Setembro	Campinas, Teatro Sant'Anna	Variações sobre um tema de Beethoven - Saint-Saëns, Fantasia sobre motivos da ópera <i>D.Juan</i> de Mozart - Liszt. Ambas para dois pianos.	Concerto de Viana da Motta e Arthur Napoleão	
1907 – 23 de Setembro	Campinas, Teatro Sant'Anna	4º Concerto para piano e orquestra em Ré menor – Rubinstein; Fantasia sobre motivos da ópera <i>D.Juan</i> de Mozart - Liszt.	Concerto de Viana da Motta e Arthur Napoleão (solista)	O concerto de Rubinstein foi executado a dois pianos.
1907 – 27 de setembro	Rio de Janeiro, Salão do Instituto Nacional de Música	2ª Sonata para violino e piano op.102 – Saint-Saëns; Cavalgada das Walkírias – Wagner/Herlick para dois pianos.	Diaz – Albertini (violino) Arthur Napoleão, Leopoldo Duque Estrada Filho (pianos).	
1907 – 01 de outubro	Rio de Janeiro, Salão do Instituto Nacional de Música	Fantasia sobre motivos da ópera <i>D.Juan</i> de Mozart - Liszt	Arthur Napoleão e Vianna da Motta	
1908 – 02 de março	Paris, Administracion de Concerts A.Dandelot	<i>Gavotte Imperiale</i> – Arthur Napoleão	Emile Lamberg	
1908 – 17 de maio	Lisboa, Salão do Conservatório Real de Lisboa	Romance – Arthur Napoleão <i>Les Etincelles</i> – Arthur Napoleão	Claudina Pereira Machado, Betha Santos	

1908 – 01 de Agosto a 10 de outubro	Rio de Janeiro	“ <i>Djinus</i> ” poema sinfônico para piano e orquestra - César Franck.	Arthur Napoleão (solista)	26 concertos alusivos à Exposição Nacional, na maioria composições modernas ainda não conhecidas do público fluminense.
1908 – 25 de Agosto	Rio de Janeiro, Salão do Instituto Nacional de Música	<i>Les Djinus</i> para piano e orquestra – C.Franck; Prelúdio op.45 – Chopin; <i>La Truite – Transcription</i> - Schubert-Heller, Rapsódia Húngara nº 13 – Liszt; Paráfrase sobre motivos da ópera <i>Lo Schiavo</i> de Gomes - Napoleão	Arthur Napoleão, dentre outros.	Grande Concerto Arthur Napoleão (em comemoração 51º aniversário de seu primeiro concerto no Rio de Janeiro, inclusão no programa de várias obras orquestrais).
1908 – 18 de setembro	Bellas (Portugal), Escola Francisco Aboim	Romance – Arthur Napoleão versão para violoncelo e piano	Cecil Mackee e Michel’ Angelo Lambertini	
1909 – 09 de outubro	Rio de Janeiro, Salão do Instituto Nacional de Música	Concerto nº5 (imperador) para piano e orquestra - Beethoven	Arthur Napoleão (solista). Orquestra regida por Alberto Nepomuceno	
1909 – 30 de outubro	Rio de Janeiro, Teatro Municipal	Beethoven/Liszt – Adelaide; <i>Il Trillo del diavolo</i> – Tartitni para violino e piano; Noturno em dó menor – Chopin; Rapsódia Húngara N.º2 – Liszt; Variações a dois pianos sobre um Tema de Beethoven – Saint-Säens.	Arthur Napoleão e Miécio Horozowski (pianos) Paulina D’ Ambrosio (violino)	
1909 – 09 de novembro	Rio de Janeiro, Teatro Municipal	Concerto para piano - Max Bruch; Sonata em Ré para dois pianos – Mozart; Variações a dois pianos sobre um Tema de Beethoven – Saint-Säens	Arthur Napoleão e Miécio Horozowski	

1909 – 30 de novembro	Rio de Janeiro, Teatro Municipal	Concerto para dois violinos com acompanhamento de piano – Bach; Sonata Kreutzer – Beethoven; Scherzo opus 20 – Chopin; Soneto de Petrarca e Rapsódia Húngara N.º14 - Liszt	Arthur Napoleão, Júlio Cardona e Paulina D’Ambrosio (violinos)	
1910 – 22 de maio	Lisboa, Rua Luiz de Camões, 71 (provavelmente Escola de piano de Francisco Bahia).	<i>Ricordati</i> – Arthur Napoleão	Sara Amâncio	
1910 – 05 de julho	Rio de Janeiro, Teatro Municipal	Sonata em ré menor para violino e piano – Saint-Saëns; Concerto em Ré maior; <i>Abendlied</i> – Schumann; <i>Polonaise</i> – Vieuxtemps, Concerto em dó menor opus 48 – Chopin; Rapsódia Húngara para piano solo - Liszt	Jan Kubelick (Violino) e Arthur Napoleão	
1910 – 13 de julho	Rio de Janeiro, Teatro Municipal	Concerto para piano - Chopin	Arthur Napoleão	Concerto em benefício do Hospital Pedro II
1910 – 20 de agosto	Rio de Janeiro, Teatro Municipal	Paráfrase de Concerto sobre motivos da ópera <i>Lo Schiavo</i> de Gomes - Napoleão, Formosa (Valsa de Concerto) - Napoleão	Arthur Napoleão	Grande espetáculo de Gala em Homenagem a Saenz Peña. Presença do presidente Nilo Peçanha e de todo Ministério
1910 – 29 de setembro	Rio de Janeiro, Teatro Municipal		Arthur Napoleão, dentre outros	Grande Festival em honra do professor Carlos de Carvalho

1910 – 04 e 13 de outubro	Rio de Janeiro, Teatro Municipal	Sonata Kreutzer opus 47 – Beethoven; Concerto para violino em ré menor op.32 – Wieniawski; Minueto-Valsa para piano solo – Saint-Säens; Sonata para piano e violino – Grieg; Concerto para violino – M.Bruch; Rapsódia Húngara para piano solo - Liszt	Arthur Napoleão e Miguel Nicaastro (violino)	O recital do dia 13 foi em honra a Nilo Peçanha.
1910 – 22 de outubro	Rio de Janeiro, Teatro Municipal	Romance para violoncelo e piano – Arthur Napoleão	Eurico Costa (cello), Johanna Prechel (piano)	
1910 – 31 de outubro	Rio de Janeiro, Teatro Municipal	Obras para piano, canto e violino	Sara Padovani (canto), Vincenzo Chernicchiaro (violino) e Arthur Napoleão	
1911 – 14 de maio	Lisboa, Salão do Conservatório Real de Lisboa	Romance – Arthur Napoleão	Suzana Freitas	
1911 – 14 de maio	Lisboa, Rua Luiz de Camões, 71	Romance – Arthur Napoleão	Florentine Guérin	
1911 – 17 de setembro	Rio de Janeiro, Teatro Municipal	Sonata Kreutzer opus 47 – Beethoven; Carmen – Hubay; <i>Il Trillo del Diavolo</i> - Tartini	Franz Von Vecsey (violino), Arthur Napoleão	
1911 – 24 de novembro	Rio de Janeiro, Teatro Municipal	Fausto – Poema Sinfônico a dois pianos e órgão com coros e solos; Lenda de São Francisco sobre as ondas; Soneto de Petrarca, <i>Loreley</i> , Rapsódia Húngara N.º2, Balada N.º2, Marcha Rakokzy (para dois pianos). Todas obras de F. Liszt	Arthur Napoleão, Alfredo Bevilacqua (piano), Barroso Netto (piano/orgão).	Grande Festival organizado por Arthur Napoleão em comemoração ao centenário de F.Liszt. Presença do Presidente Hermes da Fonseca.

1912 – 23 de junho	Rio de Janeiro, Teatro Municipal	Variações sobre um tema de Beethoven - Saint-Säens para 2 pianos, Tarantella (para dois pianos) – Arthur Napoleão	Arthur Napoleão e Viana da Motta	
1913 – 22 de junho	Lisboa, Salão do Conservatório Real de Lisboa	Romance – Arthur Napoleão	Maria da Conceição de Castro Bahia	
1914 – 30 de outubro	Rio de Janeiro, Teatro Municipal	<i>Papillons</i> – R.Schumann; Abertura <i>Tannhäuser</i> – Wagner/Liszt; <i>Adieu, Je part!</i> , (para canto e piano) <i>Pensée poétique</i> , <i>Les Étincelles</i> e Formosa – Napoleão; Estudos 23, 47, 49, 71, 64 16, 41, 51, 72 – Cramer/Napoleão; Tarantella – Napoleão, ambas peças para dois pianos.	Arthur Napoleão, Antonietta Rudge Miller, Walter Burle Marx (pianistas) Nícia Silva (canto).	Festival – Concerto organizado por Arthur Napoleão para a apresentação do menino prodígio pianista Walter Burle Marx
1914 – 12 de dezembro	Rio de Janeiro, Teatro Municipal	<i>Il canto di Mignon</i> – Liszt; <i>La Chasse</i> – Pauer; <i>Les Étincelles</i> – Napoleão; Prelúdio e Fuga em ré menor – Bach-Busoni; Barcarola – Chopin; Dança Macabra – Saint-Säens/Liszt (para dois pianos); <i>Jeu d'Eaux</i> – Ravel, Estudo – Alkan, Fantasia Húngara – Liszt (para dois pianos), dentre outras.	Arthur Napoleão, Antonietta Rudge Miller (pianistas), Marguerite au Roueg e Candida Kendall (canto)	Grande Concerto Festival organizado por Arthur Napoleão e Antonietta Rudge Miller.
1915 – 10 de dezembro	Porto Alegre, Teatro São Pedro	Paráfrase de Concerto sob temas de “O Remorso Vivo” de Arthur Napoleão (arranjo de B.Wagner); <i>Havaneira</i> Brillhante op.71/2 – Arthur Napoleão	Álvaro Barros Figueiredo, Waldemira Chaves Fialho	

1916 – 23 de maio	Lisboa, Salão do Conservatório Real de Lisboa	Romance – Arthur Napoleão	Carolina Rosa	
1917 – 8 de novembro	Rio de Janeiro, Teatro Municipal			Concerto em comemoração do 60º aniversário do primeiro concerto de Napoleão no Rio de Janeiro.
1919 – 30 de outubro	Rio de Janeiro, Teatro Municipal	Dança dos fantoches – Arthur Napoleão	Irene Nogueira da Gama	Recital do tenor Tito Schipa com o concurso dos pianistas Irene Nogueira da Gama e Renato Bellini.
1920 - 30 de novembro	Rio de Janeiro, Liceu Francês			Concerto em Homenagem a Arthur Napoleão
1921 – 29 de agosto	Rio de Janeiro, Teatro São Pedro de Alcântara	<i>Aux pied d'Omphale</i> (estudo), Arthur Napoleão	João Octaviano	
1922	Madrid – Salão do Conservatório de Música	Romance – Arthur Napoleão	Dr. Ivo Cruz	Concerto de Música Portuguesa com a presença da Legação Portuguesa na Espanha
1924	Lisboa – liga Naval	Romance – Arthur Napoleão	Dr. Ivo Cruz	

ANEXO D

1- PROGRAMAS DE CONCERTO

Dado a impossibilidade de reprodução destes documentos em seu formato original, optamos por transcrever apenas as obras que foram interpretadas por Napoleão ou de sua composição (com poucas exceções, onde achamos importante o resto do conteúdo).

DÉCADA DE 1850

Music Hall, Albion Street, Leeds

*The Programme and words for The Grand Concert on Friday evening, May 12th 1854 by Arthur Napoleon (the astonishing enfant and musical prodigy) Senhor Noronha (the Eminent Portuguese violinist) assisted by M^{rs}. Sunderland and Mr. Winn
Conductor Mr. Rhodes*

Part First

Solo Pianoforte

Rondo et Capriccioso – Mendelssohn

Arthur Napoleon

Solo Pianoforte

Variations on the “Carnival de Venise” – H.Herz

Arthur Napoleon

Part Second

2 solos Pianoforte

Arthur Napoleon

DÉCADA DE 1880

Salão do Real Theatro de S.Carlos, Lisboa

Domingo, 27 de Junho de 1886 à uma e meia da tarde

Concerto *matinée*, pelo pianista Alfredo Napoleão.

PROGRAMA

Maestoso e Allegro con brio da Sonata em Dó menor op.111 - Beethoven

Noturno em Mi bemol – Chopin

Polonaise em Ré bemol – Chopin

Fileuse – Litolff

Estudos Symphonicos – Thema 7 variações e final – Schumann

Intervalo de 10 minutos

Scherzo em Ré bemol op.31 – Chopin

Sonata op.57 em Fá menor (*appassionata*) – Beethoven

a) *Allegro assai appassionato*

b) *Andante con motto*

c) *Final, allegro ma non troppo*

Ricordati, romance variée – Arthur Napoleão

Étincelles, Scherzo – Arthur Napoleão

Aida, Grande Fantasia de Concerto – Alfredo Napoleão

Os bilhetes acham-se à venda na loja do Sr. Neuparth e nas dos S^{ras}. Sasseti & Comp^a.

Real Theatro de S. Carlos, Lisboa

Segunda-feira 18 de março de 1889

Festa artística da Associação de Música 24 de Junho – cujo produto reverte a favor do cofre da mesma associação.

Tomam obsequiosamente parte as S^{ras}. Pasqua, Pacini e Garagnani e os S^{rs}. Pontechi, Arthur Napoleão, Valero, De Bernis e Boruchia.

PROGRAMA

I Parte

Sinfonia da ópera *I Vespri Siciliani* de Verdi, pela Orquestra.

Ato 2º da ópera *Lakmé* de L. Delibes, pela S^{ra}. Pacini, os S^{rs}. Degenne, Beruchia, etc.

II Parte

Escalla (Scherzo) de Freitas Gazul, pela orquestra.

a) Ária de Tenor do 3º ato da ópera *Martha* de Flotow, pelo Sr. Valero; b) *La Partida* – canção espanhola de Alvarez, pelo Sr. Valero

Segundo número (o bailado) do poema sinfônico ‘As Orientais’ de Alfredo Keil, pela orquestra.

III Parte

a) Romance (em Mi M); b) Souvenir de Fafe, compostos e executados pelo Sr. Arthur Napoleão

2ª Rapsódia Húngara de Liszt, pelo Sr. Arthur Napoleão.

IV Parte

3º Ato da ópera *Romeo e Giulietta*, de Vaccay, pelas S^{ras}. Pasqua, Garagnani, Coro etc.

Principia às 8 horas

Orpheon Portuense – 1889, Porto

Quarta-feira, 27 de Março.

Sarau Musical – honrado com a colaboração do insigníssimo pianista o Exc^{mo}. Sr. Arthur Napoleão.

PROGRAMA

Rubinstein – Quarteto op.66

Allegro Moderato

Allegro Vivace

Andante Assai

Allegro non Troppo, ma con fuoco

S^{rs.} Arthur Napoleão, B.Moreira de Sá, Cyriano de Cardoso e J. Casella

Schumann – Quinteto op. 44

Allegro brillante

In Modo d'una Marcia. Un poco Largamente

Scherzo. Molto Vivace

Allegro ma non Troppo

S^{rs.} Arthur Napoleão, Nicolau Ribas, B.Moreira de Sá, Cyriano de Cardoso e J. Casella.

a) A. Napoleão; b) Chopin; c) Schumann – Solos de Piano.

Sr. Arthur Napoleão

DÉCADA DE 1890**Sala da Real Academia de Amadores de Música, Lisboa****Terça-feira, 25 de março de 1890, à uma hora da tarde.**

Grande concerto vocal e instrumental, dado por Emilio Lami e J.Thomaz del Negro e no qual tomam parte, por especiais obséquios, distintos artistas líricos e a Banda da Guarda Municipal

PROGRAMA

II Parte

a) Noturno op.27 n^o2 para piano – Chopin,

b) Gavotta Imperial para piano – Arthur Napoleão

c) *Pasquinade*, para piano – Gottschalk

Emilio Lami – piano

Clube de Pedrouços, Lisboa**02 de setembro de 1893**

PROGRAMA

Belisario (piano 4 mãos) – Beyer

Les Rameurs (solo de mandolino) – Talamo

Romance para piano - Arthur Napoleão

D. Antonia Couceiro – piano

Theatro Lyrico, Rio de Janeiro
Terça-feira 21 de Julho de 1896

Festa artística de Moreira de Sá (2º Concerto de assinatura de Vianna da Motta e Moreira de Sá) com o obsequiosíssimo concurso dos S^{ts}. Jeronymo da Silva Jr., Ernesto Ronchini, J.Baptista Martins e Alberto Nepomuceno.

PROGRAMA

I Parte

Godard – Concerto romântico para violino

Allegro moderato

Adagio non troppo

Canzonetta

Allegro molto

Beethoven – Quinze variações e fuga para piano

a) Schubert – *Andante con molto* do Quarteto em ré menor; b) *Presto* do 1º Quarteto op.41.

II Parte

Scarlatti – a) *Toccata*, b) *Pastoral*, c) *Giga* para piano

Strauss-Tausig – *Valse Caprice* para piano

Haydn – *Andante o piu tosto Allegretto* do Quarteto op.76 nº2

Mendelssohn – *Scherzo assai leggiro e vivace* do 5º Quarteto, op.44 nº3

D. de Carvalho – *Au printemps*

Nepomuceno – *Galhofeira*

Arthur Napoleão – a) *Romance*, b) *Tarantella* para piano

Sarasate – *Arias Bohemias* para violino

Às 8^{1/2} da noite em ponto.

Theatro Lyrico, Rio de Janeiro

Domingo, 26 de Julho de 1896. Concerto *Matinée* de Alfredo Napoleão com o valioso concurso de M^{me}. Risarelli, Vianna da Motta, Arthur Napoleão, Moreira de Sá e Alberto Nepomuceno.

PROGRAMA

I Parte

Alfredo Napoleão – 2º Concerto para piano e orquestra

I. Allegro con moto

II. Andante

III. Allegro Vivace

Piano solista: Alfredo Napoleão, acompanhado em um segundo piano por Arthur Napoleão.

II Parte

Variações sobre um Thema de Beethoven para 2 pianos - Saint-Saëns

Pianos: Napoleão e V. da Motta

À uma e meia da tarde

Salão Steinway - Rua São João, 45 – São Paulo

Sábado 08 de Agosto de 1896. 2º Concerto de Vianna da Motta e Bernardo Moreira de Sá
PROGRAMA

II Parte

Arthur Napoleão - Tarantella

8 horas da noite

Theatro Lyrico – Associação de Concertos populares, Rio de Janeiro

Orquestra de 60 professores sob a regência de Alberto Nepomuceno

Domingo, 16 de agosto de 1896 – 6º Concerto.

Com o valioso concurso da S^{ra}. Isabel de Mello e dos S^{rs}. Vianna da Motta e Moreira de Sá
PROGRAMA

II Parte

Arthur Napoleão – O Hollandez Voador, Abertura de Concerto.

Notas de programa:

É esta a primeira obra orquestral de fôlego escrita pelo autor. Têm mais de vinte anos de existência e já foi aqui executada com grande brilho pela orquestra do empresário Ferrari, sob a regência do velho Rossi. Arthur Napoleão, seduzido pelo assunto fantástico da antiga lenda nórdica do Hollandez condenado a sulcar eternamente os mares até que o amor sincero e desinteressado de uma mulher o remisse e libertasse da pena, teve a idéia de escrever uma ópera, refundindo com o distinto poeta italiano o libreto sobre o qual Wagner escreveu a sua ópera. Nessa época, Arthur Napoleão não conhecia a partitura do imortal autor de *Lohengrin*. Ouviu-a executar pouco depois, numa das suas viagens à Europa; e a impressão foi tal que rasgou tudo quanto até aí tinha escrito, quase dois atos e meio. Apenas de algumas *scenas* principais conservou os motivos com que confeccionou a abertura que é hoje executada. Aparte algumas formas antiquadas, no traçado geral do trecho, sente-se espontaneidade e vigor. A abertura é, aliás, bela, brilhante e de efeito.

Theatro Lyrico, Rio de Janeiro

Segunda-feira 17 de agosto de 1896

Às 8^{1/2} horas da noite – Concerto de Caridade, oferecido por Vianna da Motta e Moreira de Sá, com o concurso de Arthur Napoleão.

Em benefício da Sociedade de Beneficência Portuguesa, Sociedade Amante da Infância e dos pobres e as obras da Capela do Coração de Jesus.

PROGRAMA

I Parte

Mendelssohn – Concerto para Violino

Allegro appassionato

Andante

Molto vivace

Bach - Fantasia e Fuga, transcrita por Liszt

Beethoven – 32 Variações em Dó menor
 Beethoven – *Romanza* em Fá para violino
 Alard – Fantasia sobre “*Muda*” de Portici, acompanhadas ao piano pelo insigne pianista Sr. Arthur Napoleão.

II Parte

Schumann – Variações para 2 pianos, pelos S^{rs}. Arthur Napoleão e Vianna da Motta
 a) Weniawsky – Légende para violino; b) Sarasate – Arias Bohemias
 a) A.Rey Colaço – Um fado; b) Alex. Levy - Tango Brasileiro; c) V. da Motta – 1º Rapsódia Portuguesa.

Concerto de Vianna da Motta e Moreira de Sá – Juiz de Fora (MG)

20 de agosto de 1896

PROGRAMA

II Parte

Arthur Napoleão – Tarantella
 Piano: Vianna da Motta

Theatro Lyrico – 24 de Agosto de 1896, Rio de Janeiro

Concerto de despedida de Vianna da Motta e Moreira de Sá com o concurso de Arthur Napoleão, S^{ra}. Camilla da Conceição e Carlos de Carvalho.

PROGRAMA

I Parte

Beethoven – Concerto para Violino (1º tempo – *Allegro*)
 Moreira de Sá acompanhado por Arthur Napoleão
 Liszt – Fantasia sobre Ruínas d’Athenas de Beethoven, a 2 pianos
 Arthur Napoleão e Vianna da Motta

II Parte

Arthur Napoleão – Romance
 Vianna da Motta

Os dos pianos *Erard* são das casas Arthur Napoleão e Bevilacqua

Theatro da Paz, Belém

Sábado, 26 de Setembro de 1896.

Festa artística de Moreira de Sá com o concurso de Vianna da Motta

PROGRAMA

II Parte

8. a) Cantiga d'amor – V. da Motta
- b) Valsa – Widor
- c) Tarantella – Arthur Napoleão

Principia às 8^{1/2} da noite

O Ex.^{mo} Sr. Governador Dr. Lauro Sodré cedeu, por muito especial fineza, o piano histórico que pertencia ao Maestro Carlos Gomes.

Pará – Typ. De Alfredo Silva e C^{ia} – 1896

Theatro da Paz, Belém

Domingo, 27 de Setembro de 1896

Festa artística de Vianna da Motta com o concurso de Moreira de Sá.

PROGRAMA

I Parte

3. a) *Caprice sur Alceste* de Gluck – Saint-Säens
- b) Romance – Arthur Napoleão
- c) Prelúdio - Mendelssohn

Principia às 8^{1/2} da noite

O Ex.^{mo} Sr. Governador Dr. Lauro Sodré cedeu, por muito especial fineza, o piano histórico que pertencia ao Maestro Carlos Gomes

Pará – Typ. De Alfredo Silva e C^{ia} – 1896

Audição de Discípulos do Prof. Timotheo da Silveira – Salão Sasseti, Lisboa

Com a valiosa coadjuvação de distintos amadores

14 de fevereiro de 1897 – à uma hora da tarde

PROGRAMA

- a) *Prelude* – Chaminade
 - b) Romance – Arthur Napoleão
 - c) *Scherzo a Capriccio* – Mendelssohn
- Sr^a. D. Ernestina Cardoso - piano

Theatro São Pedro, Porto Alegre

Quarta-feira 21 de julho de 1897. Único concerto dado pelo pianista Vianna da Motta e pelo violinista Bernardo Moreira de Sá.

PROGRAMA

II Parte

Arthur Napoleão – *Romanza*

Principia às 8^{1/2} da noite. Piano de *Bechstein* [da firma fabricante de pianos] cedido generosamente pelo Club Haydn.

**Concerto de Moreira de Sá e Vianna da Motta, Biblioteca Pública Pelotense, Pelotas (RS)
Sexta-feira, 23 de julho de 1897.**

PROGRAMA

II Parte

Arthur Napoleão – *Romanza*

Piano: Vianna da Motta

**Salão Steinway, São Paulo
Quarta-feira, 04 de agosto de 1897.**

Concerto de Vianna da Motta e Moreira de Sá

PROGRAMA

II Parte

Arthur Napoleão – *Polonaise* de concerto

Vianna da Motta

(número final do programa)

**Theatro Guarany, Santos
Sexta-feira, 06 de agosto de 1897.**

Concerto de Vianna da Motta e Moreira de Sá

PROGRAMA

I Parte

Arthur Napoleão – *Polonaise* de Concerto

Vianna da Motta

Às 8 horas da noite

**Theatro Lyrico, Rio de Janeiro
Quinta-feira 26 de agosto de 1897.**

Concerto de Vianna da Motta e Moreira de Sá, com o gracioso concurso da Ex^{ma}. S^{ra}. D. Camilla da Conceição (canto).

PROGRAMA

II Parte

a) Chopin – Wilhelmy – *Nocturno* op.27 n.º2; Vieuxtemps – Rondó, ambas para violino;

V. da Motta – a) Sesta (ded. À Camilla da Conceição); b) “Sahe a passeio”, para canto

a) Liszt – *Au bord d’une source*; b) Grieg – Marcha Nupcial Norueguesa; c) Arthur Napoleão – *Polonaise* para piano;

Sarasate – *Peteneras*, para violino;

Moskowsky – Valsa em Mi M, para piano.

Piano de Concerto de Bechstein

Theatro Lyrico – Associação de Concertos Populares, Rio de Janeiro

Orquestra de 60 professores sob a regência de Alberto Nepomuceno

Domingo, 29 de agosto de 1897.

Concerto extraordinário com o valioso concurso de D. Camilla da Conceição e dos S^{rs.} Arthur Napoleão, Vianna da Motta, Moreira de Sá, Henrique Oswald e Carlos de Carvalho

PROGRAMA

III Parte

Saint-Säens – *Scherzo* para 2 pianos

Arthur Napoleão e Vianna da Motta

Instituto Nacional de Música - Programa de Concerto, Rio de Janeiro

Domingo 31 de julho de 1898. *Matinée* pelo pianista Alfredo Napoleão, com o concurso de Arthur Napoleão.

PROGRAMA

I Parte

Mozart – Sonata em Ré, para dois pianos

Pianos: Arthur e Alfredo Napoleão.

Chopin – *Berceuse*
Ballade

Piano: Alfredo Napoleão

Alfredo Napoleão – Segundo concerto para piano e orquestra, acompanhamento de um segundo piano, Alfredo e Arthur Napoleão.

II Parte

Liszt – *Légende – Saint François d'assise*

Alfredo Napoleão

Schumann - *Etudes Symphoniques*

Alfredo Napoleão

Mendelsshon e Moschelles – Variações a 2 pianos

Arthur e Alfredo Napoleão

À 1 ½ horas da tarde

Salão do Instituto Nacional de Música, Rio de Janeiro**Primeiro Concerto de Música de Câmara**

Em **11 de Junho de 1899** à 1 hora da tarde

Com o concurso de Miss Roxy King (canto), Comendador Arthur Napoleão (Piano), Prof^{ores}. Ricardo Tatti, Humberto Milano (violinos), Ernesto Ronchini (violella), Benno Niederberger (violoncelo) e Carlos de Carvalho (acompanhador).

PROGRAMA

II Parte

B.Mendelssohn – Segunda Sonata para violoncelo, op. 58

Allegro assai vivace

Allegretto scherzando

Adagio

Molto allegro e vivace

S^{rs.} Arthur Napoleão e Benno Niederberger

Beethoven – Trio em Si Bemol op.97 para piano, violino e violoncelo

Allegro moderato

Scherzo

Andante cantabile

Allegro moderato

S^{rs.} Arthur Napoleão, R.Tatti e B. Niederberger

Salão do Instituto Nacional de Música, Rio de Janeiro

Concerto dado pela senhorita Carlota Tati Machado, no dia **10 de dezembro de 1899** com o concurso dos distintos artistas: Srs.L.Billaro, Gabriel Dufriche, Luiz Cândido de Figueiredo e Luíza Amábile.

PROGRAMA

II Parte

A.Napoleão – *Polonaise* por L. Amábile

DÉCADA DE 1900**Salão da Trindade, Lisboa**

Quarta-feira 07 de fevereiro de 1900 – Concerto de Alfredo Napoleão, com a valiosa coadjuvação do distinto violinista Sr. Giulio Caggiani e de um grupo de distintos professores sob a regência do maestro Freitas Gazul.

PROGRAMA

II Parte

Alfredo Napoleão – 3 Romances op.54 n.^{os} 1 e 2 – I- *Un soir de Printemps*; II- *Le Reve*

Arthur Napoleão – *Les Etincelles*

Salão do Conservatório Real, Lisboa

Domingo, **11 de março de 1900** – à uma hora da tarde.

Matinée Concerto pelo pianista Alfredo Napoleão, com os professores Giulio e Marcos Garin.

PROGRAMA

II Parte

Alfredo Napoleão – 3 Romances op.54 n.ºs 1 e 2 – I- *Un soir de Printemps*; II- *Le Reve*
 Arthur Napoleão – *Les Etincelles*

Orpheon Portuense, Porto

Segunda-feira, **07 de Janeiro de 1901** – 51º Sarau Musical (147º concerto).

PROGRAMA

Arthur Napoleão – *Polonaise* de Concerto, para piano.
 D. Virginia Suggia (piano)

Artistas: Alfredo Napoleão, Virginia Suggia, Guilhermina Suggia (violoncello), Moreira de Sá (violino).

Audições Musicais – Casa Lambertini, Lisboa

Sábado **27 de abril de 1901**

Seção Musical pelas S^{ras.} Guilhermina e Virginia Suggia (violoncello e piano)

PROGRAMA

Arthur Napoleão – *Polonaise* de Concerto, para piano
 D. Virginia Suggia (piano)

Casa Lambertini – Praça dos Restauradores.

Real Academia de Amadores de Música, Lisboa

Sarau – Terça-feira **11 de Junho de 1901**

PROGRAMA

Arthur Napoleão – *Polonaise* de Concerto, para piano
 D. Virginia Suggia (piano)

Exercícios de Alunos no Salão do Conservatório Real, Lisboa

10 de novembro de 1901. Às 9 horas da noite – Traje de passeio – as senhoras em Cabello

PROGRAMA

Gavotte Imperiale para piano – Napoleão
 Piano: D. Hermínia Russell
 (último número do programa)

Concerto de Música Portuguesa popular e artística – Casa Lambertini, Lisboa

Sábado 19 de abril de 1902 – as 3 e meia da tarde

PROGRAMA

III Parte

Gavote Imperial (piano) – Arthur Napoleão
Piano: D. Bertha Lupi

Real Academia de Amadores de Música, Lisboa

Sarau – **Sábado, 31 de maio de 1902** – Exercício de Alunos no Salão do Conservatório Real, às 9 horas da noite.

PROGRAMA

Arthur Napoleão – Romance
D. Alice de Carvalho (piano)

Grande Concerto do pianista Vianna da Motta e do Violinista Moreira de Sá , Juiz de Fora (MG)

24 de Junho de 1902 às 8^{1/2} horas

PROGRAMA

III Parte

Arthur Napoleão – *Romanza*
Hubay – *Scena nas Czardas*
Para violino e piano

Theatro Lyrico, Rio de Janeiro

Quinta-feira, **26 de junho de 1902.**

Último Concerto de Vianna da Motta e Moreira de Sá

PROGRAMA

III Parte

Arthur Napoleão – Romance op.71

Atheneu Comercial do Porto – Concerto, Porto

Oferecido às famílias dos associados, **Sábado 22 de novembro de 1902** às 8 horas da noite.

PROGRAMA

Arthur Napoleão – *Romanza*
Violino: Moreira de Sá
Piano: Leonilda Moreira de Sá

Audição de Discípulos do Prof. Timotheo da Silveira – Salão Sasseti, Lisboa

Com a valiosa coadjuvação de distintos amadores.

17 de abril de 1904 – à uma hora e meia da tarde
Rua Nova do Almada, 116
PROGRAMA

Le temps (estudo) - Moore
Etincelles (scherzo) – Arthur Napoleão
M^{elle}. Maria Rocha Leão - piano

Salão da Trindade, Lisboa

Sábado **28 de Maio de 1904** às 9 horas

Concerto Popular (compositores portugueses) por,
Alexandre Rey Colaço.

Com o amável concurso das S^{ras}. D. Laura Wake Marques, D. Judith Chaby, D. Etelvina Serra e do Coro do Conservatório Real de Lisboa sob a direção do Maestro Ribeiro.

PROGRAMA

Gavotte Imperiale – Arthur Napoleão
Canção d'amour – Vianna da Motta
A Briza (Fado) – F.Bahia
Rey Colaço, piano

Festival Chopin, Rio de Janeiro

Em Benefício do Monumento de Chopin em Varsóvia

Instituto Nacional de Música – Rio de Janeiro

Sábado, 18 de Junho de 1904.

Dado pelos S^{rs}. Ernest Schelling e Arthur Napoleão.

PROGRAMA

Sonate op.111 (à pedido) – L. V. Beethoven
Maestoso Allegro con brio
Adagio molto semplice e cantabile
Scherzo para dois pianos - C.Saint –Säens
S^{rs}. Ernest Schelling e Arthur Napoleão
Concerto em Fá menor c/acompanhamento de segundo piano – F.Chopin
Larghetto
Allegro Vivace
S^{rs}. Ernest Schelling e Arthur Napoleão
Préludios n.º. 8, 21 - F.Chopin
Barcarola
Estudos Fa majeur e sol bemol, op.25
Nocturno, Si majeur, op.62
Scherzo Si bemol
Mazurkas op. 6, op. 50 nº2
Chant Polonais (Moja Pieszczolka)
Valsa ut dieze mineur (à pedido)

Polonaise (à pedido)

Piano: Arthur Napoleão

Theatro Lyrico – Concerto, Rio de Janeiro

Em benefício dos tuberculosos Brasileiros e Portugueses, promovido pelo Ex^{mo.} Ministro de Portugal. Segunda-feira, **17 de junho de 1907.**

(frontispício do Programa contém as armas e o selo da monarquia portuguesa)

PROGRAMA

II Parte

Variações sobre um Thema de Beethoven para 2 pianos - Saint-Saëns

Pianos: Napoleão e V. da Motta.

Tomam parte do concerto também: Bernardo Moreira de Sá, D.Francisco de Souza Coutinho

Theatro Sant'Anna, Campinas (SP)

Sexta-feira, **20 de setembro de 1907**, as 8 e meia horas da noite

Concerto de Vianna da Motta com o concurso de Arthur Napoleão.

PROGRAMA

Variações sobre um thema de Beethoven para 2 pianos - Saint-Saëns

Fantasia sobre motivos da ópera D. João para 2 pianos – Mozart/Liszt

Pianos: Napoleão e V. da Motta

Pianos de cauda Steinway, gentilmente cedidos pela Casa Frederico Joachim

Theatro Sant'Anna, Campinas (SP)

Quarta-feira, **23 de setembro de 1907**, as 8 e meia horas da noite

Concerto de despedida de Vianna da Motta com o concurso de Arthur Napoleão.

PROGRAMA

II Parte

4º Concerto em Ré menor – Rubinstein

Allegro Maestoso

Andante

Allegro

Piano solista; Arthur Napoleão, acompanhado por Vianna da Motta

III Parte

Fantasia sobre motivos da ópera D. João para 2 pianos – Mozart/Liszt

Pianos: Napoleão e V. da Motta

Pianos de cauda Steinway, gentilmente cedidos pela Casa Frederico Joachim

Instituto Nacional de Música, Rio de Janeiro

Sexta-feira **27 de setembro de 1907**, às 9 horas da noite.

Concerto Diaz – Albertini (violino)

Com o valioso e gentil concurso da S^{ta}. D. Celeste Jaguaribe de Mattos e dos Maestros III^{mos} S^{rs}. Comendador Arthur Napoleão, Henrique Oswald, Carlos de Carvalho e do amador Sr. Leopoldo Duque Estrada Filho.

PROGRAMA

Segunda Sonata op.102 – Saint-Saëns (primeira audição)

IV. *Poco Scherzo, piu tosto moderato*

V. *Scherzo – Vivace*

VI. *Andante*

VII. *Allegro gracioso, non presto*

S^{rs}. Arthur Napoleão e Diaz – Albertini

Cavalgada de Walkírias – Wagner/Herlick, para 2 pianos

S^{rs}. Arthur Napoleão e Leopoldo Duque Estrada Filho

Instituto Nacional de Música, Rio de Janeiro

Concerto de Despedida de Vianna da Motta. Terça-feira, **01 de outubro de 1907**, às 9 horas da noite, com o concurso de Arthur Napoleão.

PROGRAMA**II Parte**

Fantasia sobre motivos da ópera D. João para 2 pianos – Mozart/Liszt

Pianos: Napoleão e V. da Motta

Grande concerto de Arthur Napoleão, Rio de Janeiro**Instituto Nacional de Música - Terça-feira 25 de agosto de 1908**

(51º aniversário do primeiro concerto no Rio de Janeiro)

Grande Orquestra – regida pelos eminentes professores Alberto Nepomuceno e Francisco Braga e o gracioso concurso da exímia cantora M^{me}. Maragliano Corte – Real, da laureada violinista – Paulina d’Ambrosio e do notável violoncelista Rubens Tavares.

Às 8 ½ da noite

Bilhetes à venda na Casa Arthur Napoleão e na Confeitaria Castelhões – Avenida Central.

PROGRAMA**I Parte**

Nepomuceno – Prelúdio do Guaratuja

Pela grande orquestra regida pelo autor

R. Wagner – *Lohengrin* (Sonho d’Elsa)

Mme. Maragliano Corte – Real

C.Franck – *Les Dijinns* – Piano e Orquestra

Arthur Napoleão (solista)

II Parte

L.Miguez – *Saldunes* – Cortejo
 Pela orquestra
 Max Bruch – Concerto em sol menor para violino e orquestra
 Senhorita Paulina d’Ambrosio
 H.Berlioz – *Dannazione di Faust* – Ária
 Mme. Maragliano Corte Real
 Chopin – Prelúdio à Princeza Czernischeff op.45
 Schubert-Heller – *La truite* – transcription
 Rhapsodia Hungara N.13
 Arthur Napoleão

III Parte

F.Braga – *Chant d’Automme*
 Pela orquestra regida pelo autor
 Bach – *Sarabande*
 Schumann – *Reverie*
 Para violoncello Sr. Rubens Tavares
 Brahms – *Ode Saffica*
 Berceuse
 Sérenade inutile
 Mme. Maragliano Corte-Real
 Gomes- Napoleão – Paraphrase sobre o *Schiavo*
 Arthur Napoleão

Administracion de Concerts A.Dandelot – 83, Rue d’Amsterdam, Paris

Lundi 2 Mars 1908, à 9 heures precises
Concert – Emile Lamberg (de Rio de Janeiro)
Avec le concurs de Pablo Casals
PROGRAMME

Soirées de Rio de Janeiro

- I. *Gavotte - A. Napoleon*
- II. *Tango Bresilien – Nazareth/Lamberg*

Audição de Discípulos do Prof. Timotheo da Silveira – Salão do Conservatório Real, Lisboa

Trechos de compositores portugueses
17 de maio de 1908 – à uma hora e meia da tarde
PROGRAMA

Etincelles – Arthur Napoleão
 M^{lle} Bertha Santos, piano
 Romance - A.Napoleão

M^{elle} Claudina Horta Pereira Machado, piano
 Piano de cauda Bechstein cedido obsequiosamente pela Casa Lambertini

Escolas Francisco Aboim em Bellas, Bellas (Portugal)

Sarau Literário e musical em benefício dos alunos das escolas e de algumas pessoas pobres residentes em Bellas. Sexta-feira, **18 de setembro de 1908** às 8^{1/2} da noite.

PROGRAMA

Romance – Arthur Napoleão
 Violoncello: Cecil Mackee
 Piano: Michel' Angelo Lambertini

Audição de Alunos do Prof. F.Bahia, Lisboa

22 de maio de 1910, às 2 e meia da tarde. Rua Luiz de Camões, 71

PROGRAMA

Ricordati - A.Napoleão
 M^{elle} Sara Amâncio, piano

Audição de Discípulos do Prof. Timotheo da Silveira – Salão do Conservatório Real, Lisboa

14 de maio de 1911 – à uma hora e meia da tarde

PROGRAMA

Romance - A.Napoleão
 M^{elle} Suzana Freitas

Audição de Alunos do Prof. F.Bahia, Lisboa

14 de maio de 1911, às 2 horas da tarde. Rua Luiz de Camões, 71

PROGRAMA

Romance - A.Napoleão
 M^{elle} Florentine Guérin

Concerto Matinée - Theatro Municipal, Rio de Janeiro

Domingo 23 de Junho de 1912

Único concerto de *Matinée* pelo eminente pianista português José Vianna da Motta, com a cooperação do Exímio Professor Arthur Napoleão.

PROGRAMA

I Parte

Variações sobre um thema de Beethoven para dois pianos – Saint-Saëns

Arthur Napoleão e V. da Motta

II Parte

Tarantella (para dois pianos) – Arthur Napoleão

Arthur Napoleão e V. da Motta

Audição de Discípulos do Prof. Timotheo da Silveira – Salão do Conservatório Real, Lisboa

Seção Musical – Domingo, **22 de Junho de 1913** – às 21 horas

PROGRAMA

Romance - A.Napoleão

M^{me}. Maria da Conceição Thereza de Castro Bahia

Reunião de Discípulos do Prof. Timotheo da Silveira – Salão do Conservatório Real, Lisboa

23 de Maio de 1916 – à uma hora e meia da tarde

PROGRAMA

Romance - A.Napoleão

M^{elle} Carolina Rosa

13º Concerto - Teatro São Pedro, Porto Alegre

Organizado em Porto Alegre, pelo Maestro riograndense João Schwarz Filho

com o concurso da E^{xma}. S^{rita}. Conceição Masson (aluna da festejada cantora riograndense E^{xma}. S^{rita} Olinta Braga) e dos alunos do promotor do concerto.

Sexta-feira, **10 de dezembro de 1915**, às 8 horas da noite.

PROGRAMA

Arthur Napoleão – “Paráfrase de Concerto” sob temas de O Remorso Vivo (arranjo de B.Wagner) solo de piano

Piano: Sr. Álvaro Barros Figueiredo

Arthur Napoleão – Havaneira Brillhante op.71 nº2, solo de piano

Piano: Sr. Waldemarina Chaves Fialho

2 - NOTÍCIAS DE PERIÓDICOS DO BRASIL E EXTERIOR (Ordenados Cronologicamente)

DÉCADA DE 1850

O Jornal do Povo, Porto. Terça-feira 18 de dezembro de 1849.

Notícias diversas

Conta-nos que a direção da Sociedade Philarmonica tenciona brindar o menino Arthur Napoleão, de seis anos de idade, e filho desta cidade, havendo também a lembranças de o proporem sócio honorário da Philarmonica.

Se a Sociedade realizar esse pensamento que deixamos notado, torna-se digna dos maiores louvores, por conhecer o mérito, e dar-lhe o verdadeiro e legítimo galardão. O menino Arthur, na opinião de todos os professores que o têm visto tocar, é um gênio. A música que sabe, as respostas que dá as interrogações que os professores lhe fazem sobre a arte musical, a maneira porque acompanha no piano, a forma porque estuda e corre a música que se lhe põem diante de si, diz que podemos ter a esperança de encontrar nele um artista de nome.

Além disto, a circunstância do artista ser portuense, e nosso compatriota, junto aos grandes merecimentos que deixamos descritos, deverá ser mais um motivo para que vejamos realizada a notícias que nos deram de que a Philarmonica tenta praticar um ato de justiça que muito a deve enobrecer.

O Estandarte, Lisboa – 13 de maio de 1850.

O jovem Arthur Napoleão

Dos jornais do Porto transcrevemos muitos elogios feitos no merecimento transcendente de um jovem artista de menos de seis anos, que tocando piano, obteve os maiores aplausos na segunda capital do reino. Vindo a Lisboa anunciamos a sua chegada; e confiados no testemunho de indivíduos inteligentes e imparciais, agouramos que ele aqui havia de obter novos triunfos.

Ouvimo-lo. Não temos dúvida em confessar, que estávamos prevenidos a seu respeito: era uma circunstância contra ele; porém ficamos surpreendidos, achamos mais e muito mais do que esperávamos. Escutamo-lo primeira e segunda vez, mas de propósito não quisemos dizer coisa alguma a seu respeito; quisemos que ele fizesse as provas públicas, quisemos que um júri

especial lavrasse a sentença, tamanho era a segurança que possuíamos de que ele lhe havia de ser favorável.

O jovem Arthur Napoleão foi convidado para o concerto de sábado 11 do corrente da assembléa filarmônica. Na primeira parte, tocou umas variações sobre temas da ópera “O Pirata”, com tal desembaraço, com tão perfeita execução, como o podia fazer o melhor professor. Nunca nenhum artista foi mais aplaudido. A este coube o que só pode caber à sua idade: andou em triunfo nos braços das senhoras.

Desempenhou depois à parte do piano, numa Fantasia de piano e violoncelo de Kumer. O aplauso correspondeu à surpresa; foi maior se é possível. Os primeiros professores desta capital estavam presentes, e a alguns ouvimos quanto se pode imaginar de lisonjeiro.

Consta-nos que vai dar um concerto em seu benefício. Sabemos que todos os professores o desejam obsequiar. O público de certo não há de deixar de prestar auxílio a um nosso compatriótico, que é um verdadeiro portento; e que se for a Paris e Londres fará a sua fortuna, como ouvimos a pessoa bem competente para o avaliar.

O Estandarte, Lisboa – 20 de maio de 1850.

Espectáculos

Concerto no Teatro de S.Carlos do jovem Arthur Napoleão. Alexandre Napoleão, penhorado pela distinta recepção, que em algumas das principais famílias desta capital se dignaram prodigalizar a seu filho Arthur Napoleão, e ultimamente na Sociedade Filarmônica desta cidade, anima-se a apresentá-lo na noite de 27 do corrente mês de maio, no Real Teatro S.Carlos, na esperança que o ilustre público Lisbonense lhe prestará toda a sua benévola proteção, e indulgência, para com um tão jovem artista e compatriótico de seis anos e meio. Todas as pessoas que se dignarem coadjuvá-lo, e honrá-lo com sua benevolência na noite do seu benefício, podem procurar os bilhetes, tanto de camarotes como de platéia, na Rua de S.Paulo N° 38, até o dia 26, e depois no dito teatro.

O Estandarte, Lisboa – 31 de maio de 1850.

Felicitemos o jovem Arthur pelo novo triunfo que alcançou em a noite de seu benefício. Como as notícias e cartazes nos têm enganado muitas vezes, quem ainda não o não tinha ouvido estava receoso de que fosse outra logração, como tantas impostadas do estrangeiro. Ficaram todos desenganados.

O pequeno artista, que apenas se distinguia na *scena*, apresentou-se com um garbo e desembaraço que a todos causou espanto. Saudou suas Majestades e saudou o público, como se fora um ator de muitos anos, foi bastante para romperem as palmas de ambas platéias e camarotes, palmas que redobraram depois que acabou de tocar, porque ninguém esperava que aqueles dedinhos de seis anos fossem capazes de tirar do piano os sons que ele tira, e menos se conjeturava que ele pudesse compreender a música de sorte, que, no acompanhamento com o violoncelo, não perdeu um compasso, entrando a tempo como um professor.

No intervalo do 2º ao 3º ato do drama, o piano foi colocado de modo que todos viam o tocador. Acabando de tocar foi tal o chuveiro de coroas e flores, caído sobre o palco, que chegamos a compadecer-nos do trabalho que o inocente estava tendo em as apanhar.

Finalmente no intervalo do 4º e 5º ato, tocou uma Symphonia a 4 mãos acompanhado por seu pai; e aplausos foram iguais, sendo chamado fora três vezes.

Em honra do pequeno artista espalharam-se diversas composições poéticas que publicaremos. Por hoje damos esta breve notícia, aproveitando a ocasião para felicitar a virtuosa protetora do beneficiado e sua patrícia, por ter visto coroado os seus esforços, e por ter talvez aberto ao seu protegido uma carreira brilhante.

Espectáculos – Teatro D.Fernando

Dirigido por Emilio Doux, empresário e ensaiador. Sexta-feira 31 de maio, em benefício do cofre do monte pio philarmônico – O drama em três atos, Domingos, o endemonhiado; o drama em três atos – Um episódio do reinado de Jacques I.

Num dos intervalos o menino ARTHUR NAPOLEÃO da idade de seis anos e seu pai Alexandre Napoleão, executarão no piano, a quatro mãos, a Fantasia sobre motivos da ópera *I due Foscari*.

Journal des Débats – Paris, 17 du mars 1853

Feuilleton du Journal des Débats

THÉÂTRE-LYRIQUE

[A crônica inicia comentando a premier da ópera *Les Amours du Diable*, com música de M. A. Grisar e libreto de M. Saint-Georges e segue traçando uma espécie de paralelo com a ópera *Robert le Diable* de Meyerbeer].

FÉUILLETON DU JOURNAL DES DÉBATS

DU 17 MARS 1833.

THÉÂTRE-LYRIQUE.

Première représentation de *les Amours du Diable*,
opéra-feeine en trois actes et neuf tableaux, paroles
de M. de Saint-Georges, musique de M. A. Grisar.

Avez-vous vu un grand opéra en six actes, quoique
l'auteur n'en ait jamais accusé que cinq, donné avec un
vra grand succès au théâtre de la rue Lepelletier en l'an
1800, dans lequel parurent à la fois cinq admirables
artistes nommés Falcon, Cinti-Damoreau, Taglioni,
A. Nourin et Levasseur; opéra dont le livret fut attri-
bué à un illustre faiseur de pièces de théâtre, d'un es-
prit fin, adroit, infatigable, du nom de Scribe, et dont
la musique, à en croire les savans historiographes,
avait été composée, dans ses momens perdus, par un
compositeur aujourd'hui peu connu, mais qui ut un
nombre considérable de délicieuses romances, dont la
vue a porté jusqu'à nous le nom de Meyerbeer?
L'avez-vous vu?

Vous devez l'avoir vu. Qui diable n'a pas vu *Robert-
le-Diable*? Pour ne le point connaître il faudrait être né
d'avant-hier; car on le représente encore, tant bien
que mal, dans ce même théâtre de la rue Lepelletier
dont il fit naguère la fortune, mais où l'on professe
aujourd'hui le plus souverain mépris pour toute parti-
tion âgée de plus de vingt ans. Et c'est à quoi on est
force de reconnaître le respect profond, l'idolâtrie,
l'amour saintime et dévoué que l'on ressent, que l'on
éprouve dans ce théâtre, vulgairement dit théâtre
d'opéra, pour les grands maîtres de l'art musical.
Toute partition âgée de plus de vingt ans n'est bonne qu'à
brûler, on le sait, on le croit; ceci est connu, prouvé,
reconnu. Or, *Robert-le-Diable* a plus de vingt

ans; toutes les partitions de Rossini et bien d'autres
ont plus de vingt ans, et non seulement on ne les a
pas brûlées, mais on représente encore, tant mal que
bien, de temps en temps, ces vieilleries inutiles, par
pure vénération pour leurs auteurs. A la bonne heure,
voilà un théâtre modèle, où l'on immole sans hésiter,
à la morale de l'art, les antipathies les plus naturelles,
les convictions les plus inébranlées.

Mais ce n'est point ici le lieu de faire son éloge ni
d'entrer dans une étude approfondie de l'influence
qu'il aura exercée sur les progrès de la musique dra-
matique. Je voulais seulement vous demander si vous
connaissiez *Robert-le-Diable*, vieil opéra en six-actes,
âgé de vingt-trois ans; car si vous ne l'aviez, par im-
possible, jamais vu, je vous eusse adressé une autre
question ainsi conçue: Avez-vous vu un très piquant
ballet de M. de Saint-Georges, un ancêtre de l'auteur
des *Amours du Diable*, ballet dont le rôle principal
était si joliment rempli par M^{lle} Pauline Leroux, où
l'on riait à se tortire, et dans lequel la charmante dan-
seuse faisait brûler de mille feux tous les spectateurs
âgés de vingt ans et même ceux doués du triple de cet
âge?

L'avez-vous vu?

Vous devez l'avoir vu: qui diable n'a pas vu le *Diable
amoureux*?

En bien, que toutes les personnes qui ne connais-
sent ni *Robert-le-Diable* ni le *Diable amoureux* se hà-
tent d'aller au Théâtre-Lyrique voir *les Amours du
Diable*; car M. de Saint-Georges (le nôtre) a eu exprès
pour elles l'heureuse idée de fondre, sans les brûler,
ces deux chefs-d'œuvre en un seul qu'il vient de nous
servir chaud. Mais comme il est d'usage que la critique
indiscrete déflore tous les sujets de pièces de théâtre,
et qu'elle ravisse impitoyablement les plaisirs de la
surprise, le charme de l'inattendu, l'attrait de l'in-
connu aux malheureux spectateurs, lecteurs de feuille-
tons,

Je vais, sans rien omettre, et sans prévariquer,
Compendieusement énoncer, expliquer,

pour ceux qui n'ont jamais vu *Robert-le-Diable* ni le *Diable amoureux*,

Les divers incidens de la pièce nouvelle
Et la moralité contenue en icelle.

Cependant (voyez comme je suis consciencieux de vous le dire) je dois avouer que le personnage principal ne se nomme pas Robert; loin de là, il s'appelle Frédéric. Et puis j'éprouve un certain plaisir à commencer mon récit par *cependant*. C'est bien plus neuf, plus hardi et plus fascinant que le fameux *Pour lors* par lequel débutait le discours d'Odry sur la pièce des *Deux Forçats*.

Voilà donc ce Frédéric, un jeune homme non encore âgé de vingt ans, qui brûle néanmoins d'un amour infernal pour une cantatrice, une Phébé, femme fausse, à la voix assez juste, et de plus jalouse comme une prima donna di cartello. Une sœur de lait de Frédéric, nommée Lilia, ce qui est bien moins doux qu'Alice, jolie néanmoins (*manibus date lilia plenis*), arrive de sa Normandie avec son fiancé Paternick. Elle pourrait, en arrivant, chanter une ballade, une légende, quelque vieille histoire d'un vieux tableau représentant le démon ou l'un de ses parens, et pourtant elle n'en chante pas. Elle a tort; si Lilia nous eût donné là le pendant de la ballade d'Alice, elle eût fait un très grand plaisir aux gens qui n'ont jamais vu *Robert-le-Diable*. Elle ne chante pas de ballade, il est vrai, mais elle dit mille tendresses à son frère de lait; elle lui prend les mains, elle l'embrasse à rendre jalouse une cantatrice moins tigresse, ou, si vous voulez, une tigresse moins cantatrice que la diva assoluta.

Aussi Phébé jette-t-elle les hauts cris, en musique, quand elle surprend ce fraternel tête-à-tête présidé par Paternick, le Raimbaud de la pièce, autrement dit le niais. « Ah! c'est sa sœur de lait! ah! c'est de Paternick l'aimable fiancée! O rage! ô fureur, ô vengeance! » La diva, pour faire un tour infâme à son amant, l'engage à jouer avec de jeunes seigneurs qui se trouvent là à point nommé, et qui, en voyant le Frédéric saisir le cornet, disent sans hésiter: « A vous les dées », et

murmurent à part sans doute, bien que n'ayons pas entendu :

Nous-le-le-nous — nous-le-le-nous.

Frédéric n'aurait-il pas dû chanter ici :

Du gai Sicilien
Le sage et gai refrain?
Hein? Hein?

Et pourtant il joue sans chanter, et sans que tram puisse placer son fameux vers :

L'or est une chimère.

Il est vrai que Bertram n'est pas là. Oh! tout l'opéra nouveau, n'est pas absolument semblable deux pièces anciennes. Il y a d'abord la musique ne ressemble pas du tout à celle de Meyerbeer, il y a encore d'autres choses qui ne ressemblent

Or donc Frédéric joue, perd, double ses et perd encore, et risque enfin son château, le c de ses pères, et le perd. Les seigneurs sicili canent assez malhonnêtement, et lui, le pauvre homme, entre en fureur et saisit la chaise, la f chaise de Robert-le-Diable, qu'il fait semblant loir jeter à la tête de ceux qui l'ont dépouillé. après, nous le retrouvons dans la maison de u verneur: il n'a plus ni feu ni lieu, le malheur faut bien qu'il exhale quelque part sa rage et leur. Pour tuer le temps, il prend quelques livr la bibliothèque du savant. L'un de ces bouqu un livre de magie; il y lit (vile phrase! com Polonius), il y trouve une formule pour évoque mon. Curieux d'en éprouver l'efficacité, Frédé annonce les mots cabalistiques, et bientôt des co pétés sur un bain de siège en fer-blanc qui tam-tam au Théâtre-Lyrique annoncent l'ar l'esprit du mal.

D'un point lumineux qui s'agrandit démesa peu à peu, nous voyons sortir Belzébuth, do lant, un grand diable de six pieds de haut, av que chose de noir roulé à terre en hérisson at

Mais venons à l'objet principal de ce diptyque. Il s'agit des pianistes, et rien que des pianistes : il est temps que l'opinion publique, qu'ils ont le tort de ne pas assez occuper d'eux-mêmes, sache à quoi s'en tenir sur leurs mérites respectifs.

Je commence :

M^{lle} Clauss est une jeune pianiste bohème, dont le talent est du petit nombre de ceux que je ne me laisserai jamais de louer. On la connaît, celle-là, et on l'aime à Paris. Je me bornerai à dire que dans le concert qu'elle a donné au palais Bonne-Nouvelle son exécution de la grande sonate en *fa* de Beethoven a été grandiose et inspirée. Le chef-d'œuvre m'a donné un instant de fièvre, comme pourrait le faire une des plus magnifiques symphonies du maître. Mademoiselle, vous êtes une artiste, je vous remercie.

M. Fumagalli est un jeune pianiste milanais d'un talent exceptionnel, qui joue de la main gauche seule aussi bien qu'il pourrait faire avec deux mains droites, et qui chante sur le médium du clavier. Ah ! si nous avions des ténors et des sopranos capables de chanter ainsi ! Mais je vous ai assez dit le mois dernier ce qu'était ce virtuose ; il n'a pas besoin de nos louanges.

M. Arthur Napoléon est un jeune pianiste âgé de huit ans, né à Lisbonne, gracieux et vif comme le Puck de Shakspeare, et faisant courir ses pauvres petites mains sur le clavier avec une incroyable vélocité. On l'a applaudi, acclamé, redemandé, et j'ai surtout été ravi de la gentille et joyeuse gaucherie avec laquelle il a salué son auditoire au milieu de cette tempête de bravos. On voit qu'il n'a appris que la musique, et que les mines savantes et les poses des virtuoses défilés lui sont encore inconnues. Ce charmant enfant a eu, quelques jours après, l'honneur de se faire entendre à la cour, et LL. MM. II. l'ont comblé de caresses et de présens.

M^{lle} Græver est une jeune pianiste hollandaise venue à Paris l'an passé pour y faire sa réputation, et pour la faire vite. Elle y est parvenue.

M^{lle} Rosa Kastner est une jeune et jolie pianiste

viennoise qui n'a pas besoin de se faire recommander, et que chacun me recommande néanmoins ; ce qui produit toujours sur moi l'effet contraire à celui qu'on se propose, à moins que le talent de l'artiste recommandé ne soit incontestable. C'est précisément le cas de M^{lle} Kastner. Elle possède un doigté rillant, énergique, et joue à merveille la musique de Mendelssohn.

M^{lle} Staudach (la baronne de) est une jeune pianiste viennoise d'une grande force, d'un talent éminemment musical, élève d'un des plus excellens maîtres de Vienne, mon ami J. Fischoff, qui, pour ne pas compromettre son élève, a eu l'esprit ou l'amour-propre de ne pas m'écrire un mot à son sujet. M^{lle} de Staudach a joué bien, mais là tout à fait bien, le concerto en *vi* mineur de Beethoven, dans lequel elle a montré sa rare habileté de mécanisme en exécutant un point d'orgue immense et fort curieux (composé, je crois, par M. Fischoff) dont une bordée d'applaudissemens de bon aloi a accueilli la conclusion.

M^{lle} Belin est une jeune pianiste française douée d'un talent gracieux, sympathique, appréciable surtout dans les réunions de musique intime. Elle possède d'ailleurs une instruction musicale solide, qui la rend tout à fait propre à la difficile carrière de l'enseignement qu'elle a embrassée.

M^{lle} Adrienne Picard est une jeune pianiste française, de la même école que la précédente ; son talent a même plus de nerf et une correction plus magistrale. Elle a parfaitement interprété, dans leurs divers styles, les maîtres anciens et modernes dont les noms illustraient le programme de son concert.

M^{lle} Louise Matteman est une jeune pianiste française qui trouverait le moyen de faire adorer Mozart, si Mozart n'était pas adorable, tant elle met d'âme, de goût et de bon style dans l'exécution de ses sonates et de ses concertos.

M. Henri Herz est un toujours jeune pianiste français dont le talent est svelte, élégant comme sa personne, et qui, de plus, a produit par son docte enseignement une foule de jeunes pianistes remarquables. Il nous a

offert un bouquet de ces fleurs musicales dans un morceau à plusieurs pianos exécuté à son dernier concert, et qui a valu aux élèves comme au maître de chaleureux applaudissemens.

M. Goldbeck est un jeune pianiste prussien, musicien je ne dirai pas jusqu'au bout des ongles, un pianiste n'en a pas, mais jusqu'à la pointe de ses longs cheveux blancs. J'ai lu en outre quelques compositions qu'il vient d'écrire pour l'orchestre, et j'ai cru y voir de sûrs indices d'un talent sérieux qui ne tardera pas à se développer.

M. Benfield est un jeune pianiste anglais, dont la virtuosité incontestable s'allie on ne peut mieux, et fort agréablement pour l'auditeur, aux talens de ses frères et sœurs sur la harpe et sur le concertino, instrument peu connu à Paris, et dont l'effet est délicieux ainsi marié aux sons du piano et de la harpe. La famille Benfield fera fureur dans les salons.

M. Krüger est un jeune pianiste wurtembergeois dont je vous ai déjà entretenu lorsqu'il s'est agi du premier concert de Vieuxtemps. Voyez l'éloge 427 du Numéro 114 du *Journal des Débats*.

M. Sowenski est un presque jeune pianiste polonais dont le talent brille surtout par la sonorité, par la force. Il a d'ailleurs composé plusieurs œuvres de longue haleine pour chœur et orchestre, tels que l'oratorio de *Saint Adalbert* et l'ouverture de *la Reine Hedwige*.

M. Ferdinand Hiller est un jeune pianiste francfortois... Ah bien, non, cette fois la formule ne va plus; il n'est pas jeune, il est de mon âge, il était déjà un jeune pianiste en 1830 et nous avons vu tous les deux bien des choses dont il ne m'est pas permis de parler ici. Mais quel que soit notre âge et quoi que nous ayons vu, je suis bien sûr, de n'être point abusé par une vieille amitié en admirant non seulement le talent vigoureux et puissant de Hiller le pianiste, mais encore et surtout la haute valeur de ses compositions d'un style si ferme, si fier et si élevé. Il est bien regrettable que pas une des institutions musicales de Paris ne

s'avise d'exécuter au moins des fragmens de son bel oratorio *la Chute de Jérusalem* si souvent entendu en Allemagne. La nouvelle sonate qu'il a exécutée à son premier concert est une œuvre capitale, et d'une splendide originalité.

M. Prudent est un jeune grand pianiste... Ah! par exemple, s'il faut vous dire ce que c'est que Prudent!... Nous signalons seulement en passant le splendide concert qu'il a donné avant-hier. Cette soirée comptera parmi les plus belles de la saison, et je me réserve d'en parler avec détails très prochainement.

Je m'arrête là, non que la liste soit close, mais afin de me réserver un paragraphe intéressant pour un autre feuilleton.

Après avoir tant parlé des pianistes, ou parlé de tant de pianistes, il n'est peut-être pas hors de propos de signaler le progrès que chacun remarque dans la fabrication des pianos dont ils se servent presque tous, les pianos d'Erard. Ces instrumens ont une plénitude et une beauté de sons incomparables. Leur timbre est à la fois doux et fort, onctueux et brillant; c'est orchestral.

Je dois ajouter en finissant qu'une nouvelle association musicale vient de se former, sans craindre les deux préexistantes; ce qui porte maintenant à trois les Sociétés de cette nature, en tête desquelles il faut toujours placer la Société des concerts du Conservatoire. La nouvelle a été formée par une réunion de jeunes artistes que dirige avec talent M. Padeloup. Celle-là a pour but de faire entendre spécialement les œuvres des jeunes compositeurs et de s'exercer en public à la gymnastique musicale. Ces élèves, parmi lesquels on compte, il faut le dire, un certain nombre de professeurs, ont débuté d'une façon brillante, en exécutant avec ensemble la première symphonie en ut majeur de Beethoven et une grande et belle ouverture de M. Lacombe. Et les fêtes harmoniques du Jardin-d'Hiver dont je n'ai rien dit encore. Ce sera pour une autre fois. Franchement, je n'en puis plus.

H. BERLIOZ

The Musical Union Record, London. 1853, N°6, Tuesday, June 14. p.31

ARTHUR NAPOLEON.

"Organization is the mother of talent."—FUSELI.

This precocious child, whose talents as a pianist have excited the admiration and wonder of all who have heard him, is a native of Oporto, in which city he was born, in the month of March 1844. His father, also Portuguese, having discovered that his gifted child, at the tender age of three years, evinced a strong passion for music, taught him his notes, the treble and bass clef, and at the age of four, he had acquired a perfect knowledge of the rudiments of the art. Before he reached his fifth year, this young pianist appeared in public at the Philharmonic Society in Oporto. After giving two concerts at the theatre, he next appeared before the court at Lisbon. Accompanied by his father, Master Napoleon arrived last winter in Paris, where his success is recorded in the following eulogistic terms by Hector Berlioz, in the *Journal des Débats*:—"M. Arthur Napoleon est un jeune pianiste âgé de huit ans, né à Lisbonne, gracieux et vif comme le Puck de Shakspeare, et faisant courir ses pauvres petites mains sur le clavier avec une incroyable vélocité. On l'a applaudi, acclamé, redemandé, et j'ai surtout été ravi de le gentille et joviale gaucherie avec laquelle il a salué son auditoire au milieu de cette tempête de bravos. On voit qu'il n'a appris que la musique, et que les mines savantes et les poses des virtuoses défiés lui sont encore inconnues.

"Ce charmant enfant a eu, quelques jours après, l'honneur de se faire entendre à la cour, et LL. MM. II. l'ont comblé de caresses et de présents."

Since the appearance of the precocious Mozart, playing before the Elector in Munich at the age of six, there is nothing on record in the annals of executive art more wonderful than the interesting subject of this notice.

The Musical Union Record, London. 1853, N^o7, Tuesday, June 28. p. 39

ARTHUR NAPOLEON,
(BORN IN OPORTO, 1844.)

The musical organisation and executive skill of this child many of our members already have had opportunities of appreciating. His sweetness of disposition, pleasing manners, and *naïve* observations on art and artists, are indicative of a beautiful mind, worthy of all the care that a wise and discreet parent can bestow on his education. One remark, lately made to us by the observant youth, recalled to our memory a passage in one of Mozart's letters to his father, from Munich, 1777. "I played to Count Solms and the Countess, for two days together, a great many things out of my head. You cannot imagine how delighted the Count was; and he understands music, for he always says BRAVO in those places where other Cavaliers take a pinch of snuff, or begin to sneeze, or to hem, or commence a conversation." We trust that Arthur Napoleon may experience more liberal support than was awarded by the dignitaries of Salzburg to poor Master Wolfgang Mozart in early life.

The Illustrated London News, London - July 16, 1853.

PIANIST.

THIS interesting boy prodigy, whose performances have been one of the wonders of the present musical season, is a native of Oporto, in which city he was born on the 6th September, 1844; he has not, therefore, yet completed his ninth year. He is the second of a family of six children, and has recently lost a younger sister, who was almost his equal in musical talent. At the age of three years, he evinced a strong passion for music. His father taught him his notes, the treble and bass clefs; and he rapidly imbibed the rudiments of the art. Before he had reached the age of five years, he had appeared in public at the Philharmonic Society of Oporto. At the age of six years his father took him to Lisbon, where he played before the Court; soon after which he was made an honorary member of the Philharmonic Societies of Lisbon and Oporto. In 1852 he was taken to Paris, where he played before the

Court, and was honoured with the notice of their Imperial Majesties ; and the little Arthur's success is recorded in the most eulogistic terms by Hector Berlioz, in the *Journal des Débats*.

Arthur Napoleon is of a slight, slender frame ; but he has a fine intelligent countenance. His taste and facility in musical composition are highly promising of future excellence. At his piano he is a maestro ; away from it, a playful, happy child. He possesses great animal spirits, but can easily be brought to concentrate his ideas on any given subject. He will amuse himself for hours, when left alone, in composing imaginary operas with chairs and sofa pillows, for his company, and himself the conductor and orchestre. He does not study, he only plays at music. It has been said by a French critic, that " he must have brought from heaven the secrets of musical science, for he has not lived long enough to learn

them." In truth, no teaching could give the taste, feeling, and expression which he imparts to Thalberg, Prudent, Hartz, Ascher, and a crowd of other composers, who may come under the magic touch of his little fingers. His execution is natural and artistic. The instrument obeys him. He passes over the most difficult passages gracefully ; and he interprets the great masters not only with unerring precision, but with wonderful richness of tone, charm of expression, and warmth of sentiment.

O Panorama, Lisboa – 3ª série 17 de setembro de 1853, p. 300.

[...] a Ilustração inglesa qualificou-o como uma das maravilhas da presente estação musical. O jovem Arthur é de débil constituição; mas a sua fisionomia insinuante revela superior inteligência.

Diz um crítico francês, que Arthur Napoleão recebera dos céus os segredos da ciência musical, porque os poucos anos não lhe permitiram de certo aprendê-los.

Sentado ao piano é um maestro; o instrumento parece obedecer ao toque mágico dos seus pequeninos dedos. A sua execução é natural e artística. Vence as maiores dificuldades sem esforço; e interpreta os grandes mestres; não só com irrepreensível correção, mas também com surpreendente delicadeza e força de sentimento. É um gênio, que Deus criou fadado para a glória!

O retrato, que temos o gosto de oferecer aos nossos subscritores, foi gravado sobre o que publicou a Ilustração inglesa, que tece ao jovem pianista português os mais altos elogios.

Arthur Napoleão é sócio de mérito das duas Sociedades filarmônicas de Lisboa e do Porto; e assim em Paris, como em Londres, tem recebido as mais inequívocas provas de distinta consideração e apreço (possivelmente de autoria de L.A.Rebello da Silva).

The Musical Union Record, London. 1854, N^o2, Thursday, March 07th . p. 10-11

ARTHUR NAPOLEON.

This gifted and interesting child, whose captivating performances on the piano, last year, are fresh in the recollection of most of our subscribers, is reaping *golden* opinions in Dublin. At the principal towns in the north of England, previous to his visit to the Irish capital, the young pianist was received with the utmost enthusiasm. Highly as we have spoken already of his precocious genius, our language is faint praise, compared with the encomiums of the northern critics.

After visiting Scotland, little Arthur will return to London for the season, and then cross the Atlantic to surprise Jonathan. We must do the father justice in believing that he will follow the course, more than once explained to us, for the future education of his child. It is often the fate of genius to be the offspring of needy parents. Alas! how many instances have we known of remarkable children developing a faculty to excel in art, and who, for want of sound instruction in the principles of science, have been the victims of vulgar and incurable habits in style, and sank into premature oblivion! From our own observation, we are prepared to say that Arthur Napoleon is endowed with a highly impassioned and dramatic faculty to excel in composition. In other arts there are self-

taught, clever professors, who have attained great excellence in their profession. Fétis, speaking of principles of art, justly remarks that "La musique en a de plus compliqués que la peinture ; aussi est-elle à la fois une science et un art. C'est cette complication qui en rend l'étude longue et pénible pour quiconque veut y acquérir un certain degré d'habileté."

Should Arthur Napoleon realize our expectations in his future life, it will ever be a source of pride and satisfaction to us that we were the first to awaken the British public to his talents. Talk of the neglect of genius in past ages! it is not saying much for the generous discernment of professors and amateurs, that the above genius—quite as wonderful as Mozart, considering the difficulties he performs on the pianoforte—was many weeks in London without a helping hand to procure him the means of existence ; and with difficulty did the father obtain a pianoforte on hire for the exercise of Arthur's tiny fingers.

Since writing the above, we have received the following gratifying intelligence of the estimation of the boy's genius by the generous warm-hearted sons of Erin.

"A splendid piece of plate of the value of £100 will be presented to Arthur Napoleon at the close of his engagement in Dublin. The gift bears the following inscription.

"Presented to Arthur Napoleon as an acknowledgement of his extraordinary talent, and a memorial of the gratification which he has afforded to the people of the metropolis of Ireland."

"We are further gratified to learn that the Lord Mayor is to be the medium of presenting this appropriate testimonial to the young *artiste*—a circumstance which must materially enhance the value of the gift. To Arthur Napoleon and his friends such a demonstration must be peculiarly gratifying ; and the testimonial which he will carry from our shores—presented, as it will have been, by the chief magistrate of the Irish metropolis—while it will bear testimony, to his extraordinary powers, will also show that amongst us talent is sure to be recognised, and to meet with its reward. The ceremonial to which we now refer (and which is to take place at one of the concerts) is one of the most interesting of which we have any recollection."—*Dublin Evening Packet*.

The Musical Union Record, London. 1854, N°2, Thursday, March 23th. p. 20

ARTHUR NAPOLEON.

The Lord Mayor of Dublin, in presenting this juvenile pianist with a piece of plate, value £100, thus addressed the little hero:—

“ No act performed during my term of office, up to the present time, has afforded me more pleasure than to be the medium of handing you, on the part of the subscribers, this valuable gift, and of expressing, on the part of the citizens of Dublin, the pleasure they have felt in, and the great gratification they have derived from, the exhibition of the taste and talent which you have evinced in your various performances, as well as their astonishment at the extraordinary powers of execution with which those exhibitions have been accompanied (cheers). It has been said that musicians, like poets, must be born, not made; and I am sure the assembly will agree with me that no artist has ever evinced more natural talent than Arthur Napoleon (loud applause).”

A ARTHUR NAPOLEON.—*Liverpool, 1853.*

Lorsque sur les touches d'ivoire
On voit tes doigts passer, bondir,
Comme sous un rayon de gloire
Ton front semble alors resplendir!

Dis-moi, jeune âme à peine éclos,
Où tu puises tes purs accents?..
Quelle phénoménale cause
Ainsi développa tes sens?

D'où te vient cette intelligence
Si grande en sa précocité?
Qui te donne tant de puissance
Avec tant de fragilité?..

Que cherche aux vagues de l'espace
L'éclair févreux de ton regard?
Est-ce quelque songe qui passe
Ou quelque secret de ton art?

Pauvre enfant! né d'hier à peine
Chacun se demande comment
Ton âme est déjà toute pleine
D'harmonie et de sentiment?

Qui t'inspire la rêverie
Que ton front ne peut contenir?..
Oh! dis-moi.. d'une autre patrie
Serait-ce le ressouvenir?..

N'importe!.. ta route est tracée
Dieu la fit belle devant toi..
Va, noble enfant!.. suis ta pensée,
Et dans ton art tu seras Roi?..

Royauté touchante et bénie!
Empire puissant sur les cœurs:
Ton sceptre sera le génie,
Ta couronne sera de fleurs.

Mais cette foule qui te nomme,
Tous ces bravos que tu reçois
T'en disent bien plus que ma voix,
Petit enfant, déjà grand homme!—EUGENE MAHON.

The Musical Union Record, London. 1854, N°5, Tuesday, June 13th p. 25-27

SUPPLEMENT

Musical Criticism

MUSICAL CRITICISM.

"La critique est aisée, et l'art est difficile."

The opinions of educated musicians, practically acquainted with the subject on which they write, are entitled to respect; and in compliment to the artists who so distinguished themselves last Tuesday, the following articles, from the *Post* and *Atlas*, are republished in this Synopsis. The most salient features of the music and its performance are commented upon in the first with a truth of feeling that rarely finds vent in so minute and elaborate a notice, written in the midst of a bustling London season, in a daily journal. The notice from the *Atlas* is the production of a pianist and an accomplished musician.

"The concert of yesterday was one of the best of the season. Two of the greatest violinists of the day—Herr Ernst and Herr Molique—took part in it, and the programme included two of the finest pieces of chamber music in existence. It commenced with Spohr's Quintet, in *g* minor, for two violins, two violas, and violoncello, a work displaying the best characteristics of that eminent master. In this Herr Molique sustained the principal violin part, the second being taken by Herr Ernst. That the first-named *artiste* plays Spohr's music better than anybody, is a well-known fact. His style—broad, pure, and even—is exactly suited to it, and nothing could have been selected more calculated to exhibit that style to the best advantage, than the beautiful Quintet in *g* minor. Herr Molique's execution of the Scherzo, and very difficult Trio, which contains *bravura* passages that try the leading violinist's mechanical skill to the utmost, was perfect; and equally honourable to all the performers was the delivery of the lovely Andante in *B* flat, which, to our mind, is the finest movement of all. Here the honours were fairly divided, and it would be difficult indeed to say who played best.

"Enthusiastic applause followed this piece, after which we were favoured with a pianoforte solo by an 'infant prodigy,' Master Arthur Napoleon. Considered with reference to the very tender age of the executant (who, we believe is not more than ten years old), the performance was truly wonderful. The next thing of importance was the admirable execution of Beethoven's famous Quintet in *c* (Op. 29),

led by Herr Ernst—Herr Molique taking the second violin part. The large and noble *motivo*, with which the work begins, was given by Herr Ernst with appropriate fullness of tone and dignity. This, immediately repeated an octave higher by the second violin, lost none of its majesty or beauty in the hands of Herr Molique. Exquisitely rendered, too, with a delicacy, *chiaro-oscuro*, and oneness of feeling worthy of the highest praise, were the succeeding triplet passages in thirds, assigned to the violins. Another perfection was the delivery of the short second subject, occurring the first time in a major. The melody was, so to speak, sung by Ernst upon his violin. Never did we hear more vocal tone, or more speaking eloquence, even from his fingers.

"The 6th and 7th, which we may term the climax bars, he animated with one of those heartfelt touches of pathos, in the expression of which he surpasses all known performers. The abrupt modulation of the second subject into *F* major, which falls so unexpectedly and freshly upon the ear, was likewise done justice to by all the executants, who fully entered into its spirit, giving due prominence to the essential notes of the harmony; and equally praiseworthy was their rendering of the responsive triplet passages which immediately succeed the phrases effecting the next modulation into *A* minor. In short, the whole of this fine movement was irreproachably played.

"Neither was the beautiful and sublime *Adagio* less worthily interpreted. The sweet Mozartean theme with which it opens afforded Herr Ernst ample scope for the display of his unsurpassable *cantabile* playing, and he certainly made the most of it. Those fine suspensions, too, with the responsive melodic figures above and below, which first commence in the 19th bar, were also given with consummate delicacy, and a thorough appreciation of their harmonic significance.

"We must likewise notice the delivery of the phrases beginning at the 32d bar. Both violinists execute these in succession at the interval of an octave, and Herr Ernst and Molique vied honourably with each other in giving them the requisite expression.

"The rendering of this most masterly movement, which was super-excellent from first to last, elicited loud demonstrations of approval. The lightness and humour of the Scherzo and Trio were as faithfully expressed as the tender sentiment, dreaminess, and passion of the preceding *Adagio*.

"We have not now sufficient space to enter into minute details, but may briefly particularise such points as appeared to us most worthy of notice. Amongst these were the fine *abandon* and unity of purpose which characterised the rendering of that magnificent and thoroughly Beethovenish melodic sequence commencing in *A* flat at the 20th bar of the Trio. It was given with a fire and accent which left nothing to be desired. In the presto, too, which was taken terribly fast, we were much pleased by the mordant accent and point with which Ernst, so to speak, pitched upon those high *e*'s and *a*'s in the two pause-bars near the commencement; and delighted with the true musicianly feeling that animated the expression of the unusual but beautifully-managed modulation from *A* flat into *c*, and subsequently (the same phrases transposed) from *D* flat into *c*.

"There was, however, one thing, and only one, which we did not like in this portion of the performance; and that was Herr Ernst's interpolation of some notes of his own, a few bars from the end of the episodic *Andante Scherzo* in *A* major. In every other respect, as we have already said, the performance was perfect."—*Morning Post*. June 7th.

[To appreciate thoroughly the above capital criticism, the student should be provided with a score, or a pianoforte arrange-

ment of Beethoven's Quintet, and compare it with the references of the critic. J. E.]

"In one of the short articles, by means of which Mr. Ella imparts an interest to his programmes not often inherent in such productions, occurs the following sentence, to the truth of which we bear willing testimony:—'The war-cry in the East so totally engrosses the attention of editors and readers of daily journals, that the finest examples of art-illustration in music find no record in their columns.' But if a newspaper and its readers be so wrapped up in warlike themes, that they can find neither space for musical reports, nor inclination to read them, this, after all, is a matter of taste, and need not greatly afflict us. The war mania will have its day; and, when that day is over, the morning journals will again open their columns to fluent criticism on the musical performances of the happier peaceful time. What, however, we do most strongly protest against is the *partiality*, which admits a long and laudatory notice of a *trumpety concert*, and either wholly ignores, or dismisses in a parenthesis, perhaps one of the most remarkable incidents of a musical year. To praise the bad, and leave the good in total oblivion, is surely worse than keeping silence on all alike; the latter may arise from a momentary press of business, but the former can have no other cause than a deeply seated and incurable want of conscientiousness. This is a vice with which none can justly charge the *Atlas*. Our judgment may occasionally be at fault, but at any rate we are always on our guard against allowing it to be tinged either by prejudice or by personal prepossessions; and thus, while mediocrity may often be offended at our plain-speaking, true talent, and still more, true genius, shall always receive from us due encouragement administered in its due season. An admirably conducted institution like the Musical Union, which, founded on true artistic principles, has enjoyed from the commencement a steady prosperity, increasing and spreading with every year that passes, and which, now in its tenth season, appealing to none but the most classical tastes, can fill a large concert-room, eight times, with the *élite* of the musical and fashionable worlds, no longer needs to deprecate newspaper censure or invoke newspaper praise. Mr. Ella, under whose wise and genial guidance the Musical Union has attained its present high position, is remarkable not more for his keen sense of whatever is grand, beautiful, and refined in the realm of creative art, than for his ready and cordial recognition of individual genius, under whatever guise it may present itself. This is the very temperament to educe fraternal concord out of the somewhat jealous and susceptible artist-nature, to unite, in harmonious action, dispositions and talents widely dissimilar, and thus to solve the difficult problem of obtaining a perfect whole without the slightest detriment to the characteristic freedom of its component parts. In the programme of the fourth *Matinée*, which took place last Tuesday, we find an apt illustration of our remarks.

"No two foreign artists in this country," writes Mr. Ella, "are more popular in social life than Molique and Ernst; and as it is the natural disposition of mankind to view through a flattering medium the virtues and excellencies of those they esteem, in this friendly tilt each champion will have his admirers; but we invite amateurs to listen to the *ensemble* in the execution of the music, and institute no comparisons. In playing, as in composition, we find one musician excel in the serene and placid, another in the more stirring and passionate style; both artists great in different ways,—

"No compound of this earthly ball
Is like another, all in all."

Nothing could be more happily expressed, whether as a genial *bonhomme*, or as a profound artistical

truth. What one artist wants, the other possesses; and both together give us more than we could have obtained from either singly. Is it not better, then, to encourage them to mutual helpfulness, than to raise up a barren rivalry which cannot but be disastrous to the best interests of the art? We have the more insisted on this amiable and truly artistic quality of Mr. Ella's mind, because we regard it as one of the principal causes of his signal success; but, as we have already said, he has another qualification that also does him good service in his arduous and responsible office—a ready and cordial recognition of individual genius, under whatever guise it may present itself. He does not await the public judgment. Keeping an open sense for merit in every walk of the art, he forms his own opinion, and, what is more, dares to act upon it. How rare and inestimable a quality this is, will be best known to those who are most fully aware how indolent, unstable, and vacillating is public opinion not fully formed—what slothfulness of intellect, what craven fears of self-committal, and what illogical references to former mis-judgments exert their paralysing influence on the great majority, even of educated minds! We believe we are right in saying that Mr. Ella was the first musician of eminence in this country who perceived and pointed out the admirable musical genius of Arthur Napoleon, to whom, very shortly after his arrival here last season, he allowed the high privilege of performing at one of the *Matinées* of the Union, well convinced that the gifted Portuguese child was not one of those mere ephemeral prodigies, so numerous of late, whose playing excites astonishment indeed, but no higher or more enduring sentiment. We need not tell our readers that Arthur Napoleon fully merits this prompt and generous encouragement; but as we are glad to find so competent an authority as Mr. Ella, and so fastidious an audience as that of the Musical Union, of our way of thinking, we shall give the programme of the fourth *Matinée*, with a list of the executants, as a proof that one of the ablest musical directors in the metropolis considers the little Arthur a worthy associate of the highest talent, and shall then briefly state the effect produced on the audience by the child's two performances, as evidences that the judgment of the director is ratified by the enthusiasm of his public:—

PROGRAMME.

Quintet in G, No. 2, Op. 38 Spohr.
Notturmo, in D flat, pianoforte solo Döhler,
Quintet, in C, Op. 29 Beethoven.
Fantasia, "Mozè", pianoforte Thalberg.

EXECUTANTS.

Violins—MM. Molique and Ernst.
Violas—MM. Hill and Goffrie.
Violoncello—M. Van Gelder.
Piano—Arthur Napoleon.

"In the Quintet of Spohr, Herr Molique sustained the principal part; in that of Beethoven, Herr Ernst. No allotment of parts could have been more happy. The light and airy grace, the charmingly quaint melodies, the true and deeply poetical, although somewhat feminine sentiment of Spohr found, in Molique, an enthusiastic but always judicious exponent; whilst the intenser feeling, the broader painting, and the more masculine character of the Beethoven Quintet was, in its way, as admirably rendered by him whom all agree to consider the greatest living master of expression on the violin. These principals were, we need hardly say it, well seconded, M. Van Gelder being especially remarkable, as well for purity and sweetness of tone, as for an intelligent and expressive reading of his part, not always exhibited by soloists of eminence; the result being an *ensemble* such as the Union can alone produce. And who was the pianist considered worthy to perform at the same concert with these distinguished musicians, and before

so select and discriminating an audience? A boy who, although not ten years of age, surpasses, in certain essentials of pianoforte playing, all the adult artists of our day. Of these essentials we shall speak presently; but first, let us recapitulate the principal facts of his history which we last autumn laid before our readers, adding others which have since come to our knowledge.

"Arthur Napoleon was born at Oporto, in the autumn of 1845; when only four years old, his father, himself a good musician, discovered in the child so decided an aptitude for musical studies, that he resolved to develop that aptitude to the utmost, and the result exceeded his most sanguine expectations. With less trouble than is spent by most children in learning to speak, he rapidly acquired the rudiments of musical knowledge and performance; and, at six years of age, was so far advanced as to play with distinguished success before the King and Queen of Portugal, and also before a crowded assembly in the Theatre de D. Maria, one of the largest in Lisbon. In 1852 he came to London, bringing a letter of recommendation to the Portuguese Ambassador, Count de Lavradio, written, according to the unsolicited command of the King, by the Duke de Saldanha. It would appear, however, that the Portuguese are not largely endowed with that feeling of nationality which prompts men to take a lively interest in the glory of their country and the interests of their compatriots when in foreign lands; for this letter, which, had the gracious intention of the King been followed up in a kindred spirit, would undoubtedly have introduced the gifted boy into the most illustrious presence in England, has remained inoperative and without result of any kind, from that time to this. Unknown, then, unbefriended where he had justly looked for efficient support, speaking not a word of the English language, what success could Arthur Napoleon, whose sole recommendation was his genius, hope for in busy, struggling, fiercely competitive London? So, after a stay of six months, he took his departure for Paris, where, meeting for a wonder, with a patriotic Portuguese ambassador, S. Paiva Pereira, he was introduced to her Imperial Highness the Princess Mathilde and to the Emperor. In this capital, his reception was as brilliant as it had been cold and discouraging in London. He played at the most fashionable concerts, was caressed by the most distinguished persons, and received cordial praise from the most eminent musical critics. H. Herz was so delighted with the little Napoleon's performance of the exceedingly difficult 'Herz bravura,' that he presented him on the spot with a copy of his 'Carnaval de Venise,' a piece which has ever since been among the most attractive in the young pianist's repertoire, and which, to the astonishment of its composer, he executed in public only seven days after it had been presented. In 1853 Arthur returned to London, where, with the bloom of his Paris triumphs fresh upon him, it might have been expected that he would become an object of general admiration. But the London public, so constant and faithful when once secured, is, perhaps, for that very reason, singularly coy, and slow to listen to the first advances of even the most dazzling genius. Arthur, however, although still remaining comparatively unknown, had no just cause for complaint; since, in securing the friendship and heartfelt admiration of Mr. Ella, he laid the foundation and beheld the prophecy of a wide and ever-increasing metropolitan reputation. After playing, as we have said, at one of the *Matinées*, at his own concert, which, considering all the circumstances, might be pronounced an encouraging success, and at some other concerts for which he received engagements, he proceeded to the provinces and to Ireland, where he may truly be said to have gathered his first British laurels. At Leeds, at

Liverpool, and at Manchester, he repeatedly played to crowded and admiring audiences; and, in the latter town, gained the even greater advantage of securing the friendship and protection of the eminent pianist, M. Charles Halle, of whose family, during his stay there, he came to be regarded as almost one. All this, however, was but a prelude to the enthusiasm created by his performances in Ireland. Once over the channel, his progress was a continued ovation. Audiences flocked to hear him—concert-givers competed for his services—journalists and even amateurs stepping out of their accustomed privacy, wrote columns in his praise; and, to crown all, his Dublin admirers subscribed for a piece of plate value 100 guineas, which was presented at a public concert by the Lord Mayor of that city, who accompanied the tribute with an eulogistic address, as honourable to the taste of the speaker as to the genius of the young artist. Almost a necessary consequence of these triumphs was that he also received private invitations to the Castle, the Mansion-house, and the houses of the resident nobility and gentry. But a greater honour than all these, great as they undoubtedly are, we consider his engagement to play at the fourth *Matinée* of the Musical Union, proof as it is that his genius is not merely dazzling, but that it is also sound and inherently artistic. No mere prodigy would be suffered to appear before that exacting and refined audience, and it is the qualities of his mind, even more than the marvels of his executive ability, that have procured him an honour so unprecedented yet so richly deserved. The first of these qualities is, individual character. You cannot hear Arthur Napoleon play a bar of music without becoming convinced that here is an original mind engaged in putting its own interpretation on every note and phrase, and that the peculiar expression infused into the performance has not been laboriously imparted by a teacher, but is the spontaneous result of actual and deeply-felt emotion. You are, as it were, listening to the mystic language of a genuine human soul, poetic in a high degree and keenly sensitive of all the hidden relations between sweet sounds and noble or tender thoughts, but at the same time calm and self-possessed, as though no difficulty were being conquered, no emotion uttered. The next quality upon which we shall remark, is his delicate and refined taste, as evidenced by the most exquisitely soft, elastic, and liquid touch we have ever heard; the marvellous precision with which the exact degree of pressure that is required is given to every individual note, so that, more especially in sustained *cantabile* passages, and in those where a melody is heard contemporaneously with arpeggios and other florid devices of the modern pianoforte school, the effect is more truly vocal than can easily be conceived possible as coming from an instrument of short percussion, like the pianoforte; the consummate judgment with which he introduces alterations in the time, exactly at the proper points, and up to the proper degree; and, lastly, the unity and continuousness of sentiment which he contrives to impress on whatever he performs, so that, more than any other performer, he gives you the idea of listening to a definite discourse, full of the richest poetry, and symmetrical in all its parts. Next, look at those slender and tapering fingers, feel those delicate wrists, which seem almost as though they would break within a grasp only a little rougher than ordinary, watch that fragile and bending form, and then listen to the final variation of the *Mosé* fantasia. Without the slightest apparent effort, without the remotest approach to thumping, or exaggeration of any kind, what amazing power, what amazing mastery of difficulties that many an adult performer never overcomes! with what bold decision is the theme

given out by the left hand; with what triumphant and unswerving precision is it accompanied by a perfect storm of arpeggios, which are, nevertheless, not once allowed to acquire any undue prominence! This quality of power is to us an ever-recurring subject of marvel, referable, as it evidently is, not to physical, but wholly to mental causes. It is a phenomenon unexceeded by the most wonderful cases of bodily strength acquired, for a time, in certain stages of the mesmeric sleep. Only, here the strength is spontaneous and permanent. The highest quality of genius, the creative faculty, Arthur Napoleon possesses also in an eminent degree. He will select a story, and improvise music appropriate to it, so that the listener, if in the secret, can follow each event as it is supposed to occur; he delights also in working upon a given theme, either in the free or in the fugged style; and and this is the more remarkable, as we believe he has never received regular instruction in the art of composition.

"The Notturmo of Dohler, which he selected for his first performance on Tuesday, is, as Mr. Ella remarks, 'admirably calculated to display the boy's beautiful touch and faculty of phrasing,' and much as we had been astonished and delighted by these qualities of his performance, as exemplified in his rendering of this popular composition last year, we were glad to perceive that the tumult of public applause in which he may be said to have lived since then, has not had the too common effect of making him abandon all further struggles towards self-cultivation. His advance is all in the right direction, and thoroughly satisfactory. This piece afforded a tranquil and soothing pleasure which could be distinctly traced on the countenances of the audience; few of whom, however, expected to be excited and astonished, as they no less evidently were, by the wonderful finale of the concert—Thalberg's *Mosé* fantasia, executed in masterly style by a boy nine and a half years of age. After this, the most sceptical could not but believe, and the most *blasé* admire.

"Although our enthusiasm may seem over-strained to those who know not the worth of true genius or the tokens by which it is to be recognised, we can assure our readers that our conscience is perfectly at rest on that score; for, to quote the apt words of one who joins us in our admiration of this wonderful child, 'as the Crystal Palace requires the invention of a new language for its adequate laudation, so Arthur Napoleon may be praised up to the verge of seeming hyperbole, and yet not receive half the praise that is justly his due.' And now, we think we cannot do better than close this notice with the words of Mr. Ella, which we commend to the serious attention of those who therein receive a tacit but most severe and deserved reproof:—

"Mozart visited England in 1764, and within three weeks after his arrival, says his biographer, was twice invited to play before the King and Queen of England. Little Arthur has remained more than a twelvemonth in Great Britain, realized more money by his performances than any pianist ever known—child or adult—and has not interest enough to obtain the ear of royalty!"—*Atlas*, June 10th.

MASTER WOLFGANG MOZART.

Respecting Mozart's reception by the Princess Amelia at Aix-la-Chapelle, we find the father writing thus: "If the kisses that she gave my children, especially to Master Wolfgang, had been louis d'ors, we should have been well off; but neither host nor postmaster will take kisses for current coin." J. ELLA.

The Musical Union Record, London. 1854, N°6, Tuesday, June 20th. p.32

MASTER ARTHUR NAPOLEON.

"Les talens précoces sont une exception à la marche lente et graduée de la nature."—*Baillet*.

The attributes of musical genius in execution are expressed in a few words—instinct, perception, and individuality. Practically developed, these qualities are recognised by the expression, judgment, and phrasing (or, as the French say, *distinction*) of the performer. In a pianist, however highly endowed, to whatever degree of perfection he may arrive by practice, there is yet a charm, a gift, necessary to realize the *beau idéal* of musical expression—a *beautiful touch*.

If this sense, in its perfection, were common to all who accomplish difficulties on the pianoforte, play with taste, and enter congenially into the spirit of the composition, then should we have pianists innumerable, dangerous rivals of each other. In my opinion Arthur Napoleon possesses every quality as an executant; and in Döhler's Notturmo, as played by him at the Fourth *Matinée*, the attributes of his genius were exhibited to perfection. The difficulty of grasping the wide-spread chords for the left hand, in playing Thalberg's fantasia on *Mosè*, was beyond his physical powers; but the phrasing of the arpeggio to the theme was never surpassed in rhythmical expression by Thalberg himself.

For premature displays of juvenile talent, in general, I have no admiration, and have never encouraged them; but for little Napoleon's genius, mind, and sweetness of disposition, so exceptional, I, in common with others who know him, have an unbounded admiration. I have also been personally acquainted with the most remarkable musical prodigies in Europe for the last quarter of a century, and, with very few exceptions, have observed that they have all become eminent artists in manhood.

The future career of little Arthur I shall watch with deep interest. It is very evident that now is the time to curb his ambition to perform difficulties, and to put him under the guidance of a judicious master for the gradual training of those mental gifts with which he is so singularly endowed. "Custom," says Bacon, "is most perfect when it beginneth in young years: this we call education, which is, in effect, but an early custom." We all know, from sad experience, how incurable are faults contracted in youth by bad customs in all acquirements, and if this precocious youth, Napoleon, be denied the advantages of a sound education, not only in music, but in every branch of knowledge calculated to improve his mind, then will the father incur the awful responsibility of marring the prospects of his affectionate child. As no one has a right to feel more interested in the welfare and prosperity of little Arthur than his parent, I hope and believe that the health and education of the youth will be watched over with anxious solicitude. J. E.

Diário do Rio Grande, Rio Grande (RS)

Quarta feira, 18 de novembro de 1857.

Ontem teve lugar o concerto que o jovem e insigne pianista Arthur Napoleão deu em benefício da Santa Casa de Misericórdia desta cidade.

Apesar de não se achar completamente cheia a platéia, o que não era de esperar, o gênio foi como sempre muito aplaudido; recebeu muitos *bouquets* e foi chamado *à scena* por várias vezes, sendo também obsequiado com varias poesias, entre as quais primou a que damos em seguida, que foi recitada de um camarote da 2ª ordem, pelo Sr. Candido Alves Corrêa:

Nós no templo da pátria penduramos
 Esta coroa singela
 Que de myrtho e rosas entrançamos,
 Para essa fronte bela.
 Garret.
 Adeja, fantasia, sobe ao céu,
 Vê se n' tão puro firmamento,
 Alguma estrela errante ao gênio teu,
 Tão pobre! Inspira uma mago pensamento
 De nunca ouvido amor!
 Quero na altiva lira, aos pés do nume,
 Submisso lho depor.
 Dize, em que mundo de visões celestes.
 De arrolhos infláveis, de harmonias,
 Libas-te, oh! Minha alma? Que sons estes
 De tão gratas, acordes melodias,
 Que te enleva, arrebatada?
 Que divo arcanjo às músicas do céu,
 A doce voz desata?
 Que estranhos hinos de cadencia ignota,
 Na vida exausta novo ser desperta?
 Como prendida a mente a cada nota,
 Em delíquios de amor vagueia incerta?
 Escuta! que prodígio
 Elevam bardos do universo inteiro,
 Da alta glória ao fastígio?
 Curvem-se os gênios, ante o gênio rei,
 Ante o menino-maravilha ingente,
 Da razão e saber transpondo a lei,
 Por influxo da luz do Onipotente,
 Ei-lo ali, radiante,
 Coroada a fronte majestosa e linda
 De aureola fulgurante!
 Arthur! Arthur! Quanto és sublime e grande,
 Quando no céu inspirações divinas,

Tua alma buscar vai, e após se expande
 N'esse choro de vozes peregrinas
 Que tu, rei da harmonia,
 Das teclas soltas, que jamais eu crera,
 Não ser Deus quem te guia!
 Do Empíreo foi que houveste o Dom sagrado,
 De em viso converter acerbas dôre,
 É pra ti, oh! Meu anjo laureado,
 Que o universo reserva eternas flores,
 Orações, gloria e preito,
 Tens mais que os reis da terra: tu possui
 um trono em cada peito.
 De novo fantasia, adeja o céu,
 Vê se n'esse tão puro firmamento
 Alguma estrela errante ao gênio teu
 Tão pobre! inspira um mago pensamento
 De nunca ouvido amor!
 Um hino vai aos pés do nume
 Submisso lhe depor.

Diário do Rio Grande, Rio Grande (RS)

Sexta feira, 20 de novembro de 1857.

Ontem pelas 9 horas da manhã, ao estrondo de foguetes do ar, e ao som de uma banda de música marcial – sulcava as águas cristalinas da nossa Bahia o vapor Especulação, que com direção a Pelotas conduzia a seu bordo o menino-gênio – o admirado Arthur Napoleão.

Um numeroso acompanhamento seguiu-o até o embarque, e destes os seus mais apaixonados, acompanharam-no até aquela cidade.

Honra aos pelotenses que tão dignamente se portaram, enviando uma comissão a convidar o interessante pianista.

Honra às cidades do Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre, pelo bem que sabem acolher aquelas pessoas que, como Arthur e outros dignos artistas, se fazem merecedor de nossos aplausos.

O jovem pianista regressará hoje cedo, e hoje mesmo se presta a tocar por obséquio, no teatro, em benefício da atriz, senhora Thereza Elysa.

Um tão cavalheiro rasgo de filantropia merece nossos encômios.

Diário do Rio Grande, Rio Grande (RS)**Sábado, 21 de novembro de 1857.**

Segundo informação que tivemos - Arthur Napoleão –teve na noite de anteontem um completo triunfo na cidade de Pelotas.

Foi muito victoriado no teatro, e findo o espetáculo obsequiado com uma esplêndida ceia no hotel da rua das Flores.

Hoje deve embarcar para Montevidéu este interessante menino, e consta-nos que está fretado o vapor Comércio para levá-lo até a barra, e que grande número de amigos pretendem acompanhá-lo até o vapor Imperador, que está fundeado fora.

DÉCADA DE 1860**A Revolução de Setembro – 14 de dezembro de 1864.**Arthur Napoleão

O exímio pianista português Arthur Napoleão, uma reputação européia, imitador de Liszt, e seu amigo, e discípulo, e protegido, tocou ontem no Teatro S.Carlos três admiráveis peças de música, algumas de sua composição, em que foi freneticamente victoriado e mais uma vez admirado o seu extraordinário talento, sentimento, expressão, bravura e correção inexcedível, tudo em si reúne o moço artista, simpático, e estimável a todos os respeitos. As cordas gemem, suspiram e sorriem sob a impressão das suas vibrações magnéticas e o espectador geme ou sorri com elas. Talento predestinado, Arthur Napoleão domina o auditório, que quase o adora. Seu irmão Aníbal segue lhe de perto as pisadas e mostra sentir se incendiado no mesmo fogo de entusiasmo. Que o exímio artista volva a deliciarmos (anônimo).

Jornal de Notícias, Porto, 07 de abril de 1865.

O nosso distinto pianista Arthur Napoleão partirá em breve para a Espanha. O jovem talentoso artista vai mais uma vez colher os louros que tantas vezes lhe tem já prodigalisado no estrangeiro. O Porto pode ufanar-se por ter assim um filho, que tanto se enobrece. Desejamos ao nosso patricio muitas prosperidades.

Jornal de Notícias, Porto, 02 de maio de 1865.

Já chegou a Madrid o nosso patricio e distinto pianista Arthur Napoleão “A correspondência” tece-lhe muitos elogios e diz que pouco se demorará naquela cidade.

Jornal de Notícias, Porto, 11 agosto de 1865.

A rainha da Espanha brindou o nosso patricio, o distinto pianista Arthur Napoleão, com quatro magníficos botões de brilhantes. Consta que o mesmo artista vai ser condecorado com uma comenda do reino vizinho.

Jornal de Notícias, Porto, 09 de novembro de 1865.

[...]

Duas primorosas quanto dificultosas peças executou o ilustrado concertista particular do grande rei da Itália, no seu primeiro concerto. Ambas acompanhadas pela orquestra e ambas esplendidamente combinadas; as quais, pelo seu correto desempenho e não menos pela originalidade do pensamento, facilmente se percebia que o autor daquelas belas composições era o próprio executante. A primeira foi uma Fantasia sob os motivos da Sonâmbula e a segunda intitulava-se o Canto de Romeu. Em todas realçava a inspiração do gênio! Arrebatavam pela bravura e sensibilizavam pelo sentimento.

Tais foram às impressões que o Senhor Casella originou aos numerosos espectadores que tiveram como eu, a felicidade de o admirar nas laureadas tábuas do proscênio do primeiro Teatro do Porto, onde a ovação tomou as mais gigantescas proporções.

Outro gênio, também nascido em terra português, colega de Casella em glórias e em talentos, tomou parte na referida festa. Foi Arthur Napoleão, esse talento peregrino que arrebatava e comove a alma e o coração do espectador, sempre que se propõe traduzir-lhes em linguagem musical a grandeza da sua imaginação. A grande peça que executou ao piano sobre motivos do Trovador, que é no todo uma obra prima em harmonias, em bravura e em candura, obra que ele mesmo combinara de antemão para coadjuvar a festa do seu digno confrade, foi acolhida debaixo de palio da mais solene das ovações.

Daniel de Lima Trindade.

Jornal de Notícias, Porto, 14 de novembro de 1865.

FOLHETIM – Revista da Semana

[...] No Teatro Baquet realizou-se ontem, como, se havia anunciado, o grande concerto do grande Arthur Napoleão.

A concorrência não podia ser mais numerosa e a meu ver, foi numerosa de mais por que vi lugares duplamente ocupados. A razão foi porque todos se empenhavam em assistir a uma festa que prometia ser, como foi, monumental.

Em razão do folhetim ir já muito adiantado limito-me apenas a dizer, que na possibilidade de poder descrever toda a festa, que as pessoas que nela tomaram parte, que foram a S^{ra}. Emilia Letroublon, e os S^{rs}. Casella, Widor, Arthur Napoleão, Noronha, Soller, Moreira, Lopes, Taborda e Santos, não podiam ser mais victoriadas do que foram, pela numerosa e ilustrada assembléia que os admira.

Daniel de Lima Trindade

Diário de Notícias, Lisboa, 20 de novembro de 1865.

Um Concerto no Palácio de Cristal

[...] O piano! Tivemo-lo domingo em batalha com a rabeça e o violoncelo. Era o quarteto do “*Rigoletto*” o campo de peleja, lutadores Arthur Napoleão, Casella e Noronha.

Arthur Napoleão, como sabem, tocou piano antes de falar, e aprendeu primeiro a opulenta linguagem musical do que a pobre língua dos homens. O piano tocado por Arthur Napoleão é como o inglês pronunciado pela meiga voz de alguma gentil compatriota de Byron. Que importa que seja a língua rude, ou banal o instrumento, se a pronunciam ou o tocam lábios ou dedos de anjo? Não se ufane o senhor Arthur Napoleão com este símile, e não suponha que lhe dou algum posto nas falanges celestiais. Em Arthur Napoleão há duas entidades distintas, o Arthur Napoleão com luvas, e o Arthur Napoleão sem luvas. O primeiro é um simples mortal, que não se distingue sensivelmente de qualquer outra criatura humana que use luvas de pelica e botas de polimento; o segundo é de uma espécie muito superior à que se forma do barro terreal. Quando o senhor Arthur Napoleão descalça as luvas, as suas mãos envergam azas e pairam por ignotas regiões, tomam uma individualidade própria, têm alma e tem voz; porque os dedos do senhor Arthur Napoleão não tocam piano, falam piano, linguagem esquisita, que pode ser língua bunda ou

idioma dos anjos, conforme as pessoas que a falam. As mãos do senhor Arthur Napoleão conhecem todos os segredos desse misterioso alfabeto.

O senhor Noronha toca admiravelmente rabeca, mas, consinta-me que lho diga, toca bem de mais. *Vous parlez trop bien français pour etre français*, dizem às vezes os súditos de Napoleão (sem ser Arthur) aos estrangeiros eruditos, que procuram inundar o diálogo de idiotismos e de frases escrupulosamente construídas. Falta-lhes o *laissez-allér*, a naturalidade, a singeleza. O senhor Noronha toca tão bem rabeca que o não podemos considerar como um perfeitíssimo rabequista. “Paradoxo”! Bradam em coro os leitores. Eu já o disse não sei onde, e repito-o aqui: os paradoxos são as verdades extra-oficiais. O senhor Noronha conhece admiravelmente os segredos do seu instrumento, sabe os meios de lhe vencer todas as dificuldades, e emprega-os sem o mínimo custo. Mas, a força de procurar efeitos, floreados, passos difíceis, a força de se quererem servir de todos os recursos da rabeca, olvida a simplicidade comovente, a desafetada singeleza; falta-lhe a arcada ampla, magistral simples e correta. Esta observação não menoscaba por forma alguma o talento demonstradíssimo e a justificada reputação do senhor Noronha. Não vem senão para registrar a tendência do seu método, tendência com que não simpatizo muito, eu que na poesia, na pintura e na música sempre considero a simplicidade como o predicativo essencial e a todos os outros preferível.

[...]

No admirável quarteto do “*Rigoletto*” as qualidades diversas dos três artistas casavam-se de modo que os seus instrumentos reproduziam tão bem como vozes humanas os diferentes sentimentos que se agitam nessa admirável peça de música. O piano, tocado com a bravura que distingue Arthur Napoleão, parecia bramir como Triboulet, o fantasioso floreado da rabeca de Noronha exprimia o deude dueto de amor cantado pelo re e pela cigana, o plangente violoncelo de Casella parecia gemer docemente, bafejado pelos suspiros de Branca.

Foi uma noite admirável essa que se passou no meio de todas as maravilhas da civilização contemporânea. Em breve estarei longe do porto, mas, no meio dos esplendores da ópera lisbonense, hei de me recordar bastantes vezes dessa noite mágica, em que ouvi música deliciosa, entre amigos obsequiosos, que, pela segunda vez, se esmeram em me acolher com a mais lisonjeira hospitalidade.

M.Pinheiro Chagas

Jornal de Notícias, Porto, 11 de dezembro de 1865.

FOLHETIM – Revista da Semana

[...]

A reunião da Filarmônica foi a meu ver uma festa verdadeiramente burguesa. Não se via ali tipo algum que não inspirasse a respeitabilidade e a consideração social. Eram todos homens que ocupavam a posição com as lutas de cada dia, e com a posição os prazeres de cada noite. Tal era a sociedade que assim tive a honra de contemplar.

A festa foi dividida em duas partes: musica e dançante. [...] coube depôs a Arthur Napoleão, a esse gênio arrebatador, dizer-nos ao piano uma difícilíssima Fantasia de sua composição, cuja bravura, originalidade e bom gosto não era possível exigir mais, assim como não era possível ter alcançado maior sucesso do que o alcançou.

[...]. Terminou a parte musical com o dueto para dois pianos, desempenhado com inteira correção e maestria sobre motivos de Norma pelos senhores Arthur Napoleão e Widor.

Depois se seguiram às polcas, as mazurcas, as valsas, as quadrilhas que se conservaram animados até cerca das 3 horas da madrugada.

Daniel de Lima Trindade

O Comércio do Porto, Porto, 16 de dezembro de 1865 p.2.Palácio de Cristal

Realizou-se ontem, na forma que estava anunciada o 8º concerto popular, promovido pela direção do Palácio de Cristal. [...] igualmente merece especializar-se a grande fantasia sobre motivos de Norma de Liszt, executada pelo Sr. Arthur Napoleão. A dedilhação vertiginosa deste insigne pianista vence todas as dificuldades; o seu gênio musical dá aos trechos que traduz no piano a expressão que a música deve ter como linguagem da alma.

Crônica dos Teatros, Lisboa, 25 de abril de 1866.Concerto de Arthur Napoleão

“No dia 11 do corrente reuniu-se no Cassino Lisbonense a flor da nossa sociedade elegante. A S^{ra}. Duquesa de Saldanha, S^{ra}. Duquesa de Palmella, S^{ra} Condessa de Penafiel, S^{ra} Condessa do Rio Maior, S^{ra}. Viscondessa de Villa Nova da Rainha, a S^{ra} D. Luiza Sampaio, a S^{ra} Pinto da Fonseca, a S^{ra}. Baronesa dos Santos, as S^{ras}. Chamiço, e uma infinidade de outros

ornamentos da nossa primeira sociedade, matizavam o auditório numerossíssimo e seleta, que o Sr. Arthur Napoleão soubera atrair aquela sala”.

[...] Todas as peças tocadas no piano pelo Sr. Napoleão foram entusiasticamente aplaudidas. Firmeza, brilho, muita execução, inexcelsível gosto, eis as qualidades que ostenta como pianista o Sr. Napoleão. É um grande artista. A Fantasia para quatro pianos, sobre motivos da Favorita, original do Sr. Arthur Napoleão, oferecida a El-Rei, e executada pelo autor, seu irmão, os S^{rs}. Daddi e Masoni prestando-se a tocar esta peça e a acompanhar outras, engrandeceram-se, e mereceram geral louvor. Esta festa há de ficar por muito tempo na memória de todos que a presenciaram.

Crônica dos Teatros, Lisboa, 23 de março de 1867.

Arthur Napoleão

Falando do último concerto dado no Rio de Janeiro pelo distinto e estimado pianista Arthur Napoleão diz o Jornal do Comércio, daquela cidade: “Deu-se anteontem, seis de fevereiro, o seu concerto de despedida de Arthur Napoleão. Escusado é repetir o que já por vezes temos tido ocasião de dizer a respeito deste distinto pianista cujas brilhantes qualidades são conhecidas e apreciadas pelo público fluminense”.

Nesta noite o Sr. Arthur Napoleão repetiu a sua grande Fantasia sobre motivos de A Africana, com acompanhamento de orquestra e a bela Marcha a Brasileira, sobre tema do Hino Nacional. Tocou com o Sr. Bernardo Wagner em dois pianos a Fantasia por ele composta para a abertura da exposição internacional do Porto, peça bem trabalhada e que por ambos foi trabalhada com muita precisão e maestria.

Mais uma vez se fez ouvir o órgão Mustel, e sendo acanhado o recinto, melhor efeito produziu o instrumento, cujos sons pianíssimos, quanto a nós os mais agradáveis, se percebiam distintamente.

Com flores e entusiásticos aplausos o público se despediu do jovem pianista, mitigada a saudade da partida pela esperança de uma volta próxima.

A Revolução de Setembro, Lisboa, 28 de maio de 1867.

Folhetim - Revista da Semana

[...] de Concertos, nada de novo, o último foi do Sr. Aníbal Napoleão, artista que tem feito notáveis progressos e revela já não só profundo sentimento da música, mas a severidade clássica, e a força, qualidade rara e suprema.

Seu irmão Arthur, o célebre pianista, parte esta semana para Paris, aonde não vai simplesmente ver a exposição, mas sim se fazer ouvir. Por mais que uma estrela resplandeça, nunca está certa do brilho que tem, senão quando vê que nenhum raio lhe desmaia na luz de Paris; brilhar naquele fundo claro formado por todas as inteligências e por todas as glórias é o sonho querido dos homens de talento; que o amável artista que passa por Lisboa como um cometa esplêndido, cintile também ali!!!

Júlio César Machado

Crônica dos Teatros, Lisboa, 24 de novembro de 1867.

Está de volta a Portugal o distinto artista Arthur Napoleão. Em Paris, onde só se fez admirar em alguns saraus particulares, foi o talentoso pianista victoriado pelos homens mais eminentes do mundo literário.

Girardin, o grande jornalista da França, disse que se não lembrava de ter encontrado noutro artista da presente época, tanto sentimento, tão prodigiosa execução e gosto tão apurado como notou em Arthur Napoleão.

Crônica dos Teatros, Lisboa, 19 de abril de 1868.

Arthur Napoleão

Na noite de 03 do corrente deu-se no Salão da Trindade o grande concerto de Arthur Napoleão. Ainda nos ressoam nos ouvidos as melodias prodigiosas e os aplausos frenéticos. Quando apareceu aquele mancebo de rosto pálido e de olhar pensativo que havia chamado para assistir os seus triunfos, a comoção foi geral; quando ele, nervoso, ofegante, arrebatado percorreu com os dedos as teclas, em turbilhões de gamas e em deliciosos trechos, o delírio comunicou-se rápido. Arthur Napoleão não deve ser filiado na escola de Liszt, escola sublimemente atroadora, nem pertence ao gênero suave, mas fleumático, cujo chefe é o eminente Thalberg. Se o

pudéssemos comparar a algum outro pianista, se naquele gênio não houvesse uma feição puramente individual e característica, o nome que lhe poríamos ao lado seria o de Chopin.

Como ele, possui Arthur Napoleão a febre e a melancolia; o eslavismo musical parece enublar a momentos aquela fantasia suprema, e envolvê-la como que num fumo etéreo; mas de repente o sol meridional irrompe, e as brumas dispersam-se, deixando brilhar esplêndido o astro da viva inspiração. Houve um tempo em que o piano ia trucidando a música instrumental; choviam os virtuosos como maná no deserto; um tropel de mãos desenfreadas fazia gemer os Erard e os Pleyel; os *pot-pourri* de pequena monta iam dando cabo das verdadeiras peças clássicas. A reação operou-se; Arthur Napoleão segue na linha desses notáveis compositores-pianistas, onde se encontra Beethoven, Weber, Meyerbeer, e o seu, quase que irmão-germano, Chopin.

Na noite de 3 de abril realçou, nomeadamente o Concerto *Stucke*, do imortal autor de Oberon, executado por Arthur Napoleão, com acompanhamento de orquestra.

Para compreender o efeito mágico deste concerto é necessário escutá-lo. Arthur imperava no meio daquelas harmonias opulentas com a majestade suave de um gênio. Que desesperadora correção, e que adorável sentimento! Como Liszt, o nosso pianista não tem a apresentação ruidosa do orgulho, embora legítimo; quem o visse pela primeira vez, imaginaria estar ali até uma dessas criaturas scismadoras, que voam sem horizontes. Arthur voa, mas o seu horizonte é o belo. O piano eletriza-o; o teclado transforma-se em pilha. É então para ver, iluminado por essa claridade íntima que denuncia o gênio, curva-se, como que preso ao seu instrumento dileto, e dar largas brilhantes à idéia que o preocupa. Na grande Fantasia sobre motivos da ópera Arco de Sant'Anna, e na outra sobre motivos da ópera A Africana, ambas de sua composição. Arthur arrebatou o público, que após um largo espaço o victoriou no cúmulo da admiração respeitosa. É que, digamo-lo sem ressaibos de nacionalidade, duvidamos que a França ou a Alemanha tenha hoje quem, ao piano, possa deitar sombra leve sobre os viventes louros de Arthur Napoleão. [tomaram parte do concerto Noronha, S^{ra}. D. Emília Fossa, S^{ra}. D. Amália Fossa e barítono Sr. Ferreira Patacas (canto), orquestra dirigida pelo maestro Cossoul].

[...] tal foi, em resumo, o concerto com que nos mimoseou Arthur Napoleão todos saíram de lá com pena de que ele terminasse tão breve e todos renderam ao talento as homenagens que ele merece. Estes festejos musicais, além de recrearem o público, promovem a educação do bom gosto e cultivam os ouvidos inscientes. [...] Possuímos nomes gloriosos, mas nunca é de sobejo a

glória. Arthur Napoleão ai está na frente dos primeiros convidando e estimulando a jornada. Terão sido, para ele, de rosas, todas essas encostas e ladeiras, que o talento tem de vencer para chegar ao cume da montanha, ao brilhante cimo da arte? Não, de certo. Os que persistiram, porém, alentados pela consciência da própria força, esses chegaram a cume do seu labor, e radiantes transfiguram-se.

Para Arthur chegou há muito a hora dessa transfiguração sublime, desse desabrochar misterioso em que a crisálida rompe o invólucro, para depois pairar sobre o vulgo, fazendo reverberar as suas aras eriçadas ao vivíssimo esplendor da glória.

DÉCADAS DE 1880 A 1900

O Antonio Maria, Lisboa, 28 de Junho de 1883 Ano V – P.201.

Hóspedes Ilustres

Arthur Napoleão: A arteira ponta dos dedos; quando corta as unhas caem-lhe no chão fragmentos de melodias de Schubert; quando passa os dedos pelo teclado faz-nos esquecer e perdoar a todos os pianos da rua dos Franqueiros; seria capaz, se si metesse nisso, de fazer vibrar a tecla do sentimentalismo no coração empedernido de um senhorio! Infelizmente partiu já, não chegando ao menos a aquecer o lugar do banco do piano.

Diário Ilustrado, Lisboa, 20 de Janeiro de 1889.

Arthur Napoleão

Um belo nome, esse, que ressoa ao nosso ouvido com a brilhante sonoridade de um clarim épico!... Bastou nos vê-lo refulgir nos jornais, para sentirmos a aproximação do vitorioso Arthur Napoleão! É, todavia, esse nome, que pertence a um português, que significa uma das nossas mais altas e menos contestáveis glórias, perdia-se ao longe, esvaia-se na grande penumbra da ausência, como que retraído à evidência dos triunfos, deslembrado da pátria, desiludido ou indiferente às efusões que outrora o victoriarão, - dupla manifestação de uma admiração coletiva, consagrada a um talento extraordinário, e de um orgulho nacional, honrando-se a si próprio.

A espaços, os jornais brasileiros enviavam-nos através do Atlântico, a ressonância de alguma das suas maravilhosas conquistas no domínio da arte: músicas publicadas, concertos esplêndidos, saudações entusiásticas, distinções singulares.

Outras vezes, era a imprensa estrangeira que lhe abria alas, tapetando-lhe de rosas o caminho ovante, exaltando lhe o mérito transcendente, executando em sua honra o Hino triunfal. Depois se seguiam longos silêncios, em que o nome do célebre pianista desaparecia como que arrastado na onda do esquecimento, levado pelo capricho de um destino aventureiro para uma região ignota.

Onde estava, onde vivia, em que empregava as raras prendas do seu espírito esse artista excepcional, esse ente lendário, que para muitos, como eu, não passava de uma espécie de mito?

Um dia, de súbito, sem preparo, Arthur Napoleão reaparece-nos em Lisboa, surge no palco de S.Carlos, pousa no teclado, que se anima e inflama ao seu contato, as suas finas mãos nervosas e ágeis, arranca-lhe a vibrátil e ocultas alma, que esse rebelde da harmonia revela a poucos, e convence-nos, pelo vigor potente da sua execução, pela pureza do seu estilo e pela ginástica prodigiosa, que o agita e convulsiona, que o sacode e arrebatava e que se impõe, mercê da imperiosa invocação do gênio, ao ingrato instrumento, que ele possui despoticamente, apaixonadamente, alucinadamente, que temos diante de nós um dos mais assombrosos artistas da atualidade, um iniciado, como Liszt, da divina religião do belo, espiritualizada no sagrado rito da música.

Na primeira parte desse magistral concerto, que deixou no auditório uma profunda e estranha impressão de surpresa, que lhe transmitiu o *frisson nouveau*, a que aludiu Victor Hugo, Arthur Napoleão maravilhou-nos pela força dominadora da sua execução pujante, afirmando-se impetuosamente no quarto concerto em ré menor de Rubinstein.

Na segunda parte, em que desabrocharam no teclado, exalando a sua fina essência inebriante e sutil, as flores azuis da fantasia do poeta, *Ma pensée, Idéale, Romance em mi majeur*, etc... O grande pianista encantou-nos pela delicadeza ideal do seu estilo.

A força e a graça! E é essa dualidade, tão rara e tão profundamente sugestiva, que faz de Arthur Napoleão um dos primeiros pianistas do mundo.

Gabriel Claudio

Pontos nos ii, Lisboa, 28 de fevereiro de 1889 – Ano V p.65.

Arthur Napoleão (Raphael Bordallo Pinheiro)

Na sexta-feira passada, no Teatro São Carlos, o público de Lisboa teve ocasião de admirar o prodigioso talento do pianista português Arthur Napoleão. É um dos mais notáveis virtuosos do

nosso tempo. Sob os seus dedos nervosos, o desacreditado instrumento das meninas da Baixa atinge as mais extraordinárias perfeições de melodia e ritmo, desafiando todas as orquestras celestiais de anjos e seraphins, de que tanto bem nos dizem os pregadores sagrados. Com o nosso sincero aplauso, vai todo o nosso orgulho nacional, contentes por vermos que ainda rebentam verdadeiros talentos neste torrão português.

Diário Ilustrado, Lisboa, 02 de março de 1889.

Arthur Napoleão

No Porto, em casa do escrivão Simões, que morava no campo de Santo Ovídio, ouvia eu falar muitas vezes, quando era pequeno, de Arthur Napoleão, que, mais velho do que eu seis anos, podia considerar-se já então um pequeno... Grande.

[...]

Napoleão III dignara-se ouvir nas Tulherias o jovem Napoleão I do piano. Em Londres o *Lord-Mayre* fizera-lhe um presente valioso. Em Berlim, fora o grande Meyerbeer que o apresentara à corte. Em Weimar, o abade Liszt ouvira-o e apreciara-o. Pelo que respeitava a Portugal, Arthur Napoleão havia sido ouvido em S.Carlos, no Paço das Necessidades, particularmente, por El-Rei D.Fernando. No Porto muita gente o tinha podido ouvir nas salas da Filarmônica e no Teatro S.João.

Contavam algumas dessas pessoas que, para que ele chegasse ao piano, era preciso sentá-lo sobre uma almofada bem alta, e que parecia impossível como as suas mãositas de criança podiam abranger uma oitava no teclado. Mas quem o não tinha ouvido ainda era...Eu.

A lenda do imberbe pianista ia crescendo como uma onda de glória, e o nome de Arthur Napoleão afigurava-se uma predestinação de triunfo que o tinha bafejado desde a pia do batismo.

Disse-lhe isto mesmo anos depois Thomaz Ribeiro, que escreveu no álbum de Arthur Napoleão, na véspera de sua partida para o Brasil, esta pequena e conceituosa estrofe:

Teu nome é teu horóscopo:
Arthur que diz? Poesia;
Napoleão? Conquista.
Adeus, homem fatídico!
Vai, vencedor artista,
Poeta da harmonia!

Foi em 1858, tinha eu nove anos, que pude ouvir em casa do escrivão Simões, pela primeira vez, Arthur Napoleão.

Nunca se me desluziu da memória a recordação dessa noite em que aquele mocinho de quinze anos, sentado ao piano, parecia, como um homem robusto, que, aliás, nunca poderia vir a ser, fornecer música, valente e intrepidamente, tal era a energia de pulso com que ele atacava o teclado, parecendo às vezes que ia cair extenuado sobre ele...

Mas a força não o abandonava nunca, e as grandes tempestades sonoras, erizadas de dificuldades de interpretação, brotavam dominadoras dentre os seus pequenos dedos, que se esvoaçavam no ar como nuvens flutuantes, que ora se levantavam ara desciam, carregadas de eletricidade nervosa.

Arthur Napoleão passou pelo Porto como meteoro. Não tardou a partir para Inglaterra, outra vez, e de Inglaterra para os Estados Unidos, para as Antilhas, para toda a América, que ficou deslumbrada com a precocidade genial do pequeno Arthur.

Ora uma das pessoas que mais o admiraram em Cuba foi um pianista gigantão, um alucinado da arte, um doido sublime: Gottschalk.

Arthur Napoleão nunca mais esqueceu as horas agradáveis de convivência artística que passou com Gottschalk, e ainda outro dia, no Teatro S.Carlos, ele lhe honrou a memória executando magistralmente o famoso *Tremolo*, - esse vendaval de harmonia.

Anos depois voltou ao Porto Arthur Napoleão. Lembro-me bem de que por essa ocasião estava lá, dando algumas récitas, a Companhia do Ginásio, e de que na relojoaria dos Courrege, à Praça Nova, havia todas as manhãs um grupo de atores de Lisboa, entre os quais era certo aparecer Arthur Napoleão.

Era ele então o que naquele tempo se chamava um romântico – o ideal masculino de todas as mulheres. Pálido, de uma palidez suave; com uns belos olhos cheios de luz meridional; vivacíssimo nos gestos, como se houvera, a cada momento, uma tarântula que o mordesse para ter o gosto de ser curada pela música dele, porque ilustres médicos, Baglivi, Geoffroy, Mead, por exemplo, e outros, sustentaram que a mordedura da tarântula se curava com música. Arthur Napoleão foi sempre um molho de nervos em vibração, um corpo frágil desfazendo-se em centelhas, mormente quando se senta ao piano, porque então, muitas vezes, parece até querer seguir com os braços as notas que vão fugindo para o infinito...

A sua perna esquerda quando sentada ao piano, é de uma mobilidade que dá a impressão de haver sido atacada pela dança de Saint-Guy; ao passo que a direita se firma no pedal, a perna esquerda estira-se, alonga-se, retrai-se, reprime-se, numa palavra, vibra como o aço, agita-se numa grande excitação nervosa.

Foi então que lhe ouvi tocar no teatro S.João duas composições suas o “Turbilhão” era como que um *simoun* de harmonia, um tufão que se desencadeava varrendo da nossa alma todos os pensamentos tímidos, todas as hesitações de fraqueza, todas as vacilações da vontade.

Dava energia, dava coragem, dava vida ouvir aquela composição, que ele executava como um ciclope que se houvesse sentado ao piano para o despedaçar, numa explosão de harmonia, entre as suas mãos poderosas.

A “Caprichosa” fazia abalar, na tentação da dança, as paredes do teatro, que se meneavam, ouvindo-a, como que ensaiando o primeiro passo de uma polca irresistível.

Soberbas essas duas composições! Arthur Napoleão foi depois para o Brasil, onde casou com uma formosa senhora do Rio de Janeiro. Fundou aí um grande armazém de pianos, que conserva ainda, e só bem que de vez em quando viesse de visita a Portugal, nunca mais tinha feito ouvir, em público, dos portugueses, seus compatriotas.

Não se vivem impunemente muitos anos num país estrangeiro. Arthur Napoleão, sentado à mesa de um hotel, denunciara às primeiras palavras o sotaque de um brasileiro que chegava para viajar na Europa, - com a comenda da Rosa e quinhentos contos. Quanto à comenda é certo. Os quinhentos contos, esses é que não vieram com ele, porque Arthur Napoleão, como todos os artistas, não pode ser rico. Não há artista de raça que não tenha a sua costela de Conde de Farrobo, embora consiga ter outra de Monte Cristo.

Tendo adoecido sua esposa, e precisando vir da América tratar-se à Paris, Arthur Napoleão não perdeu de visitar Portugal à volta de Paris. Mas, desta vez, não como *touriste*, como o grande pianista, que é, e que para nós havia emudecido há muitos anos.

Foram saudades dos aplausos da sua pátria, desses tão difíceis como gratos aplausos, que determinaram a sua resolução?

Certamente foram.

Todo o artista é dado à febre de uma nostalgia, e compreende-se quanto seria doce para Arthur Napoleão o defrontar-se de novo com esse público que o havia aplaudido quando ele era criança! Quanto lhe seria agradável, de um agrado agridoce, que é característico da saudade o ver

passar, através do seu espírito, a miragem dos primeiros anos de vida, do tempo em que ele era uma loira criança, como dizia Camillo Castello Branco quando em 1864 o biografava num periódico literário do Porto, o Conservador.

Voltou agora Arthur Napoleão e evidenciaram-se perante o público lisbonense todas as altas qualidades artísticas, que cultivou com paixão durante muitos anos de ausência. É um pianista que chegou ao Zenith da sua carreira; perfeito, completo.

O tempo passou por ele e murchou-lhe a face, apagou-lhe também um pouco o brilho dos olhos. Eu poderia encontrá-lo na rua, sem reconhecer em Arthur Napoleão aquele elegante rapaz que, dê flor no peito, vi tantas vezes encostado na porta da relojoaria Courrégés.

Não é decerto já o Arthur, *a poesia*, o moço romântico, favoncado de boas fortunas, diz a lenda.

Mas é ainda, e hoje mais do que nunca, o Napoleão da arte, a *conquista*, um Napoleão sobrevivente à queda dos outros!

Mais feliz que os seus homônimos na França, não conhecerá nunca Waterloo nem Sedan. O tempo derruba os tronos, mas solidifica o prestígio dos artistas. Quanto mais um homem de gênio vai alcançando a velhice, mais se aproxima da imortalidade, mais vão caindo de velhas as dificuldades que a inveja e a rivalidade outrora lhe criaram. O que fica, luminosos e vencedor, é apenas o gênio.

Alberto Pimentel

O artigo *Arthur Napoleão* é transcrito da revista da semana do 'Economista'.

Ilustração Portuguesa, n.º26, Lisboa, 11 de março de 1889.

Acaba de visitar-nos inesperadamente, depois de longos anos passados no Brasil, onde fixou a sua residência, este distintíssimo pianista, o primeiro entre os primeiros dos pianistas portugueses. Conhecemo-lo quando éramos ainda muito crianças e ele muito novo, um *dandy*, um romântico, que fazia andar à roda as cabeças de várias formosuras portuenses. Ouvimo-lo então tocar; era já uma notabilidade, um artista corretíssimo. Encantou-nos. Hoje arrancando do piano torrentes de harmonia; com a sua execução primorosa e inimitável e magistral, não nos encanta só: fascina-nos e arrebatá-nos. Parece que o seu talento de artista de raça se avigorou com a idade ao contrário do que sucede a muitos outros artistas. Saudando Arthur Napoleão na visita que vem a fazer a Portugal, publicamos hoje o seu retrato, uma das mais belas gravuras de Pastor.

Gazeta musical de Lisboa, Lisboa, 31 de março de 1889.Correspondência – Porto

No teatro Príncipe Real, teve lugar no sábado passado, o primeiro concerto dado de Arthur Napoleão. A sala estava repleta de espectadores, que esperavam ansiosos a aparição daquele genial artista, de quem uma prolongada ausência de anos os afastara, a fim de o cumprimentarem com uma torrente de palmas e flores.

Se Arthur Napoleão não fosse já uma das maiores glórias artísticas portuguesas, o público ter-lhe-ia conferidos esses merecidos foros, atuita a estrondosa e indescritível ovação, prodigalisada a um artista português nos anais modernos do teatro.

Hoje, 22, tem lugar o segundo concerto sendo a orquestra dirigida pelo maestro Miguel Ângelo (Franco, 22 de março de 1889).

Gazeta musical de Lisboa, Lisboa, 07 abril de 1889.Correspondência – Porto

Arthur Napoleão despediu-se na terça-feira do público portuense, no teatro D.Affonso, sendo alvo de um saudoso adeus coroado de uma indescritível ovação; a pedido, porém, do ator Silva Pereira, ainda tomará parte no benefício deste, que tem lugar na sexta-feira. 04 de abril de 1889 – Eduardo franco.

A Revolução de Setembro, Lisboa, 29 de maio de 1889.

Arthur Napoleão - Tem estado em Paris o nosso brilhante pianista. Há dias foi a uma soirée musical de M^{me} Herz. Obteve um triunfo esplêndido com esses prodígios de execução e talento artístico com que há pouco tempo nos maravilhou em S. Carlos. Como, porém, Arthur Napoleão fora encarregado de dirigir as festas musicais brasileiras, durante a exposição o “*evenement*” que deu notícia da soirée prestou homenagem ao talento do nosso ilustre compatriota, imaginou que ele era brasileiro e foi-lhe chamando o mais notável pianista do Brasil. Arthur Napoleão retificou-se imediatamente a errada informação e afirmou a sua nacionalidade.

Bem haja o artista insigne. Nem a pátria que tem é para negar-se, antes deve envaidecer-nos a todos na sua pequenez imensamente ilustre, nem a glória de Arthur Napoleão é para que a

deixemos refletir nos brasões de outro país. Ele pode dizer e diz altivamente que é português e nós com legítima vaidade diremos daqui que é nosso compatriota.

DÉCADA DE 1900 em DIANTE

Revista Renascença, Rio de Janeiro. Ano I Julho de 1904 Nº 5 Editores-proprietários: E. Bevilacqua & C.

Maestro Arthur Napoleão – Toccata Sphinge

Em todos os números da Renascença tem sido à leitora proporcionado o extraordinário prazer segundo pensamos de poder deliciar os seus delicados ouvidos, reproduzindo ao piano as inspiradas páginas de música que esta revista, essencialmente artística, oferece.

[...]

A página de música deste número é assinada por Arthur Napoleão. Que dizer desse artista: o público inteligente já o conhece de sobra e todos os elogios não passariam de repetições pálidas de tudo que se tem dito desse homem genial.

Concurso de Música

Os editores da Renascença, a exemplo das revistas congêneres e estimulados pelo êxito alcançado pela sua revista resolveram instituir concursos de peças música, sob as seguintes bases:

- 1) O objeto do 1º Concurso será uma peça de salão (noturno, berceuse, valse lenta, gavota, menueto, etc.) não devendo exceder a três páginas impressas.

[...]

- 9) As composições premiadas ficarão de propriedade dos editores da renascença, E. Bevilacqua & C. e serão publicadas na Revista sucessivamente na ordem da classificação.

[o concurso oferece prêmios em dinheiro para o primeiro e segundo lugar, além de publicação da obra. Para os premiados de 3º ao 5º somente publicação. Os concorrentes deveriam ser brasileiros ou estrangeiros residentes no país. As obras deveriam ser assinadas com pseudônimo, e seriam julgadas por um júri composto de três membros].

**Revista Renascença, Rio de Janeiro. Ano I Novembro de 1904 Nº 9 Editores-proprietários:
E. Bevilacqua & C.**

Crônica Musical (p.183-184)

Uma festa organizada pelo eminente artista Comendador Arthur Napoleão é sempre o que se pode chamar *une bonne aubaine*.

Tal foi, com efeito, o concerto do dia 30 do mês próximo passado, pela escolha das peças do programa e pelo mérito dos executantes que nele tomaram parte.

Arthur Napoleão é uma glória incontestável do nosso meio musical. Natureza privilegiada de artista, nada tem a invejar as maiores celebridades do teclado.

O sei jogo é brilhante, seguro nítido, cheio de bravura e ao mesmo tempo de delicadeza – tanto sabe *dizer* uma página romântica e poética de Chopin, como interpretar o mais puro trecho clássico e severo, com o sentimento preciso e o colorido adequado.

A sua maneira de execução torna-se às vezes uma revelação. Foi assim que ele nos deu uma interpretação quiçá nova, e, em todo caso, admirável do belo *Preludio*, em ré bemol, e da *Valsa*, em dó sustenido menor de Chopin.

A *Polonaise* em mi, de sua própria lavra, executou-a ele com inexcedível bravura; da mesma forma a *Tarantella* também composição sua, a dois pianos, com o jovem Alfredo Oswald, sendo ambos muito vitoriosos ao terminar a difícil e estonteante peça de gênero.

Arthur Napoleão inaugurou a parte pianística do programa com o Concerto, em ré menor, de Rubinstein, com acompanhamento de orquestra.

Não precisamos insistir sobre a maneira por que foi desempenhado o admirável trabalho do grande mestre russo; o próprio autor, de certo, não daria maior relevo, nem brilhantismo maior, às inúmeras belezas da sua composição.

A orquestra, dirigida magistralmente pelo maestro Francisco Braga, portou-se valentemente na difícil tarefa que lhe incumbia.

Coube, porém, as honras da noite à *Chacone*, em ré menor, de Bach-Busoni, executada em primeira audição no Rio de Janeiro e interpretada de um modo impecável por Arthur Napoleão, valendo-lhe uma delirante ovação por parte do auditório.

[...]

O tempo, enfarruscado e chuvoso, prejudicou um pouco a concorrência; mas ainda assim – tais são as simpatias e admiração de que goza o grande artista Arthur Napoleão – o salão do

instituto Nacional de Música achava-se quase repleto: ali estava, em todo caso, representada a fina flor da sociedade fluminense no que ela tem de mais aristocrático e de mais seletivo.

O concerto do dia 30 de outubro foi um novo triunfo alcançado pelo extraordinário pianista, e esperamos que não seja o último.

Entra neste nosso desejo uma grande dose de egoísmo, juntamente com a mais sincera admiração que sempre tributamos a Arthur Napoleão.

Iwan d'Hunac

Concurso de Música (p.185)

Ata da reunião do júri

Às 4 horas da tarde do dia 19 de Novembro de 1904, presentes na redação da Renascença os Exms. Srs. Maestros Arthur Napoleão, Francisco Braga e J. Cortes, constituídos em júri, para o julgamento do Concurso de Música instituído pela Revista Renascença, foram pelos editores da mesma Revista, apresentadas 28 composições e 28 envelopes fechados contendo os nomes dos concorrentes e designados pelos respectivos pseudônimos. [...].

Em seguida havendo os membros do júri, tocado e estudado as 28 composições apresentadas resolveram classificá-las pela forma seguinte:

- 1º Prêmio à la-ré.....Improviso
- 2º Prêmio à Kleinitz.....Romance
- 3º Prêmio à Audaces fortuna juval.....Valsa Lenta
- 4º Prêmio à Carioca.....Noturno
- 5º Prêmio à Schunard.....Canto d' Amor

Abertos em seguida os envelopes respectivos, verificou-se que coube:

- 1º Prêmio ao Sr. Maestro Alberto Nepomuceno
- 2º Prêmio ao Sr. Dr.Francisco Octaviano Teixeira de Almeida, de São Paulo
- 3º Prêmio ao Sr. Maestro Luiz Levy, de São Paulo
- 4º Prêmio ao Sr. Maestro Ernesto Ronchini
- 5º Prêmio ao Sr. Maestro Itiberé da Cunha

O júri declara que teria classificado em 2º lugar, em vez de 3º, a composição “Valsa Lenta” de “Audaces Fortuna Juvat” se não fora uns pequenos defeitos nos compassos de 53 a 56.

E, pelo que, fizeram lavrar esta ata, que assinam com os editores da Renascença, e Antonio Moreira de castro Lima, que a lavrou.

[há duas fotos nas quais Napoleão toma parte, na primeira está tocando piano ao lado dos outros membros do júri, na segunda está junto ao júri à mesa estudando as composições].

Revista Renascença, Rio de Janeiro. Ano III Outubro de 1906 N° 32 Editores - proprietários: E. Bevilacqua & C.

A propósito de Concertos – Uma caricatura interessante

Reproduzimos hoje uma interessante caricatura publicada como suplemento da Semana Ilustrada a tão popular folha de H. Fleiuss que aqui floresceu. Há mais de 30 anos. Essa caricatura, desenhada pelo próprio Fleiuss, cujas iniciais a assinam, aparece a propósito de um grande concerto que o ilustre pianista Arthur Napoleão, então chegado da Europa, realizou no Teatro Lírico e no qual executou em companhia dos mais afamados pianistas daquele tempo, no Rio de Janeiro, um arranjo que compusera sobre motivos da Favorita. A execução a quatro pianos era uma novidade aqui e alcançou grande sucesso.

Neste momento, em que tivemos ensejo de apreciar também admiráveis execuções a três pianos. Nas quais o próprio Arthur Napoleão tomou parte, não deixa de ser curioso exumar dos arquivos o velho desenho de 1863 no qual por equívoco, o autor transformou a *Favorita* em *Traviata*. .

Os executores então foram, além de Napoleão que está no primeiro piano, moço, ardente, na sua basta cabeleira negra, os seguintes pianistas já hoje todos mortos: Schram, distinto pianista alemão que aqui esteve alguns anos: Miguel Ângelo Pereira, o professor português autor da ópera Eurico, músico de talento, porém cheio de vaidade. É notário que na noite da primeira apresentação de sua ópera ele exclamava – o meu triunfo é completo! – mas, a ópera não teve segunda representação...: e Achilles Arnaud, distinto pianista e conhecido professor de piano que, durante muitos anos, residiu no Rio de Janeiro, onde faleceu: autor de muitas peças para canto e piano.

O Paiz, Rio de Janeiro, Sábado, 25 de novembro de 1911.

Theatro Municipal – Festival Liszt

O grande pianista húngaro, depois de haver assombrado o mundo com a sua rara e extraordinária virtuosidade, se não fosse verdadeiramente um gênio, estaria condenado à sorte

dos cantores célebres, que apenas deixam um nome na história do teatro sem exercer influência alguma na arte musical.[...]

O *Fausto*, que já conhecíamos, através da redução para dois pianos, executada há perto de 30 anos pelos mesmos intérpretes que o apresentaram ontem ao público reunido no Municipal – Arthur Napoleão e Alfredo Bevilacqua – é uma partitura colossal, que não pode ser compreendida numa única audição; mas ainda assim, preparada como se acha a nossa alta sociedade, já em íntimo convívio com Bach, Schumann, Brahms, Saint-Saëns, Berlioz, Wagner e tantos outros, ouviu atentamente e aplaudiu com vigor o grande final, que é uma página formidável de sonoridade grandiosa.

Depois dessa primeira parte seguiram os solos.

[...]

Encerra a 2ª parte do programa a 2ª Rapsódia para piano, escolhida por ser a mais característica. Sabe-se como Arthur Napoleão executa Liszt e o que é ele nessa Rapsódia, dispensando qualquer comentário.[...].

Para fechar o programa Arthur Napoleão e Barrozo Netto executaram a marcha Racoczy, para dois pianos.

Oscar Guanabario.

Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 23 de Julho de 1912.

[...] felizmente os méritos indiscutíveis do grande pianista português [Vianna da Motta] não dependem da opinião dos apaixonados por questões pessoais e ele não precisa de louvaminhas banais e insubsistentes para sobre eles levantar os fundamentos da sua celebridade. Já agora solidificada pela sua arte soberba.

Não se incomodem os apaixonados. O Sr. Vianna da Motta tem muito valor pessoal e não precisa que se diminua a glória alheia para que a dele se afigure mais alta. Não. Nem Vianna da Motta, nem tampouco Arthur Napoleão, precisam de migalhas alheias para aumento do seu renome. Eles valem por si mesmos e subiram tanto na nossa admiração que ninguém, nem mesmo as outras glórias européias, lhes faz sombra.

Jornal A Noite, Rio de Janeiro. Terça-feira, 12 de maio de 1925.

Faleceu, hoje, esse grande músico e compositor

Em sua residência, à rua Álvaro, 86, faleceu, hoje, o compositor de música Arthur Napoleão, que, natural de Portugal, residia no Brasil há cerca de 50 anos.

[...]

Apenas teve conhecimento da morte de Arthur Napoleão, o Instituto Nacional de Música nomeou uma comissão para tomar parte em todas as homenagens que forem prestadas à sua memória, e que ficou constituída dos S^{ts}. Dr. Fertin de Vasconcellos, José Rodrigues Barbosa, Godofredo Leão Velloso, Barroso Netto, Humberto Milano, Alves de Carvalho e Arnaud Gouvêa.

O Paiz, Rio de Janeiro, 13 de maio de 1925 (notícia de Capa).

ARTHUR NAPOLEÃO

Uma notável figura de artista que desaparece

Notas sobre a vida e a carreira do grande pianista

Arthur Napoleão era artista de temperamento. A vocação madrugante bastaria a atestar o predomínio e o enlevo naturais daqueles dotes.

Quem o ouvisse, até 1908, não poderia jamais esquecer o que havia de assombro e ímpeto genial do pianista. O piano como que se multiplicava, dando, na realidade auditiva, a impressão de resumo de orquestra.

A desordem de suas atitudes, a brusquidão espontânea de certos movimentos, o arquejo cheio de toques digitais, os golpes de pedal, dilatando os sons, deles fazendo refluir ultra-sons – tudo retrataria a imprevisão pessoal no modo de sentir e expressar os ideais dos poemas que interpretava.

De posse do instrumento, sua vida discorria e sua sensibilidade, rica, variada e numerosa fluía em borbotões, era dulcida em músicas pujantes, e quase sempre rompida em tumultos magníficos, que davam mentalidade ao que exprimia no deslumbramento de uma linguagem viva, eloqüente, enérgica, comunicativa, altamente cativante.

Filho da grande corrente de brilhantismo que teve seu apogeu em Liszt e maior esplendor em Paderewsky, Arthur Napoleão destacou-se durante sua magnífica carreira artística como uma das celebridades mundiais do piano.

[traça dados biográficos, seguido de parte ilegível. Cita as principais obras do compositor, o artigo está permeado de retratos e refere que a obra *Ancienne Etude* seria sua última publicação].

Jornal A Noite, Rio de Janeiro. Quarta-feira, 13 de maio de 1925.

O desaparecimento do grande artista de irradiação universal

A notícia da morte de Arthur Napoleão foi ontem a nota dolorosa de surpresa para a cidade. O grande artista amanheceu morto no seu quarto de dormir. Só muito tarde é que começaram a correr as primeiras notícias. E essas mesmas não foram acreditadas nas primeiras horas. Os jornais estiveram até tarde em dúvida sobre o lutuoso acontecimento.

Com a morte de Arthur Napoleão perdemos o nosso maior pianista e o mundo perde um dos seus maiores vultos musicais. É verdade que Arthur Napoleão não nasceu no Brasil e sim em Portugal, mas foi o nosso país que teve a honra de abrigar-lhe a existência por quase toda ela. Ele que correu o mundo todo festejado e aplaudido em todos os lugares. Foi no Brasil que escolheu o ponto para armar a sua gloriosa tenda de artista. Foi na nossa terra que catou palha para tecer o seu ninho familiar.

Era nosso.

É verdade que aqueles da irradiação resplandecente de Arthur Napoleão não pertencem a povo nenhum. São universais. São como o Sol, do patrimônio de todas as regiões e de todas as almas [...] [ilegível, enterrado no cemitério São João Batista]. Estiveram presentes os músicos, literatos, políticos, enfim tudo que há de mais fino, de mais alto da nossa intelectualidade.

Uma nota interessante: sobre o corpo do grande músico não foi lançada a clássica pá de cal: os amigos atiraram-lhe flores, somente flores.

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 17 de Maio de 1925.

Arthur Napoleão

[inicia a crônica escrevendo sobre as saudades despertadas por Gottschalk]

[...]

O nome que sucedeu ao de Gottschalk foi o de Arthur Napoleão e, como o seu belicoso homônimo, o pianista, surgindo na *scena* do mundo, venceu a quantos se lhe opuseram.

O seu campo de batalha era o piano, o seu exército era o teclado, disposto em duas linhas, uma de brancos outra de negros, comandados por dez generais, que eram os dedos.

O pedal era assim uma espécie de telégrafo por meio do qual Arthur conduzia a batalha, ora fazendo entrar a sonoridade em cheio, e para a artilharia, ora abafando o combate em surdina, como se o levasse a arma branca.

E, assim como o corso andou com os seus *grogards* [soldados da velha guarda de Napoleão I] desde os areais adustos da África até as neves da Rússia, e por todos os campos da Europa avassalada, o pianista levou os seus dedos victoriosos a todos os salões artísticos sem encontrar outros que os vencessem.

Mas...Waterloo...! Waterloo...!

Enamorado da natureza feiticeira, preso aos encantos da nossa terra, verde e florida, nova broceliande, com a sua Viviana, que é a primavera, o triunfador deixou-se ficar vencido, como Merlino pela formosa fada boscareja. E aqui passou a mocidade ardente, aqui amou e foi amado, e, se, de quando em quando, ao apelo da glória, saía a correr mundo logo se lhe apertava o coração saudoso e a nostalgia o fazia tornar, trocando os louros triunfais, pelo sussurro das palmeiras da terra que ele adotara por pátria.

Aqui viveu e triunfou e o seu nome irradiava pelo mundo partindo dentre nós, a fama tinha aqui o seu núcleo; era aqui que vivia a força que a gerava.

Infelizmente, porém, o mesmo destino que levou o guerreiro à ilha sáxia, inutilizando-o entre penhascos, cortou a carreira triunfal ao pianista.

O soldado acabou nas pedras áridas, o pianista... petrificou-se. Os seus generais de outrora, os dedos ágeis, a cujo aceno o teclado se movia, encontraram, o seu Waterloo no artrismo, e, vencidos como por encantamento, empederniram-se, modularam-se, ficando como cativos algemados.

E, assim derrotada, a decúria victoriosa retraiu-se transija em aleijões, retorcida como raízes ficando inútil diante do teclado.

E o gênio vivo, o espírito alerta, a alma sempre ardendo em inspiração e entusiasmo, fazia lembrar o prisioneiro de Santa Helena, o outro Napoleão, cercado de penhas, diante ao mar imenso, olhando o horizonte profundo onde as nuvens, subindo, acastelhando-se, húmidas, recordavam-lhe as fumaradas espessas das batalhas, quando a artilharia varria à fogo regimentos e os centauros de Murat e Ney, rompendo em alas desapoderadas, levavam vergastadas a espada os batalhões desmantelados.

Pobre Arthur!

Ao vê-lo tinha-se a impressão de um grande espírito que andasse a arrastar as ruínas do corpo que habitara. Era um cadáver à cuja cabeceira velava e sofria a alma como um morador que se deixasse ficar sentado nos escombros da casa que aluira.

Pobre Arthur!

Coelho Netto

Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 12 de junho de 1925.

Correio Musical

Nunca será tarde para prestar a derradeira e afetuosa homenagem a um grande artista a pouco falecido.

Se já não o fizemos, não foi por esquecimento ou por pouco caso, e sim por circunstâncias absolutamente contra a nossa vontade, quando se deu a morte repentina de Arthur Napoleão, mesmo que quiséssemos não teríamos podido noticiar o triste sucesso... agora, depois que todos os jornais já lhe recordaram a gloriosa vida de artista, não viremos aqui retrair-lhe a biografia conhecida do público. Insistiremos apenas num ponto que nos parece não ter sido bastante frisado.

Arthur Napoleão era um artista de raça, desviado da carreira de pianista para a tarefa que se impôs de ser comerciante, fundador que foi da conhecida casa de músicas que ainda conserva o seu nome. Mesmo assim, absorvido pela luta da vida, nunca deixou de ser admirável pianista e compositor de real mérito.

Os meninos prodígios não constituem uma invenção de agora e, por assim dizer, quase futurista: é verdade que, na época atual – que é da eletricidade – eles se apresentam em número muito maior e variado; mas, antigamente, também os havia – e Arthur Napoleão foi um deles. Se não saiu do berço para sentar-se diante de um Erard de cauda, sorvendo ainda as últimas gotas do leite materno, pouco faltou para isso. Os seus primeiros concertos foram dados na idade em que as outras crianças mal principiam a soletrar o ABC.

A infância de Arthur Napoleão já foi gloriosa, talvez mais que a sua mocidade e, incomparavelmente, muito mais que a sua velhice, obumbrada por uma modéstia excessiva e um retiro quase de anacoreta.

Se Arthur Napoleão se tivesse dedicado exclusivamente ao piano, fazendo carreira de recitalista, percorrendo o múmio artístico, precedido dos reclames que a esperteza norte-

americana introduziu, mesmo em matéria de arte, ninguém poderia pôr em dúvida que o seu nome ficasse gravado nos anais da história musical, como sendo o de um dos mais notáveis pianistas. Ele assim não o queria.

Como compositor Arthur Napoleão deixou uma obra interessante, em que a ciência e a técnica se aliam a inspiração, conquistando agrado imediato. Todas as suas peças para piano revelam o conhecedor profundo dos recursos deste instrumento, a par de qualidades apreciáveis. Não há, pela vastíssima extensão deste Brasil, pianista um pouco desembaraçado que não tenha tocado a *Romanza* e essas peças encantadoras das *Soirées Intimes*, cheias de emoção e sentimentalidade.

É natural que, com o evoluir da arte musical, a obra de Arthur Napoleão tenha perdido do seu prestígio. Hoje, o estilo é outro, quando não revolucionário, anárquico e subversivo, pelo menos complicado com dissonâncias mais audazes, harmonização mais atrevida, contraponto mais emaranhado.

Entretanto, apesar do ar levemente arcaico, as suas composições, sempre nos encantam e nos sensibilizam, pelo perfume sutil de um passado sentimental, emotivo, a que não faltavam o brilho e a distinção.

Encontrávamos Arthur Napoleão muito freqüentemente na sua ex-casa de músicas, onde ele comparecia fielmente para lecionar ainda algumas alunas ou simplesmente para palestrar amavelmente com os amigos.

Quando o avistávamos, já sabíamos engatilhada a sua sempiterna interrogação:

- Como está?

Ou ainda esta variante:

- Como vai?

Isso, dito em tom de sincero interesse, demonstrava que não era uma pergunta banal. Com efeito, em Arthur Napoleão nada era banal. A idade patriarcal a que atingira não lhe havia tirado o interesse e a curiosidade pela vida: todas as manifestações do pensamento ainda o preocupavam. Trazia a atenção alviçeiradamente voltada para todas as novidades da arte. Tínhamos a íntima persuasão que ele estava destinado a ser o tipo representativo desses marfins extraordinários, que conservam a cem anos a lucidez perfeita e a desenvoltura da mocidade.

A sua morte foi uma surpresa, foi como uma despedida à francesa – juntou à melancolia do desaparecimento o espanto natural do inesperado.

Jic [João Itiberê da Cunha?].

Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 03 de setembro de 1925.

A vida e a glória de Arthur Napoleão

O “Correio” iniciará, amanhã, a publicação das “Memórias” autênticas e inéditas do grande pianista

Esclarecimentos que nos prestou o Dr. Rego Barros, autor dessa iniciativa, mais uma homenagem piedosa ao formidável intérprete do piano

O “Correio da Manhã” recebeu a visita do Dr. João do Rego Barros, que acaba de regressar da sua última viagem à Europa, e que procurou o nosso jornal, não só para rever nele velhos amigos, como tendo em vista desempenhar-se de uma doce tarefa que se havia imposto e a qual consiste na publicação das memórias do saudoso Arthur Napoleão.

Muito interessado por conhecer como nascera esta idéia feliz, que representará mais uma justa homenagem prestada ao grande pianista desaparecido, nos permitimos pedir ao Dr. Rego Barros alguns esclarecimentos, que ele nos deu com gentileza e a simplicidade de que o caracterizam.

- Como e quando dói tomada a resolução de publicar as “Memórias” de Arthur Napoleão? lhe perguntamos.

- Estava em Paris, respondeu-nos s. s., quando tive a triste notícia da morte de Arthur Napoleão, de quem fui grande admirador e amigo.

Durante muitos anos, fomos companheiros de mesa no Restaurante de Brito e depois no “Sul América”. Indo morar à Avenida Rio Branco, tinha-o muitas vezes, quase diariamente para almoçar, e, nos últimos tempos, antes da minha última viagem à Europa, ele reservava as quartas-feiras para dar-me o prazer de sua presença em minha casa, sendo que a última foi a de 24 de julho do ano passado, três dias antes da minha partida.

Dos almoços do “Brito” e do “Sul América” restam-me saudosas recordações: neles tomavam parte João Chaves, Henrique Chaves, Carlos Américo, Dulcídio Pereira, Dias, Van Erven e, algumas vezes, o eminente Rio Branco e o grande Passos, este levado por seu filho, o meu bom amigo Oliveira Passos, que também era dos nossos.

Foi daí, dessa reunião diária de amigos e admiradores, que partiu a idéia de festejar o jubileu de Arthur Napoleão (50 anos de vida artística no Brasil), jubileu que se realizou a 25 de

agosto de 1907, havendo então, entre outras homenagens, um banquete no Pavilhão Mourisco da praia de Botafogo.

Foram-lhe oferecidos, por essa ocasião, um belo retrato, feito por H. Bernardelli, e uma medalha comemorativa.

Foi resolvida também a publicação das suas memórias, tendo-se incumbido desta parte o João Chaves. Infelizmente, este dileto amigo adoecia pouco depois, de moléstia de que veio a falecer, e a publicação ficou adiada.

Mais tarde, disse-nos Arthur que com as notas que entregara ao João Chaves, tinham publicado em Portugal um apanhado de suas memórias, o qual não obstante ter sido feito com a melhor intenção, muito o havia aborrecido por ter resultado um trabalho desnaturado e sem originalidade.

- Por que motivo mesmo então, não foram publicadas aqui as “Memórias” fiéis?

- É difícil precisar os motivos, mas é fácil compreender as delongas e os adiamentos em casos como este.

Cada vez mais desejoso de ver realizado o nosso projeto, ofereci meus préstimos para fazer a publicação das “Memórias”.

Aceitou-os logo o grande artista, opondo-me, porém uma restrição: era preciso esperar que ele se operasse das cataratas de que sofria, pois, nas condições de vista em que se achava, não lhe era possível rever o que tinha escrito.

Resolvi, então, de acordo com ele, encarregar alguém deste trabalho, e, em uma reunião em nossa casa, da qual fizeram parte Eduardo Ramos, Castro Menezes, Pereira da Silva e Silva Ramos, todos seus e meus amigos, ficou resolvido dar ao Castro Menezes a incumbência do trabalho de que ele se desempenhou, com o auxílio de Pereira da Silva.

A publicação dessas “memórias” devia seguir-se imediatamente, mas o meu saudoso amigo declarou-me que ainda queria relê-las, empresa difícil, pois a vista ainda não lho permitia; e, assim, foi-se adiando ainda, até que vieram tempos difíceis. Em vésperas de partir, em julho do ano passado, lembrei mesmo ao Arthur que aproveitasse a minha estadia na Europa para realizarmos os nossos desejos, mas tendo sido muito curto o prazo entre a decisão da viagem e a partida, não foi possível conseguir do velho amigo, já bastante alquebrado, esse esforço, pelo que malogrou mais essa oportunidade. E assim ficou em minhas mãos o precioso legado.

Chegando da Europa e resolvido a satisfazer o sagrado compromisso procurei ter uma conferência com sua E^{xma} viúva, de quem, com a maior gentileza, obtive completa e desinteressada permissão para realizar essa aspiração do meu saudoso amigo.

- Como teve o senhor a lembrança de se dirigir ao “Correio da Manhã?”.

- Era meu intuito publicar um livro, com ilustrações que os documentos que possuo permitiam, pois Arthur Napoleão, tendo em sua longa vida percorrido uma grande parte do mundo, teve ocasião de conhecer os maiores vultos da arte em que era exímio, e a coleção de fotografias que acompanha as suas “Memórias” é das mais interessantes.

Sendo, porém, mais fácil fazer a publicação por intermédio de um jornal, nenhum encontrei melhor do que o “Correio da Manhã”, cujo diretor, o meu amigo Dr. Edmundo Bittencourt, foi dos maiores admiradores de Arthur Napoleão.

Por esta forma, prestar-se-á uma homenagem àquele que durante mais de meio século ocupou um dos mais elevados postos na vida artística desta cidade e que, entretanto, não me parece ter tido, por ocasião da sua morte, as honras e louvores à altura de sua glória – terminou o Dr. Rego Barros.

Assim, de amanhã em diante, o “Correio” publicará em folhetim as “Memórias” do formidável interprete dos grandes mestres da harmonia.

É essa uma piedosa homenagem àquele a quem deve o nosso público tão frementes e inesquecíveis horas de elevação espiritual e de pura beleza.

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro – ? 1943

Centenário de Arthur Napoleão

Outro dia via na casa de pianos e músicas, que conserva ainda o famoso nome de seu fundador – um quadrado de papel em que estava impresso o nome de Arthur Napoleão, seguido das datas: 1843-1943. Era uma evocação muito singela da passagem do centenário de um artista cheio de glória.

Lembrei-me logo da primeira vez em que o vi na minha infância, apressando-se no mesmo caminho em que vínhamos, em uma das ruas do centro da cidade, e chamando em voz alta e com intimidade pelo nome de meu pai. Eles eram conterrâneos: Arthur Napoleão nasceu no Porto em 1843, e meu pai em Matosinhos, considerado arrabalde do Porto, em 1845.

Disse-me meu pai que ele era uma grande artista desde criança, e que, no tempo dos seus primeiros sucessos, sentara, muitas vezes, no colo dos reis. Mas o artista teve logo um gesto que traduzia toda a sua modéstia.

Fiquei com uma impressão que era mais de espanto que de admiração. Sempre que o via compunha na minha imaginação a sua figura sentada no colo de um rei. Mas, quando eu já tinha mais idade, ouvi-o tocar piano de uma maneira maravilhosa. Parecia que ele entrava pelo teclado, procurando alguma harmonia que se ocultava secretamente nas cordas do seu piano. Os seus nervos, os seus músculos, tudo se movia, tudo se agitava, tudo vibrava com os compassos da sua interpretação de uma página musical. Com uma rapsódia de Liszt, o pianista chegava algumas vezes a levantar-se, numa espécie de ânsia, como para comprimir ainda com mais força o teclado. Nunca mais vi ninguém tocar assim...

[continua citando o artigo de Camillo Castello Branco]

Foi esse célebre artista, cheio de glória, tão aplaudido nas primeiras capitais do mundo e tão admirado no seu próprio país, que abdicou de tudo para vir viver no Brasil. Aqui ficou para sempre. Por ocasião do quarto centenário do descobrimento do Brasil, ouvi-o tocar no Gabinete Português de Leitura, um arranjo seu, que misturava os acordes dos dois hinos, o brasileiro e o português. Ele próprio foi sempre assim - uma mistura de português e brasileiro. Ficou sendo quase todo nosso. Justo é, pois, que lhe recordemos sempre a memória. Este ano foi o do centenário do seu nascimento...

Mário de Lima Barbosa

A Noite Ilustrada, Rio de Janeiro, 19 de agosto de 1952.

Vultos Ilustres

(J.R.B.)

Arthur Napoleão

[...]. Quando em 1868 Arthur Napoleão fixou-se definitivamente em nosso meio, já o mundo musical da velha Europa o conhecia como intérprete de classe. Já faz muito tempo que essa fixação de Arthur Napoleão ocorreu, trazendo como conseqüências o seu abasileiramento de arte e de coração: basta dizer a vocês que ele figurava como elemento artístico ornamental nas famosas reuniões sociais do barão de Cotegipe. Ensinou piano em nossa terra e por toda a parte

tocou esse instrumento, fazendo-o como legítimo professor. Foi um dos mestres mais autorizados da escola da rua do Passeio e desobrigou-se de concertos como um autêntico virtuoso.

Nem toda a gente afirma que conheceu Arthur Napoleão, porque, para o fazerem importa que vai muito além dos quarenta de idade, e revelações de tal espécie são o diabo... Não nos atemorizamos em afirmar que o conhecemos e provando-o aí vai uma resposta que nos deu, quando o chamamos de uma afirmação de menino prodígio. – Meu caro jornalista, disse-nos ele – eu apenas comecei a tocar muito cedo. O menino prodígio é aquele que já traz em si próprio o esplendor impressionante de uma obra a nascer com uma largueza tal que a fará clássica.

3-DEPOIMENTOS, COMENTÁRIOS E CRÔNICAS SOBRE ARTHUR NAPOLEÃO ENCONTRADOS EM LIVROS E AFINS

Machado de Assis (1839-1908)

Crônicas O Futuro (1862-1863)

15 de setembro de 1862

[...]

Falemos agora de Arthur Napoleão que acaba de chegar ao Rio de Janeiro. Em 1857, aquele prodigioso menino inspirou verdadeiro entusiasmo nesta corte onde acabara de chegar cercado pela auréola de uma reputação. Criança ainda, o prestígio dos tenros anos dava ao seu talento realce maior. Com ele acontecera o mesmo que com Mozart, de quem diz um escritor, aludindo à primeira manifestação do talento na idade pueril – “*C’est ainsi que Mozart apprit la musique, comme en se jouant, ou plutôt la musique se reveillait dans son ame avec le sentiment de la vie*”. Desde os primeiros anos, Arthur revelou-se, e desde logo começou para ele essa série não interrompida de triunfos de que se tem composto a sua existência.

Os amigos e patrícios poderiam desconfiar do seu entusiasmo, e indagar entre si se ele não era efeito de um amor sem exame nem reserva, ou pela interessante criança, ou pelo patrício artista. Essa dúvida, se alguma vez se apresentou no espírito dos patrícios e dos amigos, dissipou-se sem dúvida quando Arthur Napoleão, entrando nos grandes centros da arte e dos artistas, recebeu deles a confirmação solene do batismo da pátria. Aplausos, ovações, abraços fraternais o

receberam, e cada nome que passava, Rossini, Meyerbeer, Verdi, Thalberg, Vieuxtemps, Sivori, deixaram uma nota sua, uma linha, uma palavra no álbum do menino artista.

Assim cresceu Arthur Napoleão na idade, na glória e no talento; de cidade em cidade, a sua viagem foi um triunfo não interrompido; mas, como verdadeiro artista, não se deixou adormecer nos louros e nas delícias de Cápua; estudou viajando, e buscou pelo estudo a perfeição. Nem só executa inspirações alheias; tem as suas e das mais originais; e deve-se ao seu estro musical algumas composições esparsas de muito merecimento. Sei que Arthur Napoleão busca voar mais alto e escrever seu nome em uma obra duradoura: dois poetas ingleses deitaram mãos à obra, a pedido do compositor, e cada um foi depor-lhe nas mãos um poema dramático, tirado um da comédia de Shakespeare, Como queira, e o outro de uma novela de Fennimore Cooper.

(Machado de Assis, 1958: 309-310).

Camillo Castello Branco (1825-1890)

UMA GLÓRIA NACIONAL

Era uma loira criança aquele anjo de graça e harmonia que há quinze anos, no palco do Teatro S.João, nos fez desconfiar da curta vida que, na imaginação popular, ameaça os talentos precoces. Não sabemos o porque deste receio supersticioso: o certo é que entende com o céu a poesia Doria com que de uma criança atilada e encantadora, dizemos: “É de Deus”. Em verdade, este dito encerra uma recôndita filosofia. Afigura-se, talvez, à gente que há uma craveira, por onde se medem as faculdades da alma, contingentes com as coisas deste mundo; e que os espíritos, temporaneamente desenvolvidos, apenas atingem o grau da possível e extemporânea perfectibilidade, desatam-se dos liames materiais, e voejam ao ponto culminante de onde baixaram. Não será isto; mas seja o que for, o nosso receio pela demora curta dos engenhos extraordinários nesta vida, não é preconceito meramente popular: presságio é, ainda bem que falso, com que os mais despreocupados corações estremecem o talento infantil.

Isto sentimos quando aquela criancinha Angélica, quinze anos vão passados, agitava o teclado do piano com as orlas das suas asas. Havia naqueles vertiginosos agitá-las alguma coisa de avizinha que se ensaia para remontados vôos. E era. Os vôos desprendeu-os já não para o invisível onde a saudade de pais, de conterrâneos, e de portugueses haviam de ir procurá-lo; mas

por esse mundo além, mundo que se lhe fez pátria, mundo que lhe deu a milhares de corações palpitantes de entusiasmo.

Ei-lo aí está no vigor da juvenilidade.

Vinte e uma primaveras lhe aromatizam com as suas mais olorosas flores a vicejante imaginação. Vinte e um anos, contados por glórias, desde a primeira puerícia. A débil compleição parece robustecida pela dinâmica da flama elétrica, luz do gênio, fogo sagrado que centuplica as forças comuns dos espíritos vitais. Ontem o vimos mais avantajado que a nossa expectativa. Não nos lembrava que era filho de Portugal para encarecer os reptos de admiração. Víamo-lo como a um talento de todas e para todas as nações. Quando, porém, se interpunha às exultações de ouvi-lo a consideração de que era um português aquele moço; e, naquelas tábuas, ali desceu, um dia, para assim dizer, dos braços de sua mãe sobre as teclas do piano, então comoveu-nos este relevo de orgulho pátrio, a re-sair da rasa e triste miséria de nossa vida social, defrontada com a das nações que nos apoucam e motejam.

Nasceu Arthur Napoleão no Porto em 6 de março de 1843. Os dotes do Sr. Alexandre Napoleão ainda hoje se revelam no aperfeiçoamento de muitas das discípulas que teve nas primeiras famílias da sociedade portuense. [...]

[...]

Já então lhe pré-luziam de longe os clarões de maiores glórias. Deliberou o pai levá-lo a Inglaterra – fazê-lo ouvir em Londres. Este arrojado intento justificava-se nas crescentes maravilhas do talentoso menino. O Sr. D. Fernando recomendou Arthur ao Sr. Conde Lavradio, ministro português em Londres. Sem embargo da carta de El-Rei, e de outros personagens de alta valia, Arthur Napoleão não pode superar os estorvos que lhe vedaram a faculdade de fazer-se ouvir.

Não sabemos classificar este soberbo desamor dos bretões! O doce anjo da melodia que mal de inveja poderia excitar àqueles ânimos apoucados? A nosso ver os empecos contrapostos ao talento, na capital do mundo, onde concorrem em barda os engenhos mais esclarecidos, redundaram-lhe depois em máxima glória. Arthur sai de Londres, vai à França, e estréia a sua carreira esplendorosa em Paris. Escuta-o, o imperador nas Tulherias; aplaude-o a seleta sociedade parisiense em alguns concertos. É tempo, então, de se amostrar aos ingleses. Volta a Londres. Recebem-no, abram-lhe os teatros e salões em toda a Inglaterra. Em menos de três meses, escutam-no em setenta e tantos concertos.

O Lorde Mayre [sic] oferece-lhe em Londres um brinde de prata excedente ao valor de 500\$000 reis. Que mudança!

Foi preciso ao português ir a Paris receber a consagração do talento para que a Grã-Bretanha lhe reconhecesse a capacidade de expor-se! O juiz mais qualificado do mundo laureou-lhe a inspirada frente; a criança foi depois, à presença dos aprumados e ‘filauciosos’ do Tâmis, e disse-lhes: “agora, escutai-me, que não sou português; a França deu-me cartas de naturalização em toda a terra: serei vosso pelo gênio, e serei sempre de Portugal pelo gênio e coração”. [discorre sobre a trajetória biográfica de Arthur Napoleão].

Acariciado outra vez por aquela ameigadora saudade, que os estrondos dos triunfos não conseguem emudecer no coração, Arthur voltou a Portugal, e, entre Lisboa e Porto, lhe tem corrido a breve temporada que ele costuma tomar de repouso. Diversas vezes tem sido escutado com admiração e desvanecimento em Lisboa e Porto. Aqui o ouvimos, em benefício do monumento do Sr. D. Pedro V, padrão que é memória do rei querido, destina a sociedade empresária do Palácio de Cristal. Arthur Napoleão contribuiu, destarte grandiosa homenagem ao soberano amantíssimo dos talentos. Aquele monumento, por essas cidades além, deixará, identificada a memória de uma das mais esplendidas realezas da arte, neste século. Dir-se-ia então, que, no reinado do Sr. D. Pedro V, floresceu o filho do Porto, que tantas vezes tem levado ao estrangeiro o nome da sua terra, apenas lembrada pelos prodígios das letras e das artes.

Arthur, sobre ser um prodigioso executor, corre igual fortuna nos méritos de suas composições. As mais notáveis denominam-se: Grande Fantasia sobre *Ballo in maschera*; Grande Fantasia sobre os *Huguenotes*; o *Turbilhão*; *Fantasia Veneziana*, Grande Galope de Concerto; *A Caprichosa*, Grande Polca de Concerto e muitas peças conhecidas, já editadas em Londres, Mayence, Rio de Janeiro e Porto, e outras já por ele executadas. Ainda há pouco lhe ouvimos a de *Luiza Miller* no palco de S. João. Sublime Fantasia! É um delírio de música, e uma febre que lhe vibrava debaixo dos dedos o teclado em frenesis que vos transportam. É belo de poesia e paixão o rosto de Arthur naqueles momentos inspirados. Quando então recordamos a criança de há quinze anos, no lugar do anjo vestido de cândidas vestes, aparece-nos o mancebo cuja mente o fogo das paixões deve ter incendiado. Aquele música, chamada *Turbilhão*, denota as tempestades que se carregam e esbravejam em volta do gênio.

Lá muito longe, quando se escuta e aplaude com veemência Arthur Napoleão, haverá quem diga: “este moço nasceu na pátria de Luis de Camões, e de Vasco da Gama e do grão

Vasco”. As nossas façanhas e progressos pouco já dizem do que fomos e poucos dizem a nós à admiração de estranhos. Amemos e reverenciemos, pois, aqueles que, à semelhança de Arthur Napoleão, diante de milhares de espectadores, suscitam honrosas memórias de Portugal. (Castello Branco, 1864 em “Cousas leves e pesadas”).

Ramalho Ortigão (1836-1915)

A mazorrada melancolia das noites portuenses durante o corrente inverno acaba de ser felizmente cortada com a presença brilhante de dois artistas no teatro S. João.

Arthur Napoleão e *Mademoiselle* Lebouys fizeram reunir por uma noite a sociedade portuense, que se não tornara a encontrar desde a estação lírica do ano passado, e para a qual, na ocasião presente, as suaves comoções da música eram apenas acordadas pelo festival Zé Pereira dos últimos bródios políticos.

[...]

Arthur Napoleão é hoje o mais notável dos músicos portugueses e um dos artistas nacionais que mais tem honrado na Europa o nome da sua pátria. Não há muito tempo ainda que eu próprio fui testemunha do subido apreço em que ele é tido no país onde melhor se aprecia o mérito de quem o tem, e onde se consagram e legitimam todas as reputações e todas as glórias.

Foi em Paris, em casa de Emile de Girardin, o célebre redator da *Liberté*.

No suntuosíssimo salão Rotschild da imprensa contemporânea, perfeito modelo de elegância e de luxo, estavam reunidos vários homens eminentes pelo teu talento ou pela sua posição social.

Madame de Girardin, uma das mulheres mais encantadoramente belas que eu conheço, achava-se de cama gravemente doente, e a ausência do ídolo entristecia o formoso templo de sua invocação. Corriam, além disso, boatos de uma próxima recomposição ministerial; o senhor Peyrou, o mesmo que escreveu o magnífico proémio das *Palavras de um Condenado*, tinha trazido das Tulherias a notícia da demissão do ministro Rhouer. Em casa do redator da *Liberté* os homens discutiam com vivacidade, em pé junto dos fogões, ou passeavam agitadamente na sala ou nas galerias recheadas de esculturas e de quadros. O senhor Girardin estava preocupadíssimo e falava pouco e secamente. Foi nesta conjuntura, péssima para admirar artistas, que o nosso jovem compatriota apareceu no salão acompanhado do escritor inglês Mortimer, um dos redatores do *Times* de New York, o qual apresentou ao redator da *Liberté*:

“*Monsieur de Santos, pianiste portugais.*”

O nome de Santos pode tê-lo quem quer. Arthur Napoleão, quando todos os demais o ignorassem, sabia eu pelo menos que queria dizer alguma coisa.

Mas o nome Napoleão também não era de bom agouro naquele sítio. Foi talvez um sentimento de diplomática delicadeza que aconselhou o Mr. Mortimer a não pronunciar o primeiro apelido do seu apresentado em casa do primeiro órgão da oposição do império francês.

Girardin disse a Arthur Napoleão que lamentava imenso que as ocupações do seu espírito lhe não permitissem em tal ocasião consagrar-lhe mais do que alguns minutos, se ele quisesse ter a bondade de se fazer ouvir.

Mortimer opinou que se aceitassem imediatamente os curtos momentos de atenção consagrada pelo ativo jornalista ao artista predileto do escritor britânico, a sensibilidade mais fina, a índole mais sinceramente entusiástica do belo e finalmente o inglês menos inglês a que eu tenho tido a honra de apertar a mão. Dois criados de *libré* agaloados de ouro aproximaram um candelabro e abriram um magnífico *Herard* [sic] de grande cauda, todo de ébano primorosamente marchetado.

Arthur, falando-me em português, manifestou-me a repugnância que tinha e a inconveniência que se lhe figurava em tocar perante um auditório tão mal disposto para o escutar, e depois de várias considerações concluiu que, se os seus ouvintes se reunissem para lhe dar palmas, não haveria grande merecimento em lhas arrancar.

Em seguida sentou-se ao piano com um gesto de ave de rapina ao tomar conta da presa.

O instrumento magnífico respondeu às primeiras dedilhações do artista com uma harmonia vibrante, suave e limpidíssima. Depois as notas, arrancadas quase que simultaneamente do teclado inteiro, partiram, conglobaram-se, alaram-se, redemoinharam em turbilhões, dispartiram-se em rojos, compelindo-se, recalçando-se, dobrando-se em catadupa, escachoando como vagas e espumando e espadanando cascatas de harmonias. A veia do gênio tinha feito rebentar da rocha a majestade precipitosa do Niagara. O artista, possuído do deus íntimo que produz o delírio dos videntes, tinha-se consubstanciado e incorporado ao piano: diríeis a aparição de um ente fantástico à semelhança do Minotauro. O instrumento estremecia, arquejava, ululava, bramava, em delícias, em frenesis, em êxtases, debaixo dos dedos convulsos que lhe transmitiam o entendimento, a sensibilidade profunda e a paixão olímpica.

Durante esse tempo todas as pessoas que, primeiro por delicadeza e depois por atração, se tinham agrupado em volta do piano haviam suspenso toda a conversação, conservando-se

imóveis e estáticas, e tendo apenas voz para exclamar de quando em quando: “Magnífico! Surpreendente!” Quando o desempenho terminou arrancando do coração do piano o seu último soluço, confundido num trovão de palmas, Arthur Napoleão estava nos braços dos seus ouvintes a princípio mais frios ou mais preocupados. Girardin esqueceu todos os afazeres que tinha e, instando-o a que tocasse duas outras vezes, pediu-lhe que ao voltar a Paris, de onde ele partia dentro de poucos dias, concedesse a Madame de Girardin o prazer de o apresentar aos seus convidados em um grande concerto antes de se deixar ouvir do público parisiense, no seio do qual o esperava a glória.

No último concerto dado no Teatro de S.João, Arthur Napoleão revelou-se tão consumado compositor como perfeito concertista. Entre as peças que lhe ouvimos, a fantasia sobre motivos da Africana é um primor de estilo e de bom gosto, em que se conhece a mão segura de um artista consciencioso e forte. A orquestração é cheia de relevo, de expressão e de sentimento.

[...]

(Ramalho Ortigão, em *Ecos do Porto*, publicado na *Gazeta Literária do Porto*, de Camilo Castelo Branco em 1868).

Antonio Arroyo

Falemos agora do temperamento do nosso grande pianista Napoleão, que é o de um verdadeiro concertista para grande público.

Ele possuía em elevado grau as respectivas qualidades típicas: uma impetuosidade, já magistral aos 14 anos de idade (*Musical Union*), uma graça incedível que Cyriaco de Cardoso definia chamando-lhe o Sarasate do piano, um som maravilhoso, amplo, formosíssimo, assim caracterizado por Vianna da Motta ao falar das suas execuções a dois pianos no Brasil. Nesse intuito de concertista brilhante o educou seu pai; e denuncia-o não só a escolha dos mestres por ele feita para o filho, com exceção de Charles Halley [sic], porventura a mais sólida das influências educadoras que lhe formaram o seu talento profissional, como também o repertório dos seus concertos. Arthur tocou todas as mais brilhantes e difíceis Fantasias de óperas, conhecidas, o gênero de 1830 a 1860, e perpetrou ele próprio, vários desses trechos. Herz, Thalberg e os *tours de force* do Liszt das referidas Fantasias, das Rapsódias e dos Concertos constituíam o fundo do seu repertório de então.

Mais tarde, quando emancipado da tutela paterna, penso eu, quando já aos vinte e cinco anos de idade os ingleses o consideram um “first rate artist”, esse repertório enrique-se com as

produções mais elevadas de todos os grandes músicos; e nas composições originais aponta-se, com reconhecido valor, uma transcrição da *Overture* do *Tannhäuser*. Ele é então um intérprete entusiasta de Beethoven, Mendelssohn, Schumann, Liszt, etc., de todos os grandes músicos enfim.

Vários fatos nos levam a acreditar que a evolução do seu temperamento assim se fizera. Arthur é uma muito nobre e fina organização artística para se confinar na direção brilhante e superficial que dominava o pequeno centro em que seu pai professava e formava o seu Credo artístico. Quando entregue a si e ao convívio dos mais notáveis músicos da Europa, essa organização revolta-se e abraça o vastíssimo campo da grande música.

[...]

[...]. Em 1889, descreve-m'o alguém como um adorador entusiasta de Schumann; era incansável em revelar todas as riquezas musicais da obra deste admirável compositor. Em 1900 ouço-o na sua casa de Paris e ele mesmo me afirma que o seu espírito se transformara e o seu modo de ser pianista seguia também uma evolução paralela. Ouvi-o em Chopin e pareceu-me que ele quisera penetrar fundamente a alma do grande polaco e chegará à execução diferenciada deste autor, e, portanto a cada um dos autores estudados. E devo dizer que, na curta audição que me dedicou, julguei ver tudo isso revelado com intensa personalidade.

[...], Arthur Napoleão possui uma grande alma de artista, uma valente e sempre juvenil alma de artista, porque ele é dos raros que, como Verdi, partiram da arte mercantil e evolucionaram no sentido da arte superior e eterna; e porque, na segunda fase de sua existência, é também um verdadeiro *enfant de ses oeuvres*.

(Arroyo, Lisboa, 1909: 86-88).

Athos Damasceno (1902-1975)

[o texto refere-se às atividades culturais em Porto Alegre no ano de 1857].

[...]

O Juvenil pianista, que conta apenas 13 anos de idade e vem precedido de rumoroso cartaz, é na realidade um talento de exceção e logo se assenhora do nosso culto auditório que o consagra calorosamente.

Os programas do jovem concertista portuense, quase todos compostos de fantasias de Thalberg, Wallace, Kuhe, Schulhoff e outros, sobre motivos do *Elisir d'Amore*, da *Traviata*, de A

Sonâmbula, da Cracovienne, do Carnaval de Veneza, etc., não são, diga-se lisamente, uma coisa do outro mundo. Mas a cidade, que está de boa veneta, os recebe com uma abundância de alma e cobre o menino de afetuosas palmas.

O Presidente da Província, associando-se às homenagens que são prestadas a Arthur Napoleão, convida-o para uma festa em Palácio, em cujos salões o pequeno concertista se faz ouvir e aplaudir por uma assistência numerosa e seleta. E os jornais, escrevendo sobre os seus inigualáveis dotes artísticos, registram: “É belo ver essa criança loura, clara, franzina, encostada ao piano, brincando com as teclas, indiferente quase aos bravos da platéia, como quem os tem por causa costumeira, colhendo os ramalhetes como quem sabe que os tem direito do gênio, e de repente sentar-se e fazer sair do instrumento mudo caudais de ecos, de cantos, de harmonias; vozes que as cordas não sabiam, que as teclas nunca tinham dito, porque eram vozes do seu gênio, as inspirações da sua alma, os cantos da sua inspiração!”.

As inspirações da alma do pequeno Arthur e os cantos da sua inspiração não assanharam apenas à crítica, que lhe dirigiu tantas palavras amigas, nem apenas ao povo, que assinalou a sua presença em Porto Alegre com manifestações jamais vistas entre nós – manifestações que quase nos esgotam para o resto da vida os arsenais de fogos e morteiros. As inspirações de privilegiado pianista assanharam sobretudo, os nossos poetas que lançaram sobre ele uma autêntica tempestade de versos. (Damasceno, 1956: 39).

4 – OUTROS DOCUMENTOS ENCONTRADOS EM ACERVOS, ARQUIVOS E COLEÇÕES

I - Programa de concurso aos prêmios do Instituto Nacional de Música

Instituto Nacional de Música

Domingo, 30 de dezembro de 1894

5º sessão de exercícios públicos – concurso aos prêmios de canto

Membros do júri: Presidente - o diretor, vogais - S^{ntes}. Arthur Napoleão dos Santos, Henrique Oswald, Ignácio Porto Alegre, João Rodriguez Côtres, Lucien Lambert e Ricardo Tatti.

Concorrentes: Carlos Alves de Carvalho – idade: 26 anos, início do curso – 20 de julho de 1892, curso do professor Louis Gillard

Membros do conselho: Presidente – o Diretor [Leopoldo Miguez], membros honorários: Arthur Napoleão dos Santos, Lucien Lambert e Paulo Faulhauber; eletivos: Sr. Augusto Duque Estrada

Meyer, Francisco Alfredo Bevilacqua, Frederico do Nascimento, Ignácio Porto Alegre e João Rodriges Côrtes.

PROGRAMA:

Ária da Opera *Le Maitre de Chapelle* “*Ah! Quel bonheur de presentir sa glorie de Ferdinando Pärer*”

Execução de cor de uma peça à escolha do concorrente

II – Material do arquivo Francisco Sá Noronha da Biblioteca Nacional de Lisboa

Álbum Francisco Sá Noronha
Papel com marca de relevo A N
Carta para Francisco Sá Noronha
D’Kiolare Street

06 March, 1854

Meu amigo Sr.

Eu não sei o que lhe fiz, naturalmente se esqueceu de mim? Hora isto!!! Pense bem, esquecesse não P..... pense veja bem... olhe!! Não se engane..... enfim não me quer responder, muito bem.....

Escreveu tão pouco que não sei como não tem vergonha. As minhas Polkas e Valsas já estão publicadas com o meu retrato na frente.

Papa manda tezas, recomendações minhas a todos. Diga ao Alípio e a Senhora da Cunha.

E sou seu amigo Sin^{ro}.

&rrill y go soon see you

Arthur Napoleon

Dou hoje um concerto meu aqui em Dublin

III – Arquivo Arthur Napoleão da Biblioteca Alberto Nepomuceno (BAN)

Material encontrado na pasta N.88 do arquivo histórico da BAN:

1. Medalhas de bronze:
 - a) medalha de bronze “ao ensaiador e regente do Réquiem de Verdi” oferecida pelos subscritores do evento, Rio de Janeiro 1876;
 - b) Medalha de bronze de seu “jubileu artístico de Arthur Napoleão no Brazil” MDCCCLVII – MCMVII
2. Recortes de Jornal – Correio da Manhã de setembro a novembro de 1925.
3. Fotos (2) de Arthur Napoleão sozinho e junto ao seu irmão Alfredo.
4. Convite para o concerto no Teatro Municipal para o dia 8 de novembro às vinte e uma horas

“Os artistas, os admiradores e amigos do Exmo. Sr. Comendador Arthur Napoleão dos Santos no propósito de festejar condignamente o sexagenário aniversário de seus primeiros triunfos pianísticos nesta cidade carioca, onde ele venceu, vive e envelheceu, e desejando prestar essa homenagem de modo que, além de sua alta significação moral, ela aproveitasse materialmente, a quem dedicou ao Brasil todas as suas gloriosas energias e expansões artísticas, solicitam a V. Exa. A honra de colaborar nesse preito de admiração e de gratidão, aceitando o incluso bilhete de ingresso do Teatro Municipal para o dia 8 de novembro próximo às vinte e uma horas.

Saudações”.

Segue nominativa de amigos, admiradores e artistas. Convite ilustrado com quatro fotos de Napoleão em diferentes momentos de sua vida.

5. Lista de obras de Arthur Napoleão, escrita à mão – autoria desconhecida
6. Programa – jubileu artístico de Arthur Napoleão no Brasil. Domingo, 25 de agosto de 1907. Com a presença de S.^{Exa.} o Sr. Presidente da República e do Sr. Ministro do interior. Regentes: Srs. Alberto Nepomuceno e Francisco Braga; canto: Sras. Hedy, Amália Iracema e Roxy King, Srs. Carlos de Carvalho e De Larrigue de Faro; Piano: S^{rs.} Arthur Napoleão e Alfredo Bevilacqua. Orquestra: 67 executantes.
7. Cópia do pergaminho entregue á Napoleão na comemoração de seu quinquagésimo aniversário de seu primeiro concerto dado no Brasil.
8. Diploma em alemão contendo o seguinte texto:

Diplom
Für den clavier – virtuosen
Herrn Arthur Napoleón
Aus Porto
Als
Ehren – Mitglied
Des Männer – Gesang – Verein
Köln a/r
Köln den 25. März 1855.
Das Dirertorinm (segue assinaturas)

9. Diploma de aceitação na Sociedade de Autores, Compositores e Editores de Música, Paris.

Société dès Auteurs, compositeurs & editeurs de musique
Rue du Fauborg Montmartre 17 – Fondeé lê 28 Février de 1821
Monsieur Napoléon Arthur dos Santos, compositeur de musique a été admis dans la société par décision du syndicat, em date du sept mai 1889. El il a satisfait á toutes abligations prescrites par les statuts.
Paris, le 14 Mai 1889
Pour le syndicat
 [Seguem assinaturas]

IV – Cartas de Arthur Napoleão & Vianna da Motta – Museu da Música de Lisboa- Espólio Vianna da Motta

Pasta Nº55

a) Carta de Arthur Napoleão para Vianna da Motta de 25 de setembro de 1917.

[Trata de problemas financeiros que o irmão de Arthur Napoleão, Alfredo, então em Portugal, estava enfrentando]. Arthur Napoleão explica que como “sócio comanditário da casa de negócios as minhas retiradas mensais são de certamente para minha mulher e sabe que despesas são, a minha família é numerosa. Só no fim do ano é que são divididos os lucros. Apesar disso os meus outros recursos poderiam tão me valioso, e parar conseguinte ao Alfredo, de não fossem os transtornos a que já alude”.

Diversos amigos aqui pretendem até o fim do ano oferecer-me uma festa em comemoração do 60º aniversário do meu 1º concerto no Rio de Janeiro. Estou à espera disso para poder agir mais livremente.

Por ora o que me parece mais conveniente é mandar mensalmente ou á medida que me foi possível uma somazinha que o vai ajudando.

Envio um cheque (produto líquido de 100/000 da aqui) - É a Casa Arthur Napoleão que passa essa remessa. Quero ver o que poderá fazer o meu colendo particular para o mês.

Sinto que não me risxíse. Alguma coisa a seu respeito em seus projetos artísticos. Que saudades!

Eu tinha estado há dois meses com uma gripe que bastante me atrapalhou.

Agora estou melhor, a minha vista é que vai de mal e terei brevemente em que sujeitar-me a operação da Catarata. Abraço com efusão do sempre seu admirador e amigo

Arthur Napoleão

[carta em papel timbrado da Casa Arthur Napoleão de Sampaio Araújo e C^a. Avenida Central, 122. Com retrato impresso da fachada da Casa e reclames de venda de música, pianos e “*únicos representantes da pianola METROSTYLE & THEMODIST da Aeolian Company de New York. Reputado o mais perfeito instrumento pneumático, podendo ser tocado por qualquer pessoa mesmo não sabendo música. Músicas para o mesmo instrumento. Metrônomos, pastas para música, chaves para afinar, cordas, camurças, diapasões, arandellas e mais acessórios para consertar pianos*”.]

b) Carta de Arthur Napoleão para Vianna da Motta – 20 de julho [ano?]

Meu Caro amigo Vianna da Motta. O meu ilustre colega há de ter estranhado talvez a demora na minha resposta às suas duas cartas, já recebidas há tempos.

Desculpe-me porque tenho estado muito atrapalhado com mil negócios – Agora que o faço começo por desejar-lhe toda a espécie de felicidade no ano novo e bem assim a sua prezada esposa.

E passemos a negócio de arte. Ciente do que me diz relativamente à Tarantella não lamento o mau êxito do Peters – um editor que me toma por um novo autor [grifo original] e não sabe quem o nome não me serve. Eu tenho muitos que estão prontos a fazer esse sacrifício mas o que eu quero é certas condições de edição....

Enfim talvez ache algum outro do gênero Peters o que nesse caso me dirá, mas se ver pouca vontade não se incomode com isso.

O Hamelle, o Choudens tem ganho um dinheiro com as minhas obras, mas o amigo percebe que não é uma edição cara não é um campo restrito que eu procurava.

Uma das coisas que me tem dado imenso trabalho são os estudos de Cramer. – Resolvi levar a cabo a sua idéia de fazer a obra inteira de minha própria lavra e excluir o Henselt. Dei aos Estudos um caráter do que fez este autor. O 2º piano com raras exceções é um Estudo por si mesmo adaptando-se ao 1º piano. Fui bastante feliz em alguns que fiz a isso, me falta acabar a obra, mas mesmo trabalhando assiduamente talvez me leva ainda uns seis meses para terminá-la, compreende que uma obra dessas são tantos anos, um trabalho, no fim das contas ingrato, e com um campo amainado, obra que além dessa inovação do 2º piano que duplica o número dos estudos, é dedilhada com uma minúcia didata que ninguém teve a paciência de fazer; com iguais explicações, anotações, etc....., publicada em partitura deve dar pancada em todas as edições predecessoras.

Da publicação dessa edição, só eu mesmo indo falar com os encenados e mostrando-lhes o que a coisa é. Se por lá não compreenderem o que a coisa vale, não só pela minuciosidade do trabalho didático como pelo interesse para o professor e amador na execução das suas partes, e a vantagem dos 168 Estudos em vez de 84, repito, se por lá não compreenderem a coisa tenho o Ricordi (Itália), Ashrow e Parry (Londres) homens que não receiam nestas coisas, basta eu ir falar-lhes.

Mas... confesso preferir um campo como a Alemanha para a publicação. Por muitos motivos que agora não posso estar a explicar.

E agora outro assunto.

Mandei-lhe o exemplar que estava incompleto da melodia de Schubert, escrito a mão, porque, não tendo outro, não fiz nas mesmas condições, mandei-o copiar por um exemplar meu.

A pequena edição de Schubert-Liszt de que me fala está muito incompleta – Em todo o caso aí vão os números que aqui possuo e que estão as suas ordens. 2-3-7-8-9-10-11-16-17-19-21-23-24-26.

O Araújo ficou desolado quando lhe mostrei a sua acusação de vandalismo, e ofereceu-me uns provimentos em papel de cor que efetivamente não achei que valesse a pena de lhe enviar. Contudo dá é pra museu!...

A importância das músicas devolvidas importam preço net em 36f250 que lhe creditamos. Ainda há vista disto fazer um pedido geral do que lhe convém para lhe enviarmos.

O piano do Instituto foi-nos pedido pelo Alberto Nepomuceno – Dirigimo-nos ao Bechstein para esse fim, vendemo-lo ao Instituto pelo preço de fatura reservando-nos apenas 10% para diferença de cambio, etc....Nestas condições creio não ser conveniente tocar em comissão dera particular.- Mas se entender o contrário peço-lhe escrever diretamente ao Alberto.

Para concluir faço votos ainda uma vez pela prosperidade do meu amigo e grande artista. A sua projetada viagem a Londres me dá grande prazer. – sabe qual é sempre a minha idéia a esse respeito.

Seu amigo e ilustríssimo admirador

Arthur Napoleão

[papel timbrado Arthur Napoleão & C^{ia}. 89 Rua do Ouvidor, Rio de Janeiro].

c) Carta de Arthur Napoleão para Vianna da Motta – 25 de Janeiro de 1904

Meu caro Amigo,

Estou de posse de sua carta de 6 do p.p. como deve crer, cartas suas dão-me sempre prazer.

Começa por em pedir notícias dos 36,000 das músicas que daqui levou. – pedindo esclarecimentos ao Sampaio meu sócio, ele me diz que tendo se feito na sua compra aqui um abatimento adicional, não é bem essa quantia que lhe tem a devolver – parece que em música ou dinheiro se pode chegar a um acordo quando aqui vier, porque é nossa esperança torná-lo a ver. Por cá a quantia é tão ínfima... em todo caso não perderá aquilo que tiver direito. Nem que fosse 1000 réis por algum amigo poderá ir.

Aqui estiveram este ano o Bauer e o Casals e também o Schelling. – Os concertos por eles dados tiveram muita animação e foram apreciados, principalmente os dois primeiros. Vieram em boa época (fins de maio a junho).

Deram os concertos no Instituto o que muito concorreu para o bom êxito, pois o Teatro Lyrico não só é muito dispendioso como antiartístico para concertos deste gênero. No Instituto já há luz elétrica e os dispêndios são poucos. O Bauer e Schelling tiveram a idéia de se unir e deram um concerto no Lyrico com o meu concurso e tocamos além de peças a dois pianos o concerto de Bach a 3 pianos o Lyrico teve uma enchente à cunha. Foi um sucesso por todos os lados.

A sua vinda com Gerardy (o violoncelista?) me parece que teria probabilidade de ser bem sucedida, mas é preciso vir em meados de maio e fins do mesmo e não passar de fugida.

Preparei-me e estive em São Paulo o ano passado aonde dei 3 concertos com grande sucesso, mas tive a infelicidade de cair doente e quase morri. – voltei ainda convalescente para ter a notícia da morte de minha esposa em Paris.

Este ano estou outra vez bom e no festival que dei há meses no Cassino toquei o 4º concerto de Saint-Säens com grande êxito. Fora os solos habituais – foi uma enchente colossal.

Já vê que a música por cá não está de todo abandonada. E posso garantir-lhe que o Bauer e o Schelling ambos ganharam dinheiro. Com o êxito obtido por Casals é de crer que o Gerardy despertasse também curiosidade.

Dizem-me que é um grande violoncelista. Esse o violinista Thompson, ou Isaias ou um nome assim é de utilidade vir, de outra forma não vale a pena, antes só.

Tomei o seu conselho quando aqui estive em relação aos Estudos de Cramer, imagino que tenho a obra quase pronta – 84 novos estudos adaptando-se aos 84 de Cramer! Todos Estudos interessantes e não acompanhamentos.

A obra está, além disso, dedilhada com esmero e anotada e com explicações minuciosas referentes aos diversos mestres precedentes, Bülow, Klindowth, etc..... Obra que deixa atrás a si todas as antecedentes e como estes Estudos estão destinados a ficar ainda por muito tempo em voga, o meu trabalho não há de ser indiferentemente aceito e acharei não só o Ricordi na Itália como algum editor da Alemanha para os dar à publicação.

O Rio de Janeiro está atualmente uma cidade em ruínas. – está se botando tudo abaixo e levantando uma nova cidade. Por causa da grande Avenida foi a nossa casa posta abaixo e tivemos que nos mudar para a Rua Sete de Setembro. – foi para nós um grande transtorno e um prejuízo grande mas daqui a 2 anos espero já estar instalado numa casa mais digna de o receber.

Agora comunico-lhe que tornei a casar há pouco tempo e terei o prazer de lhe apresentar minha nova consorte quando aqui vier.

Tenho repassado com grande interesse os trabalhos Bach-Busoni. – tenho tocado a Chacone em ré menor – é uma peça de um efeito admirável e que se adapta bem ao meu temperamento.

O diabo é que os meus 61 anos já se estão fazendo sentir e a velhice vem aí a passos colher-me nos meus esforços! –

Caro amigo, queiram apresentar-te os meus respeitos a sua esposa e aceitar os protestos de
minha muita estima e admiração.

Arthur Napoleão

P.S.

Devo ainda acrescentar alguns pormenores em relação à estada do Schelling e do Bauer aqui.

O Luiz de Castro que anda comigo atravessado por causa dos negócios do Instituto entusiasmou-se com o Schelling de um modo inacreditável!

Chegam a dizer na Gazeta que enfim tinha-se ouvido no Rio de Janeiro interpretar Chopin conforme a tradição e não como geralmente se tocava etc, etc.... pálidos intérpretes, que exagerávamos....

Lors [em francês] nós éramos uns asnos dava ele a entender e que era preciso ter vivido na Polônia para entender daquilo.

Ora justamente o que eu, Bevilacqua e outro do *métier* achamos é que ele não toca bem Chopin. Eu pelo menos que vivi também em Varsóvia pouco depois da morte do dito, asseguro que nenhum discípulo de Chopin o interpretava dessa maneira.

O público aqui, a princípio, o aceitou e aplaudiu entusiasticamente. Afinal ficou um pouco em dúvida no fim, pela atitude de algumas autoridades.

O Schelling tem talento e é um excelente rapaz, mas a crítica verdadeira e autorizada tem muito ainda a observar-lhe, principalmente do autor em questão.

O Bauer não há dúvida que é um pianista que atualmente pode competir, em virtuosidade, com qualquer outro. Em todo caso, estas polêmicas vieram despertar de certo modo o interesse pelos artistas e não foi prejudicial à nenhum deles. Antes pelo contrário, falei muito nesta ocasião e eu mesmo fui metido muito na dança.

Hoje termino e você me desculpa se já lhe dei um tão grande estopado!

Seu amigo e sincero admirador
A Napoleão.

ANEXO E

MATERIAL ICONOGRÁFICO

a) Arthur Napoleão em trajes de menino prodígio. Fonte Arquivo Nacional – Rio de Janeiro.



Anônimo.

- b) O Sr. Comendador Arthur Napoleão trajando casaca com insígnias. Fonte Arquivo Nacional – Rio de Janeiro



Fotógrafo Insley Pacheco (1830-1912)

c) Arthur Napoleão aos 57 anos. Fonte Arquivo Nacional – Rio de Janeiro



Fotógrafo Insley Pacheco (1830-1912)

d) Arthur Napoleão. Fonte Arquivo Nacional – Rio de Janeiro.



Fotógrafo Insley Pacheco (1830-1912)

- e) Vianna da Motta (esquerda), Arthur Napoleão (sentado) e Bernardo Moreira de Sá (direita). Fonte Arquivo Nacional – Rio de Janeiro



Fotógrafo Insley Pacheco (1830-1912)

- f) Foto da medalha comemorativa do Jubileu de ouro do primeiro concerto de Napoleão no Rio de Janeiro, ocorrido em 1907. Fonte Arquivo Nacional – Rio de Janeiro.



Fotógrafo: A. G. Girardet

- g) Foto do busto de bronze esculpido por Rodolfo Bernardelli (1852-1931). Fonte Arquivo Nacional – Rio de Janeiro



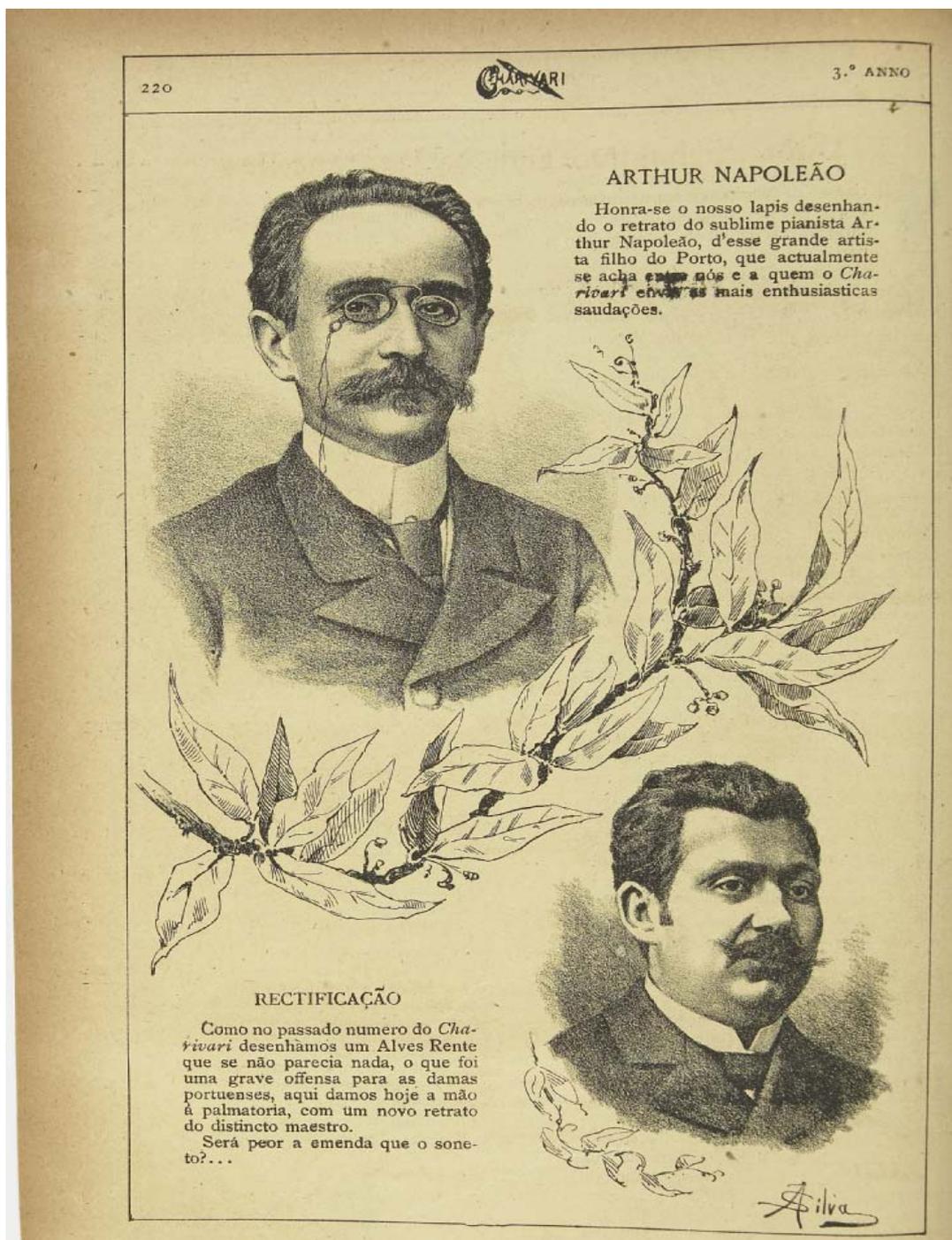
Anônimo.

h) Litografia de Arthur Napoleão, Junho de 1850. Fonte: Biblioteca Nacional de Lisboa



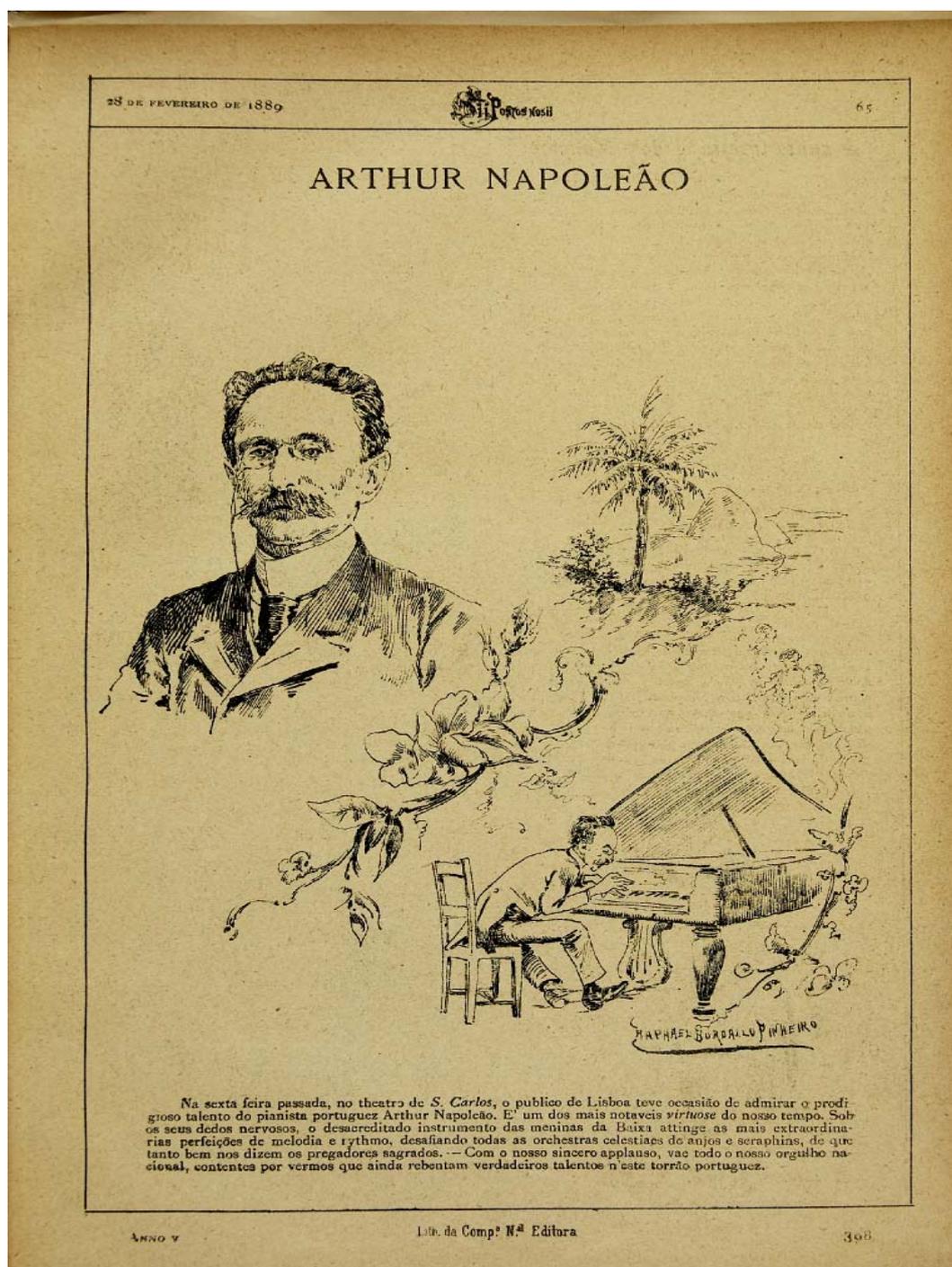
Miguel Faustino Xavier (ca. 1830-1880).

i) Arthur Napoleão. O Charivari, 23 de março de 1889, Lisboa. Fonte: Biblioteca Nacional de Lisboa



Desenhista Antônio Silva

i) Arthur Napoleão. Pontos nos ii, 28 de fevereiro de 1889, Lisboa. Fonte: Biblioteca Nacional de Lisboa.



Artista visual Raphael Bordallo Pinheiro (1846-1905)

- i) Hóspedes Ilustres. Periódico O Antônio Maria – 28 de junho de 1883, Lisboa. Fonte Biblioteca Nacional de Lisboa.



Artista visual Raphael Bordallo Pinheiro (1846-1905)